


PACO  EDITORIAL

INDIVÍDUO LÍNGUA SUJEITO

Sebastião Elias Milani

O ser humano se ofende ao ser comparado a um animal, somente aceita quando o animal estiver idealizado. Entre o mundo natural das coisas e o mundo social da língua, coloca-se o ser humano, a medida de todas as coisas. Mesmo se tornando um sujeito da sociedade, o ser humano continua a ser uma coisa da natureza e nunca poderá ser algo fora dela. São muitos os discursos filosóficos que apontam para uma perfeição espiritual transcendental e apregoam um comportamento social para os seres humanos com vistas a alcançarem essa perfeição. Na sociedade, age como sujeito, mas é julgado e sancionado como indivíduo.

INDIVÍDUO LÍNGUA SUJEITO

Sebastião Elias Milani

PACO  EDITORIAL

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues
Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani
Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi
Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna
Prof. Dr. Carlos Bauer
Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha
Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida
Prof. Dr. Eraldo Leme Batista
Prof. Dr. Fábio Régio Bento
Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira
Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva
Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa

Profa. Dra. Ligia Vercelli
Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Prof. Dr. Marco Morel
Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira
Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva
Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins
Prof. Dr. Romualdo Dias
Profa. Dra. Rosemary Dore
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus
Profa. Dra. Theilma Lessa
Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt

©2020 Sebastião Elias Milani

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M585i

Milani, Sebastião Elias.
Indivíduo, língua, sujeito/ Sebastião Elias Milani. - 1. ed. - Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2020. 112p.; 21cm.

Referências
ISBN 978-65-87782-15-7

1. Língua. 2. Conhecimento. 3. Criatividade. 4. Sujeito. 5. Indivíduo.

I. Título.

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

20-65401

CDD 410
CDU 81'4

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
11 4521-6315 | 2449-0740
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal.

SUMÁRIO

Introdução	5
Conclusão	17
Capítulo 1: Sobre as sensações	27
1. Em Platão, a forma da sensação como o conhecimento no indivíduo	27
2. Étienne Bonnot de Condillac: das sensações nasce o sistema do homem	41
3. Para Herder o ser humano inventou a língua ao praticar a reflexão	57
Capítulo 2. Sobre a língua, o indivíduo e o discurso	67
1. Em Humboldt, o indivíduo pela língua torna-se também cidadão	67
2. Entre Humboldt e Saussure: Schleicher e Whitney	77
2.1. Em Schleicher, o estilo é individual e intencional	77
2.2. William Dwight Whitney conceituou língua e linguagem e homem e indivíduo	80
2.3. O conceito de indivíduo na linguística estadunidense	86
2.3.1. Em Edward Sapir, na sociedade o indivíduo adquire a fala	86
2.3.2. Em Leonard Bloomfield, individualidade e subjetividade são concomitantes	88

Capítulo 3. Sobre a língua, o sujeito e o texto	91
1. Em Ferdinand de Saussure, o indivíduo produz texto como sujeito-falante.	91
2. Em Antoine Meillet, o sistema da língua é individual.	96
3. Em Hjelmslev, o indivíduo torna-se sujeito falante, como em Saussure.	100
4. Em Émile Benveniste, a sociedade e o indivíduo só são possíveis pela língua.	104
Referências Gerais	109

INTRODUÇÃO

Assume-se neste texto que o indivíduo pertence a uma espécie, tem a capacidade e, por isso, aprende a linguagem própria de sua espécie. Assim, o único modo do indivíduo humano aprender é por meio da língua, que é o acúmulo cultural e a expressão do modo de pensar da sociedade e que é a forma da linguagem de sua espécie. Enquanto adquire a fala, o indivíduo adquire também a cultura da sociedade. Ao adquirir a cultura, o indivíduo se torna um cidadão assemelhado aos outros. O fato central neste trabalho gira entorno da relação língua e indivíduo. O indivíduo como ser vivo inteligente e independente, que é construído pelos mecanismos de instrução social através da língua para ser agente, cidadão e sujeito da sociedade.

A gramática moderna surgiu da tradição gramatical, desde os estudos de Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.). Na obra *As categorias* encontra-se a primeira discussão sobre o sujeito. Suas definições atravessaram todos os séculos, continuam presentes nas gramáticas das línguas modernas e fazem parte da continuidade conceitual em todas as áreas do conhecimento linguístico e filológico e de outras áreas afins a essas, aquelas que também têm seus fundamentos nessa obra. Qualquer noção conceitual vinculada aos estudos das línguas tem seus fundamentos na filosofia greco-latina. Especificamente as noções gramaticais são originadas na gramática greco-latina. São várias razões, a principal é a herança linguística e cultural. As línguas modernas da Europa, que se espalharam pelo planeta, são descendentes dessas línguas como variação filial ou como filiação cultural.

Assim, a cultura chamada ocidental é de origem greco-latina. Está escrito em *As categorias* (2010) que se pode predicar algo de um sujeito, embora jamais esteja presente em um sujeito e que nunca se pode afirmar de um sujeito o que em sua natureza é individual e também numericamente uno. Do que se disse fica evidente que o nome e a definição dos predicados

podem ser ambos afirmados do sujeito, o nome e a definição da espécie se aplicarão, assim, ambos ao sujeito e no que concerne a uma substância secundária, tanto o nome quanto a definição aplicam-se também ao caso do sujeito. Aristóteles explicou que as definições da espécie (o homem – a espécie humana) e a do gênero (o animal) são usadas referindo-se a um indivíduo humano, portanto, a substância não se encontra num sujeito.

Louis Hjelmslev em seu livro *Princípios de Gramática Geral* (1928, p. 33) escreveu que a concepção gramatical tem origem na gramática greco-latina da antiguidade e na teoria escolástica. Como se disse acima, a tradição gramatical, iniciada por Aristóteles e pelos estoicos, se impôs a toda a gramática moderna. As noções de sujeito e de predicado têm sua origem na lógica pura. Assim, o sujeito é sobre o que se está falando e é o que está na base de uma oração. O predicado é o conteúdo mesmo da oração. A base desse conhecimento está na obra de Aristóteles e faz parte da concepção dessas categorias da linguística moderna.

O indivíduo é o ser que tem alma, portanto, é o animal. Essa ideia começou em Platão (428/427 a.C. – 348/347 a.C.), no *Fedro* ou *Fedão*, e atravessou a filosofia da linguagem até a atualidade. O cidadão estaria no topo da evolução entre os reinos mineral, vegetal e animal. O mineral não possui vida, o vegetal possui vida, porque se alimenta. Essa é uma das características da alma, segundo Aristóteles, porém entre os vegetais só há espécies. O animal, além de se alimentar, se movimenta. A existência do movimento cria a individualidade, porém a alma não oferece a possibilidade das escolhas, o animal não pode escolher, porque não pode conhecer, ele apenas sente. O animal sente dor e prazer, isso faz dele um ser único, diferenciado de qualquer outro animal. O desejo de possuir o caracteriza completamente, ou seja, para o animal somente interessa o que a ele pertence, aquilo que não é seu território não tem valor.

O fato é que ao se movimentar o ser vivo adquire independência, logo individualidade. Essa condição vale para qualquer animal: a individualidade pode ser percebida em qualquer um.

Porém, interessa a mim discutir neste trabalho o animal ser humano, cuja individualidade é medida pelas ações cognitivas. Tal e qual todo animal, sente dor e prazer, nessa condição passional, qualquer um e todos são identificáveis por sua individualidade. A individualidade do ser humano transcende a condição da animalidade, indivíduo da natureza, e atinge a condição de espiritualidade, sujeito da cultura.

A identidade, que faz par com a individualidade, consiste na possibilidade de separar fisicamente um ser dos outros seres, logo, por um lado, se há materialidade física e movimento, há identidade e individualidade. Por outro lado, no ser humano, a identidade resulta das escolhas que o indivíduo, subjetivamente, faz entre as possibilidades que a cultura de sua sociedade oferece. Ele nunca pode ter tudo e sua *inclinação natural* o faz escolher os elementos que condiz com sua personalidade. Tais escolhas e elementos culturais finalizam por ser sua identidade, porque o identifica perante os demais e o relaciona com tudo que tem individualidade também.

De todas as formas o ser humano deseja não ser um animal e se ofende ao ser comparado negativamente a um. Geralmente quando um ser humano quer ofender outro, faz comparando-o a um animal, os homens são comparados pela imaginária brutalidade e agressividade, às vezes pela cor da pele e a sexualidade, e as mulheres pelo aspecto imaginário da sexualidade e da moralidade, mas também pela cor da pele. Assim, a sociedade, agrupamento de seres humanos, é a negação da natureza. Destrói-se toda a natureza do espaço e cria-se um ambiente completamente artificial e profundamente controlado em que a natureza é tratada como perigosa e suja. A sociedade humana, o Estado aristotélico, apesar de se parecer de muitos modos com as sociedades de insetos como formigas e cupins, é a grande evidência de que o ser humano rejeita sua condição de animal e deseja uma condição espiritual.

Em Platão, no diálogo *Crátilo*, foi feita uma discussão sobre como o ser humano coloca nomes nas coisas do mundo. Só existe o que tem nome, em específico, que tem nome para aquele ser

humano, porque é nele, em sua mente, que os nomes estão. Pelos sentidos, no Diálogo *Teeteto*, o indivíduo sente as sensações, que o fazem encontrar o reconhecimento das coisas, mas o conhecimento só existe nos nomes na língua, pertence ao indivíduo, em sua mente está o ser-humano, cultivado pela língua.

Retomando, os textos, socialização dos discursos, são dependentes de seus predecessores e não há possibilidade de se interpretar um discurso isolado e afastado da história. A compreensão de um texto depende de conhecer o jogo de memórias e de formações ativadas naquele contexto, ou seja, nenhum discurso/texto é independente. Do ponto de vista de seu enunciado, nenhum discurso-texto é ruptura, a fórmula da competência linguística humana prevê o aprendizado de formação, ou seja, os conceitos sempre são transmitidos de uma geração a outra.

Dessa forma, o componente mais importante é o próprio ser humano: "a medida de todas as coisas", como dissera Platão, no *Teeteto*. Acima de tudo, para conhecer a obra de alguém é importante saber seu nome de origem. Todos os seres humanos sempre são partes integrantes de uma época e de um lugar. Esses fatores são inalienáveis a qualquer ser pensante. Quando é estudada uma obra, é marcante a relação entre a forma e os elementos que a compõem com o fator época da produção. A partir da época, podem-se prever características básicas de sua composição.

Os fatores pertinentes à formação do ser humano se agrupam em duas categorias: aqueles que só tiveram pertinência para aquele indivíduo e aqueles que podem ser generalizados para um grupo. Algumas influências ocorrem distintamente e outras ocorrem em conjunto entre si. Assim, as subjetividades estão expostas a essas implicações externas, a elas devem ser aplicadas as implicações internas ou as idiosincrasias, ou seja, cada um dos seres humanos aprende e desenvolve paixões de modo particular e único a partir da sociedade.

O contexto social, portanto, em que a obra foi produzida determina a direção em que os conceitos foram concebidos. No entanto, as obras apresentam outras características, além da-

queelas determinadas pelo tempo e o espaço social. A historio-
grafia de uma sociedade é feita, acima de tudo, pelo conjunto
dos seres humanos que a compõem. O ser humano, na perspec-
tiva contínua da história, tem grande independência sociomoral
e psicossocial. Dessa forma, a mesma carga semântica, passada
ou presente, tem efeitos e resultados diferentes em cada mem-
bro de uma sociedade. Isso acontece por força de fatores tipica-
mente individuais de captação de sensações na evolução como
sujeito: fatores externos e internos como sensibilidade a certo
tipo de situação, inteligência, fragilidade, agressividade, afetivi-
dade, sinceridade, coragem, autoestima e, principalmente, com-
petência adquirida na manipulação da língua a ser textualizada.

Por seu lado, o método se compõe de elementos sociocul-
turais que se interseccionam. Compreende-se que o conheci-
mento é social e linguisticamente manifestado: cultura e língua,
como dois lados de uma folha. Assim, elementos da história e da
arte se misturam com elementos filosóficos e científicos, mani-
festados nos discursos na língua. Na cognição, esses elementos
passam por um tratamento único, ligado a cada idiosincrasia.
O texto de um sujeito é igual nos conceitos aos de seus con-
temporâneos, compatriotas, confrades etc., mas é metodologi-
camente único e específico, como seus sentidos e aparência. O
texto revela na exata medida os conceitos da sociedade na qual
o sujeito esteja locado e o método que ele usou para compor.

Todo o conhecimento está disponível na língua, e todos os
indivíduos da sociedade estão educados na língua. Ao amadu-
recer, o sujeito continua a adquirir língua, porque a capacidade
de assimilar do indivíduo nunca acaba, estando em contato com
outros sujeitos, continua a assimilar língua-conhecimento-cul-
tura. Ele muda porque sua cultura individual se amplia. Domi-
nando outros conhecimentos, transforma-se enquanto sujeito,
porque se torna outro sujeito. Assim, os sujeitos são sempre re-
novados na língua, conhecimento ou cultura, mesmo sendo o
mesmo indivíduo. Os indivíduos de uma sociedade, a cada novo
aprendizado, são sempre sujeitos novos. Porém, continuam a

ser reconhecidos pela individualidade, porque são criaturas livres para escolher, e são sempre julgados como sujeitos, porque são devedores oprimidos da sociedade, e são sempre punidos como indivíduos, porque tinham a liberdade de escolha.

O sujeito está no controle de si, porque está no controle de seu aprendizado. Propositadamente o sujeito pode escolher o que, quando e quanto aprender. Na sociedade são muitas as formas instituídas para promover o aprendizado, porque existe uma estrutura, tendo a língua como base, disposta e competente para facilitar a interação entre os seres humanos. *Desenvolvimento* tem como significação mais positiva a existência na sociedade dos recursos de transformação do sujeito. O indivíduo está definitivamente submetido à condição de sujeito, porque não pode existir fora de uma sociedade. Na verdade, nasce como um animal que mama, para ser desmamado. Há uma íntima vinculação entre o indivíduo que mama e o sujeito desmamado, literalmente e metaforicamente, e isso se vincula ao estágio de aquisição da língua, do conhecimento e da cultura e de exercício do discurso.

O sujeito, individualmente, precisa escolher qual conhecimento aprender, mas não pode escolher não aprender, porque o aprendizado ocorre desde a mais tenra juventude, estágio em que o indivíduo não é forte o bastante para escolher não aprender. Quando o indivíduo for forte o suficiente para escolher, é porque já está constituído como sujeito, portanto, não aprender é uma escolha subjetiva que transforma o sujeito tanto quanto aprender, logo, se constitui num desenvolvimento. Naturalmente, os indivíduos sempre escolhem aprender, isso está vinculado à transformação evolutiva do espírito, parece ser a intenção de todo ser humano: querer aprender. Constituído como espírito, está apto a ser um cidadão, portanto, na natureza, na evolução da espécie humana, o indivíduo da natureza escolheu ser um sujeito da cultura.

Pensando assim, a continuidade e a descontinuidade das gerações são profundamente necessárias: pelo valor que uma geração tem para as posteriores pode-se medir sua importância no curso da humanidade. É essa realidade que coloca a humanidade

em suas gerações sucessivas em períodos mais fáceis ou mais difíceis de atravessar, o que contribui para avanços sociais. Essa inquietude, que joga parte desses conceitos no desconhecido e no inexplicável, é importante para a formação da subjetividade, porque gera um fascínio pelo passado e pelo futuro. Quando se considera a perspectiva de que o cientista é o resultado da manifestação dos objetos e das ações culturais e físicas do mundo, tal qual o artista, o ser humano comum etc., o cientista tem seu discurso sempre alavancado pelas questões essenciais da sociedade. Portanto, seus objetos de estudo vão permear os anseios da humanidade e sempre serão respostas para um questionamento comum a todos, orientadas pelo conhecimento já disponibilizado.

O que é diferente em cada um dos sujeitos de uma língua é seu método, sempre individual. Cada um deles tem uma história de vida que não se iguala a ninguém mais. Os elementos sociais, assumidos pelos seres humanos através da língua, sofrem a ação da recepção subjetiva desses elementos, o filtro está em vários pontos, mas todos são da natureza do indivíduo. O que é assimilado por um indivíduo é uma representação do conjunto dos valores culturais que existem na língua, mas a resposta corresponde em cada um dos sujeitos à medida da distância social, espacial, temporal e psíquica, que estiver do conhecimento. A resposta que um sujeito dá para a sociedade, em qualquer questão, depende do arranjo historiográfico de sua existência como indivíduo.

É, portanto, a relação com o mundo exterior ao linguístico que gera a atualização da língua. O sujeito conta com suas experiências diárias para incorporar substâncias ideadas à língua. Esse sujeito internaliza e externaliza a cultura e se encontra individualizado no mundo das coisas pela substância de seu corpo físico. É da relação de seu corpo com tudo que é sensível, que o indivíduo estrutura sua experiência humana subjetiva em formas, as quais são contribuições para a cultura da sociedade.

A forma da língua, ou a língua como se costuma dizer, é a materialização em sons articulados da cultura de uma coletividade, que é o discurso de um indivíduo e o texto de um sujei-

to. Todas as línguas são constituídas pela ação do pensamento de um ser humano, substância do conteúdo, e manifestada na forma de sons articulados, formas da expressão. Essa seria a fórmula humana de construir a expressão linguística.

As divisões territoriais criam diversidade linguística. Quanto mais próximos forem os territórios em relações diretas mais elementos comuns terão as culturas. Do ponto de vista da diversidade, uma estrutura comum, constituída desde o nível mais profundo, emergirá com características diversificadas em diversos lugares, na manifestação em texto falado, sobretudo. A divisão em grupos sociais é a mais categórica, porque implica numa identidade cultural e linguística. A diversidade linguística ocorre também dentro do território nacional, de modo regional e também de modo individual. Assim sendo, cada ser humano tem sua própria forma linguística, desenvolvida por ele mesmo pelo compartilhamento de experiências com outros seres humanos e concidadãos seus.

A estrutura linguística é uma propriedade do indivíduo em seu pensamento e sua manifestação ocorre unicamente no contexto da troca de experiência entre seres humanos. O discurso-texto não pode ser individual somente, é sempre individual e compartilhado, mas compartilhado dentro de uma relação comum e mútua com outros sujeitos, convives de uma mesma cultura. Essa cultura é o que constitui a identidade, fora dela a individualidade não existiria. Assim, o pensamento do indivíduo alimenta o mundo com novos exercícios subjetivos e se alimenta dos exercícios que recebe dos outros.

Não existe ser humano adulto que não tenha uma individualidade de pensamento, porém, deve-se dizer que não existe ser humano sem outro ser humano com quem se comparar, porque a identidade é feita das experiências compartilhadas. O ser humano é sempre um indivíduo que se tornou um sujeito de uma variedade linguística dentro de uma sociedade. O ser humano nunca deixa de ser indivíduo, porque tem um corpo físico individual, mas não pode viver isolado, precisa dos outros para continuar existindo, para isso se torna um cidadão

(homem ou mulher). Por exemplo, nenhum ser humano se reproduz sozinho; ninguém fala sozinho etc.

É preciso ter claro que a língua como estrutura prévia ao indivíduo não existe. A expressão linguística é desenvolvida pelo indivíduo dentro de si, pela reiteração de conceitos e de usos de nomes. Essa repetição, mesmo que nunca seja igual, porque cada repetição de fato é uma recriação, cria muitas regularidades que podem ser observadas tecnicamente e transcritas como uma fórmula. O que existe no contexto da coletividade é um impulso psíquico formado de sensações, emoções e reflexões nomeadas, repetidas numa transformação subjetiva, numa ordem assemelhada àquela sentida e ouvida em outras circunstâncias.

A Gramática Comparada, o primeiro método científico para o estudo das línguas, nasceu da revisão das obras clássicas. Na Alemanha o movimento é chamado de classicismo, foi a retomada antropofágica dos conceitos de ideação das filosofias grega e latina. A Gramática Comparada descobriu a cultura indiana antiga para a Europa e redescobriu o passado da cultura europeia, primeiramente pelo aprendizado do sânscrito e depois do zend. Todas as obras desse período, que alcançou o início do século XX, tiveram nessas três culturas e línguas as fontes básicas conceituais e a inspiração metodológica.

A ideação é humana, sendo o ser humano um animal, é caracterizado pelo movimento, alimentação e cognição. Ao se movimentar, o ser vivo é livre dentro de seu grupo, é um indivíduo na medida de ser um contribuinte específico, ou seja, com um papel específico e exclusivo. A cognição separa o ser humano dos outros animais, porque permite que ele seja, por meio da memória, um ser com muitas contribuições para o grupo, sempre de modos diferentes.

A cognição é alimentada pelos sentidos. A memória é alimentada pelas sensações experienciadas pelo ser humano na relação com o mundo físico que o cerca. As sensações são armazenadas na memória, já que a memória só pode ser alimentada de conhecimento. As sensações não são o conhecimento. As sensações são o conheci-

mento quando são interpretadas por uma estrutura, com diferentes códigos para cada um dos sentidos, que podem ser treinados para perceber significação em níveis cada vez mais apurados.

Logo, as palavras se comportam como um indivíduo no interior da estrutura linguística. Composta de unidades sonoras e de significação, as palavras contribuem para o conjunto da expressão linguística sempre de maneira única e individual. Logo, seu valor é retirado da significação nela fixada pela memória e pelo conjunto que forma com outras palavras no texto.

Todos os animais têm uma forma de comunicação própria, com a qual já nasce e é capaz de se comunicar com os indivíduos de sua espécie. O ser humano está entre aqueles que nascem mais indefesos, na verdade, o ser humano nasce pusilânime, porém, igualmente aos outros animais possui uma forma própria de comunicação, que não é *inata*, mas adquirida, que não é pantomímica, mas fruto da inteligência.

Deve-se privilegiar a língua como o único modo de interpretação das sensações e o único modo de memorização do conhecimento. Classificar as línguas como os lugares das culturas. Desse modo de análise, o ser humano, ser de inteligência e de consciência, indivíduo de corpo e alma, memoriza palavras pelo processo de repetição das estruturas. Ao adquirir a forma da estrutura e memorizar as palavras, o indivíduo vai sendo moldado à semelhança de seus compatriotas e torna-se ele também um agente multiplicador da cultura, à medida que se torna sujeito-cidadão respeitado e livre no grupo. Assim sendo, o ser humano é o indivíduo pertencente à espécie e o cidadão pertencente à sociedade, atuando por meio de seu discurso-texto, torna-se um sujeito.

De Platão até o Iluminismo os temas dos estudos filosóficos sobre a linguagem se concentraram no modo como corpo humano, que é parte da natureza do planeta, podia fazer significar sensações. Os participantes são almas, que se alimentam e que se movimentam, cuja inteligência os unificou em um Estado, e são individualidades.

Na Gramática Comparada já era sabido que a língua, criada pelos seres humanos, era a fórmula para fazer as sensações naturais do corpo terem significado. Humboldt disse que as sensações são as formas simples e as ideias as formas concretas, que podem ser nomeadas. Toda língua pertence a uma nação, de quem é uma representação da cultura, e aos indivíduos, que são os cidadãos dessa nação. Os participantes são homens-individuais.

Na Neogramática entre Whitney, Saussure, Meillet e Benveniste, a língua independe da natureza, é a fórmula para o pensamento, sendo o texto o produto de qualquer materialização. A língua é social. Os participantes da sociedade não existem fora dela e são sujeitos-falantes.

O que se costuma chamar de linguística moderna começou no início do século XX na Suíça e França e nos Estados Unidos, a partir de estudiosos que foram formados na Alemanha ou estudaram com estudiosos formados na Alemanha. Neste trabalho, escolheram-se as obras de Sapir, de Bloomfield dos Estados Unidos, são os nomes mais citados nos livros de história dos estudos linguísticos, como os iniciadores desse campo de estudo por lá. Da Europa, por sua importância no Brasil e no mundo em geral, a obra *Curso de Linguística Geral*, atribuída a Ferdinand de Saussure, e o livro considerado a mais importante da obra de Antoine Meillet, *Gramática Comparada e Gramática Histórica*. Meillet tem importância inigualável na formação dos estudos sobre a língua, porque tem muitas obras sobre muitos assuntos da Gramática Comparada. Também porque foi aluno de Ferdinand de Saussure em Paris, foi quem o substituiu na Sorbonne e foi professor de vários dos grandes estudiosos da linguística no século XX, entre esses, Emile Benveniste e André Martinet (1908-1999).

Os estudos da língua nos Estados Unidos, ou a Linguística, nasceram de estudos antropológicos, vinculados aos povos autóctones dos Estados Unidos e Canadá. Tanto a linguística europeia quanto a estadunidense se desenvolveram a partir dos estudos das escolas de Leipzig e de Berlim de Gramática Com-

parada. Conseqüentemente, apesar da pouca troca de dados entre as duas, apresentam grande semelhança nos temas e nos conceitos, por isso sem nenhuma dificuldade se pode colocar as duas sob um mesmo nome de *Linguística*.

CONCLUSÃO

Diante dessa condição conceitual de indivíduo e de sujeito, está-se diante da condição conceitual de natureza e cultura ou natureza e sociedade ou instinto e cognição ou língua e discurso-texto. Na formação do indivíduo em sujeito está a aquisição da fala ou a língua, estas como as transmissoras das regras, e a regra primordial para a inevitável condição que tem necessidade todo ser humano de estar integrado a uma sociedade. A sociedade humana exercita o desejo de não ser grotesca e exercita o desejo de ser sublime, por isso esforça-se para manter os prazeres do corpo animal, como comer, beber, fazer sexo, se reproduzir etc. e também se esforça para promover a transformação da alma em espírito. Conscientemente a sociedade é absolutamente opressora, porque tem como principal princípio reprogramar os instintos em intelecto, para isso reprime os prazeres descontrolados e incentiva a opressão controlada.

Desde a Gramática Comparada, o estudo sobre a língua se pautou pela distribuição conceitual entre o indivíduo e o sujeito. Empiricamente esteve sempre claro, desde Platão e certamente antes, que a comunicação humana é dependente do corpo físico individual e que o indivíduo é, na *sociedade* ou no *Estado* como disse Aristóteles ou na *nação* como disse Humboldt, aquilo que a língua, que aprendeu a falar, fez dele. A língua molda o indivíduo e, nos estudos sobre a linguagem, aprendeu-se a compreendê-lo nessa moldura cultural, usando o nome *sujeito*. A primeira vez que essa moldura ganhou nome foi nos escritos de Humboldt, em alemão "einzelne-Mensch". Na língua francesa foi traduzido por "homme individuel" em princípio, inclusive nas traduções dos textos de Schleicher. No *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure o nome que aparece é *sujeito-falante*. Hjelmslev, Bakhtin ou Volóchinov e Benveniste chamaram esse indivíduo cultural, que se enuncia no discurso-texto, de *sujeito*.

Na idade clássica, Platão discutiu a existência e constituição do ser humano no mundo. Seus temas foram: como é a existên-

cia da vida e como o ser humano se difere dos outros animais. A partir da descrição do mundo, aponta a constituição dos animais em corpo e alma, diferente dos vegetais que só tem o corpo. Aristóteles desenvolveu a ideia, e para ele os vegetais têm vida porque se alimentam, mas todos os exemplares da espécie são idênticos, os animais se alimentam e se movimentam, além da vida possuem a individualidade. O ser humano, além da individualidade, possui inteligência, por isso se transforma continuamente nas relações com outros seres humanos pela orientação que o Estado oferece.

Platão, no *Fedro*, separa no ser humano o corpo e a alma, sendo o corpo mortal e a alma imortal. A alma quando se desprende do corpo volta para o lugar onde estava antes de habitar o corpo e espera ali para voltar para outro corpo. A alma é que transforma o corpo para o aprendizado e a filosofia. O corpo tem a individualidade, como demonstrou Aristóteles, é a alma que sente prazer e dor e faz as escolhas. Em Platão, as escolhas do espírito colocam o ser humano mais próximo da vida mortal do corpo ou mais próximo da imortalidade da alma. Para atingir a verdadeira sabedoria, o ser humano deve examinar os objetos somente com o pensamento, sem que a corrupção das sensações do corpo esteja atrapalhando. Assim faz o filósofo, que sempre escolhe viver na pureza da alma, abrindo mão dos prazeres do corpo, mesmo que seja muito criticado por isso pelos outros seres humanos.

No *Teeteto* e no *Crátilo*, Platão demonstra como o ser humano alcança a sabedoria. Só pode ser sábio quem sabe o que é o conhecimento, porque esse será capaz de adquiri-lo. Não poderia adquirir conhecimento, seja de qualquer arte, quem não souber o que é o conhecimento. No *Crátilo*, fica-se sabendo que o conhecimento está nos nomes, porque conhecer é sempre reconhecer e reconhecer é saber os nomes para as coisas. Conhecer em princípio são as sensações percebidas através dos sentidos, mas as sensações não bastam a Teeteto para que ele tenha o conhecimento, porque as sensações dos sentidos do corpo dependem da alma para serem conhecimento. Assim, a alma, que sente as sensações, terá de encontrar uma fórmula para além das sensações,

que permita a ela transformar as sensações em conhecimento e sabedoria. No *Crátilo*, os nomes são para o ser humano o reconhecimento das coisas da natureza, como instrumentos que sempre podem ser substituídos por outros mais perfeitos.

O inatismo, presente na obra de Platão, continuou sendo debatido por toda a Idade Média. O metafísico sempre era a mais importante resposta para as questões da vida humana. Esses temas voltariam no Iluminismo com outro perfil: a negação de saberes inatos e a negação de explicações metafísicas. Todas as respostas deveriam ser dadas pelo ser humano a partir de sua ação física inteligente no mundo. No início do Iluminismo, considerado do século XVI até meados do XVII, houve o confronto do metafísico e do físico, sendo que o metafísico não era negado. No final, considerado os séculos XVII e XVIII, ocorre a negação veemente de conhecimentos inatos e a racionalidade dos seres humanos seria exortada como sendo a única possibilidade de alcançar a sabedoria.

Neste texto, adotaram-se Condillac e Herder, pensadores do Iluminismo para demonstrar a transformação nos estudos filosóficos para o racionalismo, que colocou a linguagem como a fórmula para alcançar o conhecimento. Condillac, em três de suas obras: *Tratado dos sistemas*, *Tratado das sensações* e *Lógica*, demonstra que os sistemas são constituídos por princípios e quanto menor o número de princípios mais perfeito ele será, o ideal é que o sistema tenha somente um princípio. Também demonstra que os seres humanos somente encontram os sistemas quando estão sentindo necessidade deles. Condillac mostrou que é pelas sensações que os seres humanos conhecem o mundo. Os sentidos pertencem ao corpo e as sensações pertencem à alma, porém, para ele, a alma e o corpo não se separam, logo, as sensações são percebidas pelo corpo através dos sentidos e interpretadas pelo pensamento através da memória, comparando as novas sensações com sensações já memorizadas.

Na *Lógica*, Condillac explica que somente se pode analisar por meio de uma língua. As palavras são absolutamente neces-

sárias para formar ideias de todas as naturezas. Tudo, segundo Condillac, confirmava que somente pensamos por meio das palavras, que a arte de raciocinar começou com as línguas. Afirma que haveria uma linguagem inata, mesmo que não existam ideias inatas, diz isso porque sem a existência de signos, de uma espécie ou outra, previamente preparados, não seria possível analisar os pensamentos. Essa não é uma contradição, Condillac estava fazendo referência a uma evidente condição nos seres humanos de aprender língua, que Humboldt chamou de língua interna, Whitney de capacidade de linguagem, Saussure de capacidade de aprender uma língua, Noam Chomsky de Gramática Universal. Segundo Condillac: "a linguagem que denomino inata é a linguagem que não aprendemos, porque é o efeito natural e imediato de toda a nossa conformação" (1979 [1754], p. 106).

Herder afirma que os seres humanos têm uma língua natural da espécie, do mesmo modo que todas as espécies também têm. A dos seres humanos somente é natural nos gritos instintivos dos bebês; conforme ela se desenvolve, vai se afastando do natural e se tornando artificial. Artificialidade da língua humana está na representação simbólica, não se trata mais de gritos altos e fortes ou timbres assustadores e intimidantes ou frágeis e melódicos, mas de ordem e de poder. Tal língua teria surgido dos sentidos humanos pouco aguçados, precisamente da audição, que não transmite sensações tão cheias de detalhes, como a visão, ou tão confusas e pouco detalhadas, quanto o tato. A audição permite a exata quantia de informação que o raciocínio precisa para se desenvolver e criar representações. Diferentemente de seus antecessores Iluministas, Herder somente discutiu a fórmula da linguagem. Ele foi aluno de Kant, quem ensinou à civilização humana a ser moderna, afastando o metafísico e demonstrando a fórmula do método racional. A partir do pensamento racional puro, somente o que é físico e material poderia ser afirmado como existente, isso incentivou o grande volume de estudos sobre o som articulado que surgiria na Gramática Comparada, tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista descritivo.

Tanto Condillac quanto Herder falam da natureza do ser humano, de sua condição de existência no mundo. Em 1792, 20 anos depois de Herder, em plena Revolução Francesa, Humboldt, nos *Escritos Políticos*, começava sua obra em que o ser humano não é mais parte da natureza, mas sim parte de uma organização feita pelo próprio ser humano. Nessa organização, os seres humanos apresentavam características formadas pela essência de sua condição, constituída de um corpo físico independente e um pensamento moldado pela cultura nacional. Desse modo, em Humboldt, a existência do ser humano está condicionada por seu corpo físico, que lhe permite adquirir a língua, o armazém do conhecimento, pelos sentidos e por sua consciência, que lhe obriga a ser moralmente submisso à ordem nacional, a qual aprendeu ao adquirir a língua da sociedade. Em Humboldt, no ser humano estão atuantes a liberdade individual e a submissão moral ao coletivo, que ele nomeou de *einzelne-Mensch* (homem-individual).

Para Platão, a constituição das línguas pode ser sintetizada no seguinte arquétipo:

Nome	Logos	Imagem	Consciência	Inteligência	Sabedoria	Objeto
Cultura			Ser humano			Natureza

Em Platão, a cultura, criada pelo ser humano, representa a natureza. Somente existe aquilo que tem nome. O ser humano coloca nome naquilo que conhece para reconhecer depois. Na língua só têm nomes e verbos, que são os nomes na perspectiva da memória. Assim, somente existe para o ser humano aquilo que ele sabe os nomes, por isso a classificação das línguas em nomes substantivos, que englobam os numerais, em nomes adjetivos, que englobam os artigos e pronomes, e nomes advérbios, que englobam as preposições, as interjeições e as conjunções. Conforme está no *Crátilo*, os nomes são a parte menor, quer-se dizer acidental e substituível, e os objetos são a parte maior, permanente e insubstituível. Tudo somente existe porque o ser humano existe, porque ele é a medida de todas as coisas. Existe um princípio de

subjetividade em Platão quando se pensa que os nomes existem de maneira e em quantidades diferentes para cada um, isso acontece por causa da individualidade de cada alma.

Para Humboldt, o arquétipo da constituição da língua:

Diskurse / Sprache / Discurso / Língua externa	Consciência	Sprachebaues / Língua interna
Mensch Ser Humano/subjetividade		Einzelne / Individuum Individualidade
Homem/cidadão		Indivíduo

Para Humboldt, como para Schleicher, a língua está vinculada a nação ou ao espírito nacional ou cultura como nomeou Sapir. O espírito nacional engloba a natureza e existe na língua, assim o indivíduo ao aprender a língua aprende o espírito nacional e se constitui como cidadão daquela nação. Humboldt nomeou esse cidadão de homem-individual, porque uma vez constituído como cidadão, vai agir para consolidar o espírito nacional e para modificar, para o bem, aquilo que não estiver mais em consonância com a verdade da nação. Esse ato de aperfeiçoamento do espírito nacional e da língua ocorre no pensamento, que adapta a língua para a nova realidade, por isso ela está sempre perfeita, porque é a exata medida para a expressão do pensamento do povo que a fala. Humboldt deixa claro que a nação é a responsável pela condição estética do povo, logo, ensinar o bem e a moral ao povo, torna o homem-individual mais próximo do sublime. O grotesco é a condição egoísta, como explicou Herder, e o sublime é a condição altruísta. O altruísmo é desenvolvido artificialmente no indivíduo, afastando-o de sua linguagem natural e aproximando-o da língua artificial e nacional. Do modo de Humboldt e de Herder, a nação que quiser homens-individuais plenos da sublimação e do altruísmo deve ensinar a língua nacional e o espírito nacional a seus cidadãos.

Para Whitney, o arquétipo da constituição da língua:

Capacidade de Linguagem <i>/ Language /</i> <i>Langage</i>	
Discurso / <i>Speech /</i> <i>Parole</i>	Língua / <i>Language /</i> <i>Langue</i>

Whitney analisa a comunicação humana pelo prisma da sociedade. O conceito de sociedade de Whitney não se afasta muito do conceito de nação em Humboldt, porém, Whitney estava nos Estados Unidos, no final do século XIX, e ali o nacionalismo teria de ser mais brando porque uma grande parte da população era estrangeira. Além disso, a Neogramática, de que Whitney foi pioneiro, observava a língua pelo fenômeno de sua diversidade comunitária, sobretudo, nos Estados Unidos, onde se desenvolveu entre os antropólogos, a exemplos Sapir e Franz Boas. Whitney era professor de alfabetização e parece ter concebido o conceito de capacidade de linguagem observando o aprendizado de crianças, algumas mais velozes do que outras, a depender da temática. Para ele, a capacidade de linguagem, presente nos indivíduos, se desenvolve socialmente como *Speech* e se concretiza na instituição social língua.

Para Saussure, o arquétipo da constituição da língua:

Faculté de constitué une langue / Faculdade de constituir uma língua	
Parole/ discour Fala / Discurso	Langue Língua
Sujeito-falante	Indivíduo

Saussure discutiu no *Curso de Linguística Geral* (1995, p. 18) a proposta de Whitney, para ele o ser humano nasce com a capacidade de constituir uma língua, mas usou o termo linguagem com a mesma acepção que Whitney conceituou. Disse também, deferentemente de Whitney, que a língua não é uma instituição social como todas as outras, mas que era a primeira instituição social, aquela que torna as outras possíveis. Saussure

retorna ao conceito de Humboldt, dessa forma, de que a língua ensina o cidadão a pensar de acordo com a cultura. Como o ser humano nasce com a capacidade de aprender uma língua, ela é a primeira instituição que aprende, porque precisa dela para aprender as outras, melhor dizendo ele precisa do sistema da língua para aprender todas as outras coisas. O indivíduo que aprendeu a língua tornou-se sujeito-falante e é como sujeito-falante que existe na sociedade onde é um indivíduo. O indivíduo exercita sua linguagem, no conjunto língua e fala, como discurso-texto. De fato, o texto é a única forma de manifestação da linguagem, nele está o conjunto todo da linguagem, no texto somente existe o sujeito-falante, social como a língua e individual como a fala.

Esses três arquétipos resumem a transformação da proposta de Platão, o primeiro arquétipo, presente nos diálogos: *Fedro*, *Teeteto* e *Crátilo*; na obra de Humboldt na Gramática Comparada e na obra de Whitney na Neogramática. Depois de Saussure, na linguística europeia, esse modelo não mudou mais. Meillet, Benveniste, Hjelmslev e Volóchinov recuperaram todas as noções da Gramática Comparada. Benveniste, sob a orientação de Meillet, prefere o termo *linguagem* como característica para o ser humano, como está em Saussure, e explica a existência do ser humano como constituído pela linguagem, por isso ele é sempre sujeito, mesmo que seja reconhecido entre todos como indivíduo. As concepções de Benveniste para o discurso são próximas da de Humboldt. Em Humboldt, como em Platão, a individualidade é uma condição de independência física, retirada obrigatoriamente dessa condição, entretanto, a individualidade em Benveniste também é constituída pela língua na sociedade, à semelhança de Saussure. Assim, até mesmo a aparência física do indivíduo, por exemplo, está emoldurada pela cultura da sociedade, na qual é somente sujeito.

A linguística norte-americana, construída sob a égide dos estudos alemães da Gramática Comparada e valendo-se da abundância de línguas nativas indígenas para serem estudadas, chama o ser humano existente na sociedade de indivíduo. Con-

siderando a realidade racional, nas sociedades todos os seres são percebidos pela sua individualidade. Continuando a obra de Whitney, os estudiosos da língua Sapir e Bloomfield entendem que não existe ser humano não linguístico, ele é aquilo que produz como discurso na comunidade de fala. Sapir separa o animal do ser humano, o animal pertence à natureza. O ser humano somente existe na sociedade e sempre como indivíduo. Para Bloomfield, também a individualidade é fruto da existência do ser humano em sociedade, o indivíduo não existiria fora do *speech community* (comunidade de fala).

Em síntese, para todos: o indivíduo é o ser humano que nasce e morre; é o corpo físico que pertence ao planeta, ao qual a natureza devolverá a matéria. O corpo nasce quase totalmente incompetente para todas as atividades, exceto uma, a de se alimentar. Nesse ato um ser social começará a ser alimentado, porque cada sociedade tem um tipo diferente de alimentação. O ser que nasceu não pode lembrar daquilo que não sabe, só pode saber aquilo que é língua, por isso a memória somente existirá quando a língua estiver formada. Coincidentemente a maturidade mental mínima será alcançada junto com a assimilação das regras básicas da língua e da sociedade. A língua é memorizada passivamente pelo indivíduo pela repetição de estruturas. A estrutura está impregnada de informação opressora, que formata o ser cultural em um sujeito. A soma da memória opressora e da vontade rebeladora transforma o indivíduo e o sujeito em subjetividade.

O sujeito é o nome que nos estudos do discurso, na análise do enunciado e na conceituação de enunciação, foi dado ao ser que se manifesta. É, na verdade, o nome para o ser humano na fórmula que ele criou para demonstrar que não quer ser um animal. A língua, essa fórmula para formatar o pensamento, é a criação que tira os seres humanos da condição absolutamente egoísta do animal e alimenta neles o altruísmo. A língua é a criação artificial que tira o ser humano de entre toda a ferocidade do planeta e apresenta para ele o bem da divisão social da existência. Humboldt conceituou essa condição como um ser que

sobrevive sendo a individualidade egoísta do animal e a subjetividade altruísta da divindade. Linguisticamente o ser humano está composto dessas duas morais.

Para os estudiosos estadunidenses Sapir e Bloomfield, ambos humboldtianos, essa divisão acontece no interior do indivíduo, que vai ajustando sua conduta entre os membros da comunidade. Nunca deixa de ser sua individualidade, porém existe em função da comunidade, seu egocentrismo se estende para a comunidade de que faz parte. No *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, a língua é a fórmula social dentro da mente do indivíduo, que cria o sujeito-falante e o obriga à busca do ideal de existência. No texto, o que é individual é efêmero e accidental, não pode ser estudado, somente o que é social é concreto e passível de ser descrito. O conjunto é o discurso-texto, o que é totalmente individual está passível de anulação e o que é subjetivo está sempre atuante.

A língua é exatamente igual à sociedade como criadora e criação. Ela é opressão e classificação, mas é também libertação. A língua é libertação quando é o discurso-texto de uma subjetividade. É opressão e classificação quando é a estrutura à qual está submetida a individualidade. O cidadão somente pode existir com sua identidade dentro da estrutura opressiva e classificadora da língua social e exercitando o prazer de seu discurso-texto libertador. Seu discurso nunca poderá sair dos limites da língua e da sociedade, porque será reprimido e rejeitado em sua individualidade extrema, mas deve sempre expandir sua beleza natural, expondo a identidade e a criatividade do sujeito. Assim sendo, evidenciando que o ser humano prefere o poder à liberdade, porque o poder promove a liberdade, o sujeito do discurso é o dono do poder e a essência da liberdade.

Oiiiiiiii!!!!

Então, já leram a introdução e a conclusão, leiam também as partes subsequentes e vocês vão saber como cheguei a esse resultado.

CAPÍTULO 1: SOBRE AS SENSações

1. Em Platão, a forma da sensação como o conhecimento no indivíduo

Neste capítulo visa-se a estabelecer uma síntese dos textos de Platão (Atenas, 428/427 – Atenas, 348/347 a.C.), *Diálogos: Fedro* (1979) e *Teeteto* (1973). Deve ficar claro que Platão não discutiu a língua em nenhum momento, por isso a temática deste texto em Platão só encontra definição para o indivíduo. Os temas nesses diálogos estudados são os fundamentos da existência do ser humano. O tema das sensações no indivíduo é muito recorrente e se estenderá pela história da filosofia até a Gramática Comparada, porque durante o Iluminismo a língua ficou reconhecida como a fórmula substancial para formar o pensamento.

O diálogo *Fedro* é a narrativa da execução da pena de morte de Sócrates, sobre a temática da relação entre o corpo e a alma, da mortalidade do corpo e da imortalidade da alma. No *Teeteto*, o diálogo que se estabelece é entre as personagens Sócrates e Teeteto, pupilo de Teodoro, sob a temática que ficou resumida na pergunta “o que é o conhecimento?”. Teeteto em princípio afirma que conhecimento é sensação, e Sócrates, num trabalho de parteira como ele diz, exercita com Teeteto um debate que envolve definir o que é e o que não é o conhecimento, qual a relação do conhecimento com a sabedoria e o pensamento. Tudo isso em relação ao ser humano, a medida de todas as coisas. Os dois oponentes, assistidos pela personagem Teodoro, relacionam a sensação à aparência das coisas, sendo sensação e aparência a mesma coisa no caso do fogo, por exemplo. Platão (1973), por meio de suas personagens, faz entender que nada poderia existir no mundo sem a força da transformação constante: o devir, a que tudo está submetido, logo, tudo está em movimento.

A partir da compreensão de que as sensações são individuais, o debate faz entender que elas não poderiam ser o co-

nhecimento, porque esse de modo algum poderia ser individual. As sensações estão ligadas às experiências de todos os dias, que os indivíduos têm por meio dos cinco sentidos, então eles são a porta de entrada para o pensamento, toda forma de reconhecimento do que existe por um indivíduo é estabelecida no processo de ajustar as sensações dos sentidos ao pensamento. Deve-se compreender nessa proposição de Platão que reconhecer e mesmo conhecer é estabelecer diferenças: nada no mundo poderia ser repetido, e divisar as coisas e as pessoas implica em saber nas sensações que se retiram delas o que seja diferente de tudo o que já se conheceu, caso contrário não se saberia o que é e o que não é. O movimento que transforma tudo faz com que nenhuma coisa seja uma consigo mesma, por isso a transformação, que mantém a vida, mantém também o devir, ou seja, a necessidade de continuar vivo e aprendendo novos conhecimentos.

“Conhecimento não pode ser nem sensação nem opinião verdadeira nem explicação racional acrescentada à opinião verdadeira” (Platão, 1973, p. 115). Deve-se considerar aqui o arquétipo de Platão para a produção da comunicação presente no *Diálogo Teeteto*: nome ou palavra, logos ou conceito, imagem, (cons)ciência, inteligência ou pensamento, opinião verdadeira ou sabedoria e objeto ou coisa. A opinião verdadeira antecede a coisa (Platão, 1973, p. 112). No final do *Teeteto* (Platão, 1973, p. 115), chegam à conclusão que o conhecimento não pode ser definido. A definição seria um nome ou outro nome que pudesse servir de definição. Nomes só existem nas línguas e eles estavam estudando o indivíduo, no indivíduo tudo é sensação. As sensações sempre são carentes de explicações.

A opinião verdadeira de qualquer coisa diz respeito às diferenças (Platão, 1973, p. 82). A exemplificação não vale como definição, Teeteto tentou dar exemplos para chegar a uma solução, que não foram aceitos por Sócrates, que fez sugestões em forma de discussão: a fórmula para se chegar numa definição seria a imagem do pensamento em um nome, dar um sinal que permitisse ver a diferença do objeto para os outros. Voltando ao

arquétipo de Platão, presente no *Teeteto*, o nome ou a palavra é o sinal que marca as diferenças ou a diferença daquele objeto em relação aos outros objetos.

O tema do diálogo está bem exposto nas expressões (Platão, 1973, p. 24 passim): “aprender não significa tornar-se sábio a respeito de que se aprende?”, “É pela sabedoria que os sábios ficam sábios” e “É a mesma coisa conhecimento e sabedoria”. Platão não explica através de suas personagens de que maneira o que se apreende fica apreendido, e diz que é pela sabedoria que os sábios ficam sábios. Verdadeiramente, não é possível reconhecer como os sábios dão a saber que têm sabedoria no *Teeteto*. Teeteto, a personagem, chega a concluir que conhecimento e sabedoria são a mesma coisa. Mas é traço constante nos diálogos que Sócrates sempre vá corrigindo um aprendiz, logo se deduz que Teeteto está errado, pelo menos em parte, e deduz-se também que para ser sábio é necessário ter conhecimento, no entanto, essa não era a resposta que os debatedores procuravam, queriam uma definição para conhecimento.

Através das personagens Platão pontua que um dos caminhos para essa fórmula é a palavra, mas existiriam outros, como símbolos ou a divisão do todo em partes e o exame detalhado dessas partes. Assim sendo (Platão, 1973, p. 112), “a primeira era a imagem do pensamento na palavra; a segunda, “o caminho que vai dar no todo passando pelas partes”; a terceira, como faz o vulgo: “poder indicar um sinal que distinga de todos os outros o objeto de que se trata”. Quanto a essa terceira, faz-se necessária a relação com que disse Wilhelm von Humboldt (1836), na ausência do pensamento abstrato, o cérebro se contenta com visões concretas, e o pensamento se realiza por meio de fórmulas concretas relacionadas às coisas reais, mas isso se configura numa dificuldade para realização do pensamento.

Outrora, os debatedores de Platão, sobre se sensação seria mesmo conhecimento, concluem que as sensações são obtidas através da visão, do olfato, das mãos, da audição e da gustação, na verdade, nesse ponto do debate, a pergunta é que nome se da-

ria para as impressões que atingem a alma, que seriam ver, ouvir, sentir frio e calor, e Teeteto responde que a isso ele daria o nome de sensação. Logo, os sentidos são as entradas de informação ou as portas para se adquirir conhecimento. Tudo aquilo que pode ser sentido pelos sentidos, que são as sensações, são concretizações ou materializações do que está disposto no mundo.

Cita-se uma importante afirmação de Platão: "Aparência e sensação se equivalem com relação ao calor e às coisas do mesmo gênero" (1973, p. 33). Ao aceitar esta frase como verdadeira, pode-se dizer que as sensações que se sente através dos cinco sentidos, são de verdade a aparência que determinado conhecimento assume para cada um. Para aprofundar esta demonstração, significaria que toda sensação corresponde necessariamente a um pensamento ou conhecimento, nos dizeres das personagens Sócrates e Teeteto, trata-se de conhecimento. Na idade Clássica ainda, Aristóteles teria feito uma definição que tornava, em relação a língua, a fórmula de fazer uma sensação corresponder a um significado. Provavelmente o texto da Era Clássica que associa concretamente os estímulos captados pelos sentidos aos significados sociais convencionados na língua, é o diálogo de Platão entre Sócrates, Hermógenes e Crátilo, em que as sensações na língua são os nomes, que são os instrumentos para se chegar a *ideia*.

Não há qualquer dúvida em Platão ou de qualquer pensador da humanidade em qualquer tempo de que "o homem é a medida de todas as coisas, da existência das que existem e da não existência das que não existem" (1973, p. 32). Platão dá uma extraordinária explicação, muito usada nos discursos modernos, de que as coisas existem pelo ponto de vista que são apresentadas: "as coisas são para mim conforme me aparecem" (1973, p. 32). De acordo, na modernidade, a partir do período chamado de Cientificismo, dizia-se "que o ponto de vista cria o objeto". A visão de Platão no tocante à definição de conhecimento é absolutamente redundante, já que o conhecimento e sensações estão diretamente associados ao ser humano.

Se na idade Clássica, o fazer científico estava relacionado a dizer o que seja e o que não seja o mundo das coisas, isso acontecia pelo fato do único diálogo possível em termos de cientificidade fosse do pensador para com ele mesmo, como é afirmado (Platão, 1973, p. 85 passim): “um discurso que a alma mantém consigo mesma” (...) “formula uma espécie de diálogo para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar”. O modelo de ciência que se faria nas outras idades da humanidade constituiu-se no diálogo com o passado e com aquilo que já existia em forma de discurso sobre tais coisas, em verdade, qualquer discurso científico não pode estar alheio do já dito sobre tal conteúdo. Deve-se dizer que nem sempre, na história, fez-se claramente o diálogo entre as épocas e os discursos, obviamente que há sempre uma explicação para os desenlaces historiográficos entre os seres humanos, mas é certo que sempre se pode explicar as relações entre os discursos.

Na Gramática Comparada, herdeira incontestada do Iluminismo, a filosofia platônica seria amplamente retomada. Nas versões artísticas, esse movimento tem o nome de Romantismo na maioria das culturas nacionais e tem como uma de suas características marcadas a retomada das formas e dos valores sentimentais da idade Clássica. Deixando clara a relação Gramática Comparada e Idade Clássica, pode-se discutir a frase de Platão (1973, p. 33): “que nenhuma coisa é una em si mesma e que não há o que possas denominar com acerto ou dizer como é constituída”. Este conceito apareceria em Humboldt discutido na ordem de sua época. Humboldt afirmou que em qualquer lugar e em qualquer tempo o ser humano, o homem-individual, é uno consigo mesmo. Logo, Platão, pensando nos objetos, entendeu que eles são fatos humanos, são o que parecem para cada ser humano.

Platão (1973) propôs uma constante, que leva à concepção de que tudo está em permanente transformação. São três afirmações importantes de Platão, que são básicas para teorias que foram produzidas por Labov, por Saussure, por Volóchinov etc.: (p. 34) “o movimento é a causa de tudo o que devém e parece

existir, e o repouso a do não-ser e da destruição"; (p. 35) "nada podemos admitir como existente em si mesmo"; (p. 37) "sem o devir, nada vem a ser". Esse conceito foi plenamente adaptado aos estudos sobre língua: costuma-se afirmar que a língua está sempre se adaptando e que ela é uma instituição histórica.

Essa parece ser uma verdade incontestável, nada está pronto, nenhum objeto é uno consigo mesmo, porque está em constante transformação. O ser humano, segundo Humboldt, é uno consigo mesmo, porque, se não o fosse, deixaria de existir. O homem individual transforma a si mesmo, não é transformado. Em sendo ele um ser vivo, tendo sempre novas sensações e aprendendo novos conhecimentos, estaria sempre completo, mas sempre desejoso de se expandir, logo sem o futuro nada pode existir no presente. Isso foi dito por Platão (1973, p. 40): "nada existe e tudo se acha num perpétuo devir: o bem, o belo e tudo o mais (...)". Há uma inevitável associação entre esse "perpétuo devir" e a condição de "estar vivo", é justamente a vida que faz tudo ter movimento, porque é a partir do deslocamento do corpo no tempo e no espaço, muito mais claramente no tempo, que coloca tudo em um movimento de vir a ser ou de presença do vir a ser.

O vir a ser depende de um fazer transformador. O que se coloca é que os homens-individuais estão em constante movimento e, assim, entram em contato com muitos fazeres, e a cada fazer tornam-se novos seres, porque adquirem novos conhecimentos e podem realizar ações novas. Em Platão (1973, p. 43 *passim*), essa ideia apareceu assim: "Nunca poderei tornar-me diferente enquanto tiver a mesma sensação, porque o novo agente corresponde nova sensação, que modifica e deixa diferente o percipiente (...) se engendra novo produto em conexões diferentes, torna-se também diferente".

Platão (1973) apontou que existe uma diferença entre o que se pensa ser ou sentir sobre algo e o que realmente é esse algo, os sentidos humanos os traem: (p. 40) "revelam de todo o ponto falsas em tais casos nossas sensações, e muito longe de serem as coisas como se nos afiguram, nada, pelo contrário, existe tal

como nos aparece”; (p. 42) “o princípio de que todas as coisas são verdadeiras para quem as representa como tal”; e, “não se trata de diferença parcial, com alguma semelhança sob determinados aspectos, mas diferença em toda a linha”. O que se pode dizer é que não existe discurso que não seja verdadeiro, porque todo discurso depende de um sujeito, ou instância enunciativa, e que esse sujeito individual faz crer, por seu fazer discursivo, ser verdade aquilo que é para ele verdadeiro, como ele está sentido. As diferenças entre os dizeres ou entre os sentidos, as sensações, são completas, de tal forma que duas falas nunca se repetem. Os atos de fala dependem das condições sociais em que foram enunciados, logo jamais seriam iguais, porque novos fazeres e outras condições e ambientes sociais colocam os seres humanos em conjunção e disjunção com valores distintos.

De volta a questão de Protágoras, qualquer coisa para que exista e deixar de existir está na completa dependência dos seres humanos, logo, pode-se dizer que algo é sempre aquilo que é para alguém. Qualquer futuro ou passado somente pode ser avaliado na perspectiva de um ser humano, porque é a partir do que foi ou será para esse ser humano que se pode analisar o tempo e o espaço. Então, toda forma de pensamento e, conseqüentemente, de língua, quisera conhecimento, se estrutura na relação de pessoa, tempo e espaço. Assim dissera Platão (1973, p. 44), “se se disser que alguma coisa existe ou devém, será preciso acrescentar que existe ou se forma de alguém ou para alguém ou com relação com alguma coisa”. Platão disse do presente e do futuro e deixa claro que nada pode existir alheio a alguém. Importante observar, em relação ao último trecho que o alguém pode ser “alguma coisa”, que o sujeito não é necessariamente um eu ou um tu, mas uma referência, marcada e datada pela perspectiva de um ser humano.

“O homem é a medida de todas as coisas”, mas as sensações são sentidas no conjunto em que cada ser humano se coloca, então nada se repete, porque somente quem teve a sensação pode compreendê-la. As cores, as temperaturas, os odores podem ser interpretados por todos através dos mesmos nomes, logo, azul,

frio e perfumado podem ser assim para todos, mas ninguém saberá quanto intenso está sendo no outro aquele azul, aquele frio e aquele perfume, somente quem sente, pode saber qual efeito tem aquela sensação sobre ele. Nas palavras de Platão (1973, p. 44 passim), "o que atua sobre mim só se relaciona comigo; só eu o percebo, mais ninguém (...) Minha sensação é verdadeira para mim, pois sempre faz parte do meu ser, sendo eu, por isso mesmo, o único juiz em condições de dizer que as coisas que são para mim existem mesmo, e também que as que não são para mim não existem". As sensações são sempre individuais e, lembrando o *Crátilo*, o nome é convenção social para uma sensação. O que se pode dizer é que tudo que é conhecimento é existente no social, caso contrário não poderia ser sentido, como cada um percebe esse sentimento é como ele o sente, então o conhecimento é social e a sensação é individual. O conhecimento é concreto-durável e coletivo e a sensação momentânea-abstrata e individual.

Por esse ponto de vista todos os indivíduos são únicos, como disse Platão (1973, p. 53), "cada um de nós é a medida do que é e do que não é, e que um dado indivíduo difere de outro ao infinito, precisamente nisto de serem e de aparecerem de certa forma as coisas para determinada pessoa, e de forma diferente para outra". A frase acima elimina qualquer possibilidade de dois indivíduos terem a mesma percepção sobre uma determinada coisa, logo, ter a mesma opinião. Platão disse que dois indivíduos se diferem ao infinito. Todos os seres humanos têm digitais, aparências, cabelos, voz, gestos etc. diferentes de todos os outros seres humanos do planeta. Todos são diferentes por fora e, a partir da noção de que se assimila o universo de sensações de acordo com conjunto de emoções e valores culturais a que se está submetido, dois indivíduos jamais teriam pensamentos idênticos, porque entre eles há diferenças corporais ao infinito.

Assim, não dá para dizer que um sujeito não esteja dizendo a verdade, que ele não esteja sendo verdadeiro, pode até ser que ele pareça o que não é ou que de fato ele seja realmente falso, então resta pensar que, de seu ponto de vista, esteja sendo

verdadeiro, porque pensa que está sendo verdadeiro. Logo, se alguém acredita que estejam lhe perseguindo e que querem lhe devorar o coração e está apavorado por isso, por mais que isso seja como fato um completo absurdo para outros, será verdadeiro para este alguém. Por esse percurso, deve-se conceber a clássica ideia de que o pensamento é concreto, ou como foi dito "penso logo existo". Tudo que está na mente é concreto ou real, não pode ser negado, segundo Platão (1973, p. 46), "tudo o que aparece para alguém, existe para essa pessoa".

Trata-se nesse ponto de concluir que a frase de Platão (1973, p. 50): "trata-se de manifesta impossibilidade afirmar que sensação e conhecimento são idênticos", é absolutamente verdadeira. Então, as sensações dos indivíduos são formas vazias, como dissera Humboldt, a serem preenchidas de ideias, que são formas concretas. Como as sensações dependem do corpo físico individual para existir, e corpos são sempre únicos, os pensamentos nas mentes dos indivíduos também são sempre únicos, e sua perfeição depende do quanto o corpo físico individual aprendeu do conhecimento a sua volta, logo, quanto mais conhecimento/palavras existir na mente do homem-individual mais perfeitos seus pensamentos serão.

Mas, dar a conhecer aos outros a perfeição do pensamento e o quanto se conhece, depende de transformar conhecimento em pensamentos e pensamentos em palavras ou em imagens acústicas, ou qualquer outra estrutura de linguagem, que se permita ser forma vazia a ser preenchida de pensamentos. Como nenhum homem-individual sabe o que está na mente do outro, por mais que se capriche na transformação do conhecimento em matéria de linguagem, nunca seria possível saber o que exatamente foi pensado. Assim, deve-se concordar plenamente com Platão (1973, p. 54): "um indivíduo de má constituição de alma tem opiniões de acordo com essa disposição, com a mudança apropriada passará a ter opiniões diferentes, opiniões essas que os inexperientes denominam verdadeiras

... Ser um animal é que faz com que se tenha a capacidade de captar sensações. Dessa forma, como disse Platão (1973, p.

80), "desde o nascimento, tanto os homens como os animais têm o poder de captar as impressões que atingem a alma por intermédio do corpo". Então é a sensibilidade de animal que o torna capaz de reagir a um estímulo. A diferença dos seres humanos para os outros animais seria o fato de ao sentir algo, como dor, medo, calor etc., os animais reagem sempre do mesmo modo, se a sensação for repetida ele vai ter a mesma reação anterior ou que deveria ter tido, os seres humanos, entretanto, reagem segundo a situação em questão, revelando uma interpretação que geralmente é transformada em discurso. Nas palavras de Platão, as impressões precisam chegar até a alma e para isso devem passar pelo corpo. As sensações são informações que a alma precisa decifrar para poder entender e reagir. Então, as personagens de Platão, Teeteto e Sócrates, chegaram a conclusão que (1973, p. 80) "ao fato de ver, ouvir, cheirar e sentir frio ou calor dá-se o nome de sensação, e que de forma alguma sensação e conhecimento são a mesma coisa".

Deve-se pensar no conceito de alma que aparece nos *Diálogos* de Platão. Locke no século XVII separou conceitualmente alma de espírito, os animais possuem alma e os seres humanos espírito. Entre os comparatistas alemães, século XIX, espírito (*Geist*) queria dizer inteligência, isso não é alheio às culturas modernas, os conceitos de espírito e inteligência são paralelos. Não parece ser diferente nos *Diálogos* de Platão, em que estabelece uma divisão entre corpo e alma e diz que é com a alma que todas as sensações são sentidas. É pela personagem Teeteto que Platão (1973, p. 79) sintetiza a discussão: "é a alma sozinha e por si mesma que apreende o que em todas as coisas é comum". Parece existir mais que uma análise sobre a alma nessa frase, Teeteto fala que em todas as coisas existem algo de comum, e isso levaria o debate para o que seria o pensamento. Diante de uma situação ou uma sensação, todos os homens-individuais estariam com a alternativa de saber ou não saber. Sempre se terá uma reação, e ela será de saber ou não saber, sem que qualquer que fosse a opinião pudesse ser ela falsa, como já fora dis-

cutido. Tudo aquilo que parece a alguém seria exatamente como aquilo lhe parece, sendo a sensação sempre verdadeira, logo, não existiria opinião falsa (Platão, 1973, p. 83).

O mais importante é que o ato de realizar as sensações na alma requer concretude. Para que algo seja visto, é preciso que esse algo exista, mesma coisa para o que se ouve, ou se cheire, ou seja, são necessárias unidades concretas para serem percebidas pelos sentidos. O pensamento não é um dos sentidos, mas somente pode ser realizado quando preenchido por algo que seja concreto, por isso, parece muito lógica a fala da personagem Sócrates (Platão, 1973, p. 84): “quem pensa em alguma coisa, pensa em algo que existe, pensar em nada é não pensar de jeito nenhum”. A análise que se faz é que o pensamento é sempre concreto, porém amorfo, ele precisa de algo que tenha materialidade para que sua concretude possa ser transformada em matéria.

Como seria então o acontecimento do *pensar*? Platão (1973, p. 85 passim) descreveu como “um discurso que a alma mantém consigo mesma” (...) “formula uma espécie de diálogo para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar” (...) “formar opinião é discursar, um discurso enunciado, não evidentemente, de viva voz para outrem, porém em silêncio para si mesmo”. Então, desde a idade Clássica que se concebe claramente que não existe discurso de um homem-individual sozinho. Todo discurso é um diálogo, formar opinião é dialogar consigo mesmo, como dissera Platão (1973): da alma consigo mesma.

Quando se está exposto a uma sensação, para que se possa conhecê-la é preciso ajustar o pensamento a essa sensação. O conhecimento implica em fazer o ajuste perfeito entre a sensação e o pensamento. A sensação é algo material, que pode ser percebida com os sentidos do corpo físico. O pensamento está na alma e é algo que existe concretamente. Desse modo, o conhecimento é um pensamento que se concretizou a partir da materialidade de uma sensação. Bem dizendo, aconteceu o estímulo no corpo, que chegou até a mente pelos sentidos e que foi associado a um significado. Platão acrescentou que alguém

somente pode se enganar com aquilo que conhece. Não existe, portanto, opinião que seja propositadamente falsa. Todo engano origina-se de uma dificuldade em fazer coincidir a forma da sensação com a forma do pensamento (Platão, 1973, p. 93): "as opiniões falsas se originam do ajustamento entre a sensação e o pensamento". Platão argumentou ainda que não é possível se enganar ou formar opinião falsa a respeito daquilo que não se conhece, caso não fosse assim, significaria que alguém pudesse não ter consciência de que tem certo conhecimento, ou seja, esteve privado dos sentidos.

O diálogo *Fedão* acontece pela memória da personagem Fedão, que conta como fora os últimos dias de Sócrates. Sócrates tinha sido condenado à morte por envenenamento, e seus seguidores, consternados, permaneceram com ele até o momento final. A discussão trata da morte, da mortalidade ou imortalidade da alma. Tendo como verdade que a alma existe, isso se comprova pela relação entre os reinos mineral, vegetal e animal, o debate se refere à divisão entre corpo e alma. O corpo como mortal e a alma como imortal. Dessa forma, a morte seria a separação entre o corpo e a alma, sendo a alma imortal ela estaria se libertando do corpo e ficando livre para voltar para onde esteve antes de ter um corpo.

A alma estaria preza ao corpo e estaria sempre desejosa da liberdade. O ser humano pode optar pelos prazeres do corpo, mas "o filósofo se diferencia dos demais homens: no empenho de retirar quanto possível a alma da companhia do corpo" (<https://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf>, p.10). O filósofo opta pela imortalidade da alma e vive se afastando dos prazeres que o corpo pode proporcionar. As personagens de Platão discutem a atitude daqueles que não são filósofos e que julgam os filósofos indignos da vida por viverem como se estivessem mortos. O corpo é responsável pelas sensações. O pensamento é, segundo o *Fedão*, onde a realidade é patente. O pensamento pertence à alma, as sensações distraem a alma, por isso ela pensa melhor quando não tem as distrações do corpo para

perturbá-la. Assim, a alma, concentrada em si mesma, dispensa a companhia do corpo, evitando trocas com ele, esforçando-se para encontrar a verdade. Então é nesse estado que a alma do filósofo despreza o corpo e tenta se afastar dele, o esforço que ela faz é o de se concentrar em si mesma por meio do pensamento.

Sócrates pergunta a Símiias, de maneira retórica, se esse objetivo seria alcançado de modo mais puro pelo indivíduo que se aproximar das coisas somente com o pensamento, sem que arraste para a reflexão qualquer sensação transmitida pelos sentidos ou que fique associada a seu raciocínio, ou a qualquer perturbação vinda do corpo! Símiias respondeu que a alma alcança a verdade mais pura se conseguir se aproximar das coisas somente com pensamentos puros. Assim, nessa fala através da personagem Sócrates, Platão propõe que o indivíduo que alcançar a condição de pureza do pensamento terá também pureza de alma e conseguirá o conhecimento do Ser. Ser com letra maiúscula, como símbolo do que é perfeito. Assim sendo, o corpo é uma prisão que impede, com sua corrupção de prazeres e dores, a alma de alcançar a perfeição. Enquanto o filósofo tiver sua alma atolada em um corpo jamais alcançará a perfeição que almeja, ou seja, o conhecimento verdadeiro de qualquer coisa.

Aristóteles no texto *Da alma* apresenta a perspectiva de ser a alma o que identifica o indivíduo, porque o constitui como ser com identidade. Em *A Política*, Aristóteles discute a relação dos indivíduos com o Estado. Nesse texto, o Estado tem o papel de promover o bem e fazer os indivíduos exercitarem o bem. O Estado é superior aos indivíduos e suas metas são superiores às metas individuais. A coletividade, que o Estado representa, cria para o indivíduo a obrigação política de exercitar o bem e o altruísmo. O Estado tem como fim imediato prover aos indivíduos os bens materiais, como segurança, proteção, esperança no futuro, bem-estar etc., entretanto, a finalidade mais premente do Estado é promover a evolução espiritual dos cidadãos, isto é, a virtude, a ciência e a felicidade pela sabedoria. Desse modo, a função do Estado é promover o afastamento dos seres humanos de sua condição natural de animal da natureza.

Há sempre uma íntima relação entre os conceitos de corpo e alma em Platão e Aristóteles e os conceitos de indivíduo e sujeito nos estudos linguísticos. No *Fedão* são os conceitos de alma e de corpo. No *Fedão* trata-se da morte, portanto, a discussão é sobre o corpo físico e a alma metafísica. Aristóteles trata somente do físico-social, no qual afastar-se das sensações físico-corpóreas é buscar a essência da virtuosidade moral. Nos dois casos, a virtude e a sabedoria permanecem unidas e são imortais, porque não serão perdidas com a morte do corpo. Nos estudos filosóficos do Iluminismo, herdeiros incontestes da filosofia aristotélica, já eram propostas que o aprendizado moral somente pode acontecer pela língua e seu aprendizado. Nos desenvolvimentos estético-artísticos na Europa do Racionalismo e da Gramática Comparada, profundamente vinculados à filosofia clássica de Platão e Aristóteles, distinguem-se o grotesco e o sublime, como fenômenos de perfeição do sujeito.

Levando a cabo o desafio da personagem Teeteto, opinar sobre alguma coisa é ter consciência das diferenças que a identificam, reconhecer é estabelecer as diferenças, somente assim se pode ter uma opinião verdadeira. Se alguém adquire ou aprendeu um conhecimento, diz-se como sabedor ou que possui o conhecimento, logo, como está dito por Platão (1973, p. 115), "conhecer é adquirir conhecimento". O conhecimento é como dito acima a concretização de um pensamento, retirado do estímulo de uma sensação em uma alma (ou mente, ou inteligência, ou cérebro) aprendiz. O conhecimento está na relação que a alma tem com o que a circunda, de onde surgem os estímulos. Logo, o conhecimento é social, porque está disposto no que circunda os seres, é também concreto, como já se tem dito.

Tudo que é recortado ou refratado do social não poderia ser do modo como está no social. Como bem explicara Platão (1973), entre o social e a alma existe o corpo, agente das sensações. O ser humano não somente é único enquanto estrutura física do indivíduo, mas o é também como estrutura intelectual de sujeito. Desse modo, em qualquer tempo e lugar, todos os seres humanos são

seres que não possuem ou que não são réplicas de nenhum outro ser. Sendo assim, se o conhecimento é social tal e qual a língua, ele está predisposto para todos os indivíduos de um mesmo modo.

2. Étienne Bonnot de Condillac: das sensações nasce o sistema do homem

Condillac (Grenoble, 30 de Setembro de 1715 – Flux, 3 de Agosto de 1780) passou a vida inteira durante o período chamado de Iluminismo e foi amigo dos líderes desse movimento. Estudou para ser padre no Seminário de Paris e Teologia na Sorbonne. Este texto trata das obras *Tratado dos sistemas*, *Tratado das sensações* e *Lógica*, publicadas em 1754. Não se pode deixar de ver a íntima relação desses tratados com o diálogo *Teeteto* de Platão e o *Ensaio sobre o entendimento* de John Locke. No *Tratado dos sistemas*, Condillac conduziu sua pesquisa sobre o conhecimento e as sensações através das leituras dos clássicos, Platão e Aristóteles, atribuindo a Locke uma importância extraordinária no entendimento da razão e do modo como o homem faz as ideias. Para ele o conhecimento é uma instituição social que os indivíduos aprendem, conforme sua faculdade dos sentidos os faz entrar em contato com os estímulos que podem ser internalizados.

Condillac foi o primeiro pensador da história da filosofia a dar à língua a função central na formação do ser humano. Ele não estudou as estruturas das línguas, mas reconheceu que o pensamento é inteiramente dependente delas. Discute com total profundidade a relação do corpo físico do indivíduo com a produção e a manifestação do pensamento. De acordo com seus textos os indivíduos interagem com o mundo a sua volta inevitavelmente através dos sentidos do corpo.

Não há sistemas inatos no ser humano, isso é o que se depreende dos *Tratados* de Condillac. Tudo que existe na ciência deve ser construído ou deduzido através da racionalidade. Todos os sistemas estão prontos na natureza, basta que os seres

humanos necessitem de um deles para encontrá-lo. Quando um sistema é deduzido por um ser humano, todos os outros, que não o viam, passam a vê-lo. Os sistemas são feitos de princípios bem constatados pela ciência, quando um conjunto de princípios é elaborado e integrado, forma um sistema.

Em Condillac, está escrito que no ser humano somente existe o corpo físico. Desse modo, do conjunto que se organiza através da linguagem, somente as sensações são do indivíduo, todo o resto, inclusive a análise das sensações, que é feita pela memória, é feito por meio dos valores adquiridos. Os sistemas da natureza, diferente da ideia de John Locke, dependem da racionalidade e dos elementos externos para serem adquiridos, porque dependem do conhecimento guardado na memória, para interpretação da nova sensação. O ser humano está composto de corpo e alma. O corpo possui os sentidos e a alma as sensações. A alma sente as sensações pelos sentidos, principalmente o tato, e forma a memória a partir das sensações.

Neste texto se faz uma síntese dos pensamentos de Condillac, os sentidos são faculdades do corpo e podem faltar, mas, do mesmo modo, as sensações são capacidades da alma e não podem faltar, então, poderiam ser ditas capacidades do corpo, porque o ser humano é corpo e alma. Reproduzindo Condillac (1979 [1754], p. 65), "os sentidos são comuns a todos, mas os conhecimentos não o são". Nessa frase entende-se que Condillac dividiu os sentidos do corpo físico e as sensações que são da alma, e que existe uma diferenciação entre os indivíduos, que se pode atribuir às particularidades das sensações ou da alma em cada um. Então, na essência, corpo e alma, todos os seres humanos são iguais, mas na superfície, na competência e atuação do corpo e da alma, cada um se particulariza em conhecimentos diferentes adquiridos.

O ser humano teria se viciado na língua, por isso não consegue perceber e nem utilizar outros mecanismos de comunicação. Essa afirmação de Condillac leva a pensar em como o ser humano interpreta o mundo. Se a língua é uma estrutura, nesse caso, produzida pelo ser humano, nunca inata, significaria que a

interpretação de todos os sistemas como estrutura seria também um vício. É interessante pensar em como a estrutura da língua se tornara um fato. De todo modo que se pensa, o ser humano é viciado na língua e somente consegue projetar outros mecanismos de comunicação na forma de uma estrutura e pela língua. Sendo assim, vê-se que a língua é puro sentimento, porque é uma estrutura formada das sensações, e novas sensações são sempre interpretadas pela memória das sensações anteriores.

O indivíduo possui o conhecimento que armazenou na memória na forma de língua, porém, as sensações físicas é que criaram essa memória. Deferente de Locke, Condillac não atribui à reflexão o poder de criar conhecimento, porque ela não é um fato inato, mas criado pela racionalidade das experiências memorizadas. Sendo a língua a materialização das sensações, portanto, a memória das sensações, e sendo o conhecimento as experiências sentidas e memorizadas, a racionalidade dos seres humanos é dominada pela relação das sensações com as experiências memorizadas, logo, a língua materializada é puro sentimento do modo social de sentir. Inevitável pensar em paixão, como demonstrou Platão e analisou Aristóteles, o ser humano é dominado por suas paixões.

Condillac afirmou que (1979 [1754], p. 3) “um sistema não é outra coisa que a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras”. Está muito clara a ideia de ser o sistema algo estruturado, mas, acima de tudo, que os sistemas são leis incontestáveis, algo absoluto, retirados da forma de ser da natureza, não sendo nunca criação, mas leitura a partir da observação. Na mesma página, Condillac escreveu “o sistema é tão mais perfeito quanto os princípios o são no menor número”. Então os sistemas se constituem de uma série de camadas de princípios, dos mais gerais até os fatos constatados, enquanto não se alcançar a constatação dos elementos básicos, não se alcançou a verdadeira constituição do sistema. Para se chegar à descrição do que seria

sistema, pode-se dizer que toda vez que se elabora um conjunto de princípios integrados, forma-se um sistema.

Em Condillac, o sistema está posto como uma estrutura de fatos constatados, em Condillac o conhecimento se atualiza sempre por meio de sensações novas que encontram ecos em experiências ou sensações transformadas em memória pela língua. Em todos os linguistas, a língua, enquanto forma em uso, é constantemente atualizada a cada discurso. "Os sistemas são antigos: a natureza ordena fazê-los" (Condillac, 1979 [1754], p. 5). Nessa citação, pode ser observada a ideia de Condillac quanto à origem dos sistemas: eles estão dados pela natureza. De fato, parece ser infinita a quantidade de sistemas possíveis, os seres humanos não os notam facilmente, são necessidades específicas que fazem os sistemas emergirem (Condillac, 1979 [1754], p. 5): "os homens observavam, isto é, notavam os fatos relativos às suas necessidades". Os sistemas ditos verdadeiros são aqueles que estão fundamentados em princípios bem constatados, esses seriam aqueles das ciências, logo, seriam os verdadeiros sistemas. Condillac aprofundou a aplicação da razão na ciência, afastou qualquer princípio de inatismo e conseqüentemente de metafísica, asseverou a racionalidade e conseqüentemente o físico e o humano. Classificou os sistemas segundo seu grau de verificação, deixando claro que a ciência não pode incluir princípios que sejam fatos refutáveis. Em suas palavras (1979 [1754], p. 5): "Chamarei sistemas abstratos aqueles que versam somente sobre princípios abstratos; e hipóteses aqueles que têm apenas suposições por fundamento".

Obviamente Condillac não mencionou essa relação entre inatismo e metafísica, mas deixou subentendido, à medida que parece ter ele e também os outros iluministas essa relação ideada. Desconsiderou a metafísica como ciência das primeiras verdades, dos primeiros princípios das coisas, desse modo, como está dito várias vezes em seu texto, comunga com Locke quanto à impossibilidade da existência de princípios *inatos*. Os sistemas são todos da ordem da racionalidade, mas estão dados pela na-

tureza, assim se depende da racionalidade para depreender os princípios verdadeiros dos sistemas.

Condillac, como se disse acima, separou sensações e sentidos: os sentidos seriam a causa. Ele está se referindo aos órgãos do corpo humano, e as sensações são os estímulos psíquicos que os sentidos captam da natureza e das coisas. Para ele, não existe outro modo de se adquirir conhecimento, o ser humano aprende tudo o que sabe ou poderia saber através das sensações que os sentidos transmitem ao pensamento. Assim sendo, não há conhecimento que não proceda do exterior para o interior do ser humano, é pelas experiências sociais que se adquire toda a informação. Então, o conhecimento é uma instituição social que os indivíduos aprendem, conforme sua faculdade dos sentidos os faz entrar em contato com os estímulos que podem ser internalizados.

Condillac associou seus conceitos sobre os sentidos, as sensações e o conhecimento a Aristóteles, mas se torna muito difícil separar suas noções daquelas presentes nos *Diálogos* de Platão, mais especificamente, no *Teeteto*. Evidentemente, quando ele disse (1973, p. 45): “segundo Aristóteles, que nossos conhecimentos vêm dos sentidos”, está fazendo referência ao *Ensaio sobre a Retórica*. De fato, diferente de Platão, Aristóteles reconhece a ação física dos sentidos e a implicação que o sentido, em relação ao estímulo, tem para o pensamento. Aristóteles compreendia a relação que a língua tem com o pensamento, enquanto no *Teeteto* e no *Crátilo* há apenas a exploração da relação dos estímulos com o conhecimento e o pensamento, sem explicitar o papel inalienável da língua como intermediária.

Há uma dificuldade em saber se Condillac, quando escreveu o *Tratado das sensações*, estava lendo Platão ou Aristóteles. Com certeza, tinha lido os dois, isso fica expresso num trecho do resumo (1979 [1754], p. 46): “ignoro qual foi o motivo de Aristóteles quando enunciou seu princípio sobre a origem dos nossos conhecimentos (...) em tudo ser contrário às opiniões de Platão”. A partir disso, duas ideias são bastante plausíveis: Condillac indica que a fonte provável de Aristóteles era Platão. Como Aristóteles

na *Retórica* e também no *Ensaio sobre as paixões* defendeu conceitos que não são diferentes de Platão, Condillac disse desconhecer a fonte de Aristóteles. Embora haja em Condillac dúvidas quanto a certas origens dos conceitos, afirma textualmente que havia muito tempo, desde a Grécia Antiga, que se dizia que os conhecimentos de todos os seres humanos originavam dos sentidos. Enfim, tem duas fontes afirmadas em seu texto: Aristóteles e Locke. Entre os dois (século III a.C. e XVIII d.C., respectivamente), disse que não havia ninguém que tivesse falado sobre o assunto *conhecimento*, que merecesse consideração.

Segundo Condillac, teria sido Locke que notara pela primeira vez que a privação de um objeto gerava uma carência que aguçava a determinação dos seres humanos na busca da satisfação dessa privação. No entanto, teria sido Aristóteles o primeiro a discutir as paixões dos seres humanos e o modo como elas se desdobram a partir da privação de algo. Minimizando esses entraves de demonstração das fontes, Condillac (1979 [1754], p. 47) chega a uma importante conclusão: é "essa inquietude que dá aos indivíduos os hábitos de tatear, ver, escutar, sentir, degustar, comparar, julgar, refletir, temer, desejar, amar, odiar, esperar, querer; que seria por ela (inquietude) que nasceriam todos os hábitos da alma e do corpo". Então a inquietude da privação de um objeto gera uma carência, que se repete conforme as circunstâncias; desse movimento, a carência se desdobra em carências novas, tudo isso aguça as faculdades intelectuais humanas e é a origem de todo o conhecimento.

Segundo Condillac (1979 [1754], p. 4), é das sensações que nascem todo o sistema do ser humano. Se "o sistema é a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras, então as sensações são seu princípio mais básico e importante". Desse modo, o sistema humano de produção de conhecimento ficou reduzido a um único princípio. Deve-se ressaltar que Condillac, valendo-se das leituras dos textos de Locke, afirma peremptoriamente que mais

perfeito seria o sistema quanto menor fosse o número de princípios, que o ideal que fosse reduzido a um só. Em Locke, as ideias veem dos sentidos, que captam as sensações, e das reflexões. Em Condillac, todo o conhecimento de um indivíduo origina-se nos sentidos das sensações. São as sensações que alimentam o pensamento, e a privação gera a busca por novas experiências.

A grande questão que parece ter movimentado as pesquisas de Condillac (1979 [1754], p. 45) está na seguinte afirmação: “que não se pode saber uma maneira segura de conduzir constantemente os pensamentos, se não se sabe como são formados”. Em seu tempo, auge do Iluminismo, as questões metafísicas estavam em plena discussão entre os intelectuais, mas nenhum deles acreditava que os processos de manifestação do conhecimento não fossem linguísticos e que no mundo em que viviam existisse algo além da materialidade. Desse modo, a metafísica não era mais naquele tempo assunto de religiosos, mas sim de cientistas, por isso o processo de pensar era conhecido como físico e humano.

Condillac explicou o processo de pensar a partir da relação que os indivíduos têm com a realidade. Afirma que o ser humano era somente um animal que sentia, ou seja, o que predomina na existência humana são as paixões e as dores. Esse conceito perduraria ainda entre os gramáticos comparatistas, quanto mais físico em detrimento do metafísico fosse a concepção de mundo, mais consciência de sua condição do reino animal os seres humanos teriam. Sendo somente um ser de sentimentos, é através deles que se repara nas coisas e nas situações, uma vez que as sensações produziram o efeito de chamar a atenção do espírito. Essa sensação, como afirma Condillac (1979 [1754], p. 49), torna-se atenção: “uma sensação é atenção, seja porque ela está sozinha, seja porque ela é mais viva que todas as outras”. Notável é a capacidade dos seres humanos de selecionar entre todos os sentidos, sempre em funcionamento, aquele que merece mais atenção naquele momento, certamente porque está produzindo e transmitindo a informação mais interessante para o pensamento ou para os sentimentos.

Os sentimentos derivados das sensações fazem o pensamento funcionar, ora tentando encontrar a compreensão daquilo que é sensação ora atualizando aquela sensação com o conhecimento anterior registrado na memória. Logo, a memória não pode ser outra coisa que o conjunto das sensações que foram registradas. Ela é as sensações experimentadas e transformadas em experiências vividas. As sensações produzem um sentimento de prazer ou de sofrimento, isso faz com que toda a atenção do pensamento se dirija para elas. Essa atenção se junta no pensamento e vira memória ou conhecimento. Por essa memória e pelos sentimentos atualizados pelas sensações, os seres humanos realizam o julgamento da realidade e constroem o juízo. Em perfeito acordo com Aristóteles, Condillac descreve o processo passional dos seres humanos, para eles é do desejo e da procura do objeto, que nascem as paixões. Ao contrário do que afirmara Locke, Condillac expressou claramente que não acreditava em inatismo para a reflexão e o discernimento. Como afirmou, não é uma coisa inata (1979 [1754], p. 52), mas "se aperfeiçoa. Logo, se pode ser aperfeiçoado, um dia ele teve de ser iniciado".

Entre os comparatistas, a defesa do ensino formal para o povo era o único modo de aperfeiçoar a sociedade. Isso era fruto do Iluminismo, em que sempre se defendera o desenvolvimento intelectual do povo. Isso é o que se depreende em Condillac, ele afirma que um indivíduo com sentidos treinados percebe muito mais detalhes nas sensações que um não treinado. O exemplo que ele analisou, é a visão de um quadro (1979 [1754], p. 52), "um pintor discerniria nesse quadro mais coisas do que alguém leigo, porque seus olhos seriam mais instruídos". Logo se pode pensar que o treinamento leve ao aperfeiçoamento da capacidade de interpretar sensações. Pode-se dizer que o treinamento nada mais é do que prover o pensamento de memórias ou conhecimento, para que, em situação de uma nova sensação, ele, pensamento, consiga separar o que seja novo como sentimento, do que seja repetição. Assim, diminuindo o impacto do que é novo, ou da quantidade de novidades, o pensamento será capaz de prover uma reação menos

emotiva e acidental e mais racional e equilibrada. Condillac (1979 [1754], p. 52) expressou essa ideia na frase “não (se) discerne senão na medida em que (se) aprende a olhar”.

Segundo Condillac (1979 [1754], p. 48), “Locke (1690) distingue duas fontes de nossas ideias, os sentidos e a reflexão”. Os sentidos são os órgãos captadores das sensações, que são as fontes primárias de todas as ideias. De posse dessas ideias, o pensamento pode se conduzir, pela reflexão, a ideias outras, mais complexas inclusive. Esse é o pensamento de Locke, no *Ensaio sobre o entendimento*. Condillac não se colocou em completa discordância de Locke, mas disse que se poderia reduzir a fonte das ideias a uma, que seriam os sentidos. A reflexão é de fato a constatação da sensação. Esta última sim é a fonte e o canal de onde emanam todas as ideias. Para Condillac, a reflexão é de fato uma prática, um hábito, que Locke teria tomado como algo inato, por isso teria dito que a reflexão também produz ideias. Claro está que Condillac tinha uma visão mais condensada da ideia de inatismo, talvez retirada da leitura de Locke. Portanto, como a reflexão não é inata, não pode ser fonte de ideias, os sentidos sim são inatos, porque são partes do corpo humano.

As sensações apresentam-se ao pensamento todo o tempo, é que os sentidos estão sempre abertos, antenas que captam o que acontece e existe entorno do ser vivente. Esse é o estado do animal. Como um ser do reino animal, o ser humano também está submetido a essas condições. Porém, pelo uso da experiência, que pode ser associada à memória e à inteligência, que Condillac chamou de espírito, uma referência a Aristóteles, afasta as sensações que geram distorção e ressalta aquela que traz a verdadeira informação.

O indivíduo tem assim duas sensações, uma que já tinha e outra que está tendo, isso ocorre porque uma parece passada e a outra atual. As duas juntas formam as sensações, uma atua nos sentidos e a outra tem a forma de memória. Isso é quase um jogo, porque a sensação somente acontece quando o estímulo atual encontra uma sensação que já existia. Segundo Condillac (1979 [1754], p. 49), “a memória não é, pois, mais do que

a sensação transformada”. Assim, todas as ideias resultam das sensações, porque, diferente do que apontou Locke, a reflexão, memória para Condillac, atua como experiência *a priori*, o que permite o desenvolvimento do conhecimento.

Para sintetizar a estruturação do sistema que Condillac propôs, devem-se colocar em primeiro lugar as sensações, depois de ascenderem ao status de atenção, passam por processos de comparação e também de julgamento, por fim se tornam a reflexão. A memória e o juízo são formados na relação com as coisas do mundo, na medida em que as sensações causam prazer ou sofrimento. A ausência de algo faz com que o indivíduo coloque sua atenção sobre essa sensação, que ocupa sua capacidade de sentir. As paixões nascem desses desejos, na verdade, as paixões como amor, ódio, esperança, medo, vontade, são sensações que foram transformadas em memória. Deve-se ter claro que a ausência, contida na memória, não é paixão de prazer ou de sofrimento, enquanto não acontecer uma sensação que estimule uma sensação anterior. Portanto, é pela atualização das sensações que se entra em conjunção ou disjunção com o objeto valor dos desejos e a memória de prazer ou sofrimento. Condillac (1984 [1798], p. 294) disse: “Bientôt la mémoire nous rappelle l’objet que nous croyons pouvoir contribuer à notre bonheur, et dans l’instant l’action de toutes nos facultés se détermine vers cet objet, Or cette action des facultés est ce que nous nommons désir”.

Todos os conhecimentos do indivíduo vêm dos sentidos. “Le discernement n’est pas une chose innée” (1984 [1798], p. 296), não sendo o discernimento inato, somente existe se for adquirido, ou seja, aprendido. Então, pode-se prever um processo que tem um começo e que, de fato, enquanto houver vida, nunca termina, logo, está sempre em aperfeiçoamento. O discernimento é um processo que acontece por meio de exercícios. Exercitar o discernimento significa exercitar os sentidos, fazê-los capazes de retirar as sensações mais precisas, significa aprender a olhar, a ouvir, a sentir o mundo que se coloca envolta dos sentidos. Portanto, não basta estar vendo uma figura

para compreendê-la, não basta ouvir sons para compreendê-los, é preciso que essas sensações encontrem experiências memorizadas, que sejam ajustadas a essas memórias e transformadas pelo juízo em novas memórias ou conhecimentos.

No tratado sobre a *Lógica*, na primeira parte, Condillac (1979 [1754], p. 65) separa as sensações e os sentidos, tanto quanto separa a alma do corpo. De fato, para ele o corpo e a alma são inatos no ser humano, formam uma mesma coisa. Do modo como ele disse: os sentidos são as primeiras faculdades que o ser humano nota que possui, e a alma sente as sensações pelos sentidos. Disse também que em sendo privado da visão não se pode conhecer a luz. Em se pensando que as sensações pertencem à alma e que os sentidos pertencem ao corpo, que elas não podem faltar, porque assim não se seria um ser humano, logo, a alma e as sensações não seriam faculdades, mas sim capacidades. Os sentidos, entretanto, como parte do corpo do animal podem faltar. Pode-se dizer que eles podem ser substituídos. Dessa forma, as sensações formam a capacidade de linguagem, sensações e linguagem pertencem à alma, inatas ao corpo com alma e inteligência. Por sua vez, a língua, estrutura construída através das sensações, pertence ao sentido que a constrói e, tal e qual a ele, quando ele faltar, ela também faltará. Evidentemente, o corpo, a fala e os sentidos são faculdades dos seres humanos vivos, por isso podem faltar, e a alma, a linguagem e as sensações são capacidades da inteligência, não podem faltar à condição de seres humanos.

Na segunda parte do tratado sobre a *Lógica* (1979 [1754]), Condillac relaciona a arte de pensar a uma língua bem feita. Considerou a parte anterior de seu texto, em que explicou a geração das ideias, afirmou que o único método para alcançar essa compreensão de algo era pela análise. Propôs que se estudassem os meios pelos quais a análise fosse possível. A concepção é a de que os conhecimentos formam um sistema, retirado da natureza, que ensina o ser humano a pensar. Então, quanto mais atentos os indivíduos estiverem às condições da natureza, tanto mais será capaz de perceber os sistemas que regulam a existência de

tudo. Todas as necessidades dos seres humanos e os meios de satisfazê-las estão ligados à sistematização dos órgãos do corpo e nas relações das coisas em relação a essa sistematização. O que se deseja e também o que se precisa, como necessidade interior, são exatamente os objetos que estão envolta. Pode-se dizer que ninguém precisa ou deseja algo que não exista a sua volta ou, mais exatamente, que desconheça.

Há um sistema nisso, tudo que se aprendeu, mesmo não sendo muita coisa, apresenta uma ordem, aquela das necessidades que se teve e que foram resolvidas através da natureza. A ordem está dada como as necessidades apareceram, tanto do ponto de vista do tempo como do espaço. Condillac associou essa ordem e o conhecimento dela, por ele e supostamente por qualquer outro ser humano, a um sistema que corresponderia àquele que o autor da natureza humana teria seguido quando constituíra cada ser humano. Então, tudo que se deseja e procura está perfeitamente dado na natureza, ninguém desejaria algo além dela. As palavras de Condillac (1979 [1754], p. 100) são: “tudo está ligado tanto em um sistema quanto no outro. Meus órgãos, as sensações que experimento, os juízos que trago, a experiência que os confirma, ou que os corrige (...)”. Por essas afirmações, pode-se associar a existência da linguagem, como órgão, à constituição da língua, enquanto solução de necessidades. Desse modo que os pensadores da Gramática Comparada entendiam a língua como o meio criado para resolver a necessidade do indivíduo de se fazer compreender, ideia apresentada anteriormente por John Locke no *Ensaio sobre o entendimento* (1690).

De acordo com Condillac, raciocinar exclusivamente por meio de palavras seria um mau hábito. Logo, compreendia que o ser humano raciocina por meio de palavras, tal qual estava em Locke, sendo que em Locke o pensamento funciona por meio de ideias, as quais estão prontas nas palavras. Mas, as palavras, para Condillac (1979 [1754], p. 101), tornaram-se um vício para os seres humanos, e esse vício é que impede que se raciocine sem o recurso delas: “A arte de abusar das palavras foi

para nós a arte de raciocinar, frívola, absurda, houve todos os vícios das imaginações desregradas”. Seria mais fácil raciocinar através da natureza, por si própria, esse mau hábito de raciocinar por aquilo que se costuma chamar de segunda natureza, ou substituta da natureza, que seriam as palavras, torna a arte de raciocinar muito difícil, seria como caminhar às cegas, porque essa segunda natureza é alterada e corrompida.

No capítulo II da *Lógica*, Condillac demonstrou como a língua permite a análise do pensamento. Tendo dito que os indivíduos usam as palavras sem determinar seus significados e sem ter a necessidade de determiná-los, ou seja, poder fazer de maneira inconsequente, naquele capítulo ele mostra como corrigir esse mau hábito. Sua primeira afirmação é que somente se pode raciocinar por meio dos dados da natureza (1979 [1754], p. 103): “só podemos raciocinar pelos meios que nos são dados ou indicados pela natureza”. As palavras são absolutamente necessárias para formar ideias. Quando discutiu isso, apresentou conclusões muito próximas às propostas por Locke. Além disso, Condillac afirmou que os seres humanos somente pensam com ajuda das palavras, enfim, para ele, a arte de raciocinar começou com as línguas.

Deve-se rediscutir a ideia de que os seres humanos são viciados nas palavras. Condillac remeteu essa discussão ao fato de que os seres humanos não têm o hábito de exercitar a metalíngua, não se tem o hábito de refletir sobre os significados das palavras e o modo como elas são introduzidas no pensamento e como chegam a representar as ideias. Por esse caminho, e também por outros, Condillac chegou a afirmar e a reafirmar a existência de uma linguagem inata e a negar veementemente a existência de ideias inatas. Como nesse trecho a seguir (1979 [1754], p. 104): “os elementos de uma linguagem qualquer, preparados antecipadamente, precedessem nossas ideias, porque, sem signos de qualquer espécie, nos seria impossível analisar nossos pensamentos”. Assim sendo, sem compreender o que se produziu como língua não é possível desenvolver o raciocínio, é preciso analisar as partes do próprio discurso para saber o que produziu como raciocínio.

A linguagem é puro sentimento. Esse conceito está presente nos *Diálogos* de Platão, em Aristóteles resultou na *Retórica das Paixões* e parece ser comum aos pensadores do Iluminismo e da Gramática Comparada, pois aparece em Locke, no *Ensaio sobre o entendimento*, e em Humboldt, na obra *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana*. Condillac (1979 [1754], p. 105) escreveu no capítulo “Como, em seguida, a linguagem se torna um método analítico ou língua” que “a necessidade de se ajudar mutuamente e de se comunicar e de compreender a si próprio fez com que a linguagem se tornasse métodos de análise, do mundo, dos outros e conseqüentemente de si mesmo”.

O pensamento sente necessidade de decompor as ideias totais e as parciais. Quando decompuer suas ações e ideias parciais, que são signos, formará novas ideias. Esse método é o único que os seres humanos têm para analisar o pensamento, e não há limites para o desenvolvimento desse processo, podendo chegar aos mínimos detalhes. Como as ideias se assentam em signos, dados os primeiros de uma língua, o processo de análise deve ser levado adiante pela analogia. Quis dizer Condillac (1979 [1754], p. 105) que todos os signos de uma língua seguem os mesmos processos de formação, é por analogia que o conjunto dos signos é ampliado, arrastado pelas mesmas regras e as mesmas necessidades: “sendo dados os primeiros signos de uma linguagem, só nos resta consultar a analogia e ela fornecerá todos os outros”.

A analogia é sem dúvida nenhuma a fórmula de maior vivacidade na constituição dos signos, quanto mais atuante e mais precisa for a relação analógica entre eles, mais bem representarão as ideias. Não haveria conceito que a língua, *linguagem de ação* para Condillac, não pudesse representar, quando o princípio da analogia estiver claro. A analogia torna os signos um sistema de representação, de tal forma que todos estão diretamente relacionados a muitos outros, tendo dentro de sua constituição, algo que fora sugerido por elementos internos e externos a língua. Segundo Condillac (1979 [1754], p. 106), “signos absolutamente arbitrários não serão entendidos”. Pode-se dizer que signos absolutamente

arbitrários não se materializam, porque todos os signos materializados na fala são sempre relativos a outros signos presentes na mesma fala ou em falas anteriormente executadas. Logo, todo signo somente seria compreendido quando estivesse relacionado por analogia, ou ao interior do próprio sistema da língua, ou no interior de ideias previamente e analogicamente relacionadas.

É a analogia que faz todo o artifício das línguas (1979 [1754], p. 106). Isso significaria que existe um sistema que antecede a manifestação em língua de qualquer forma de linguagem. Nos dizeres de Condillac, há uma língua inata, ainda que não haja ideias que o sejam (1979 [1754], p. 106). Nos dizeres de Saussure, o ser humano tem inata a capacidade de aprender uma língua. Em Locke, a capacidade de linguagem é inata. O que seria inato, nessa conceituação, é sempre aquilo que está dado no organismo físico humano. Em todos eles é aquilo que não pode ser aprendido, porque a língua falada é sempre conhecimento retirado das sensações. Não há como não associar esses conceitos ou esse conceito à ideia de estrutura ontológica do pensamento, seria o valor interno da inteligência natural que faz com que o mundo materializado seja sempre organizado do mesmo modo, nem é possível saber se ele de fato é uma estrutura, porque o pensamento sempre o fará ser assim. Condillac (1979 [1754], p. 106), demonstrou sua concepção: “a linguagem que denomino inata é uma linguagem que não aprendemos, porque é o efeito natural e imediato de toda a nossa conformação”.

Quando se considera a proposição de sistema de analogias de Condillac, percebe-se que toda ordem de estruturação de linguagem é de fato uma análise. Então todo signo é uma análise de muitos outros signos, tanto é que se pode usar um para explicar outros. Assim sendo, a linguagem sempre resulta em um método analítico, porque é sempre feita por signos, de valor analógico e simbólico. As línguas são sempre estruturas compostas por signos, portanto são sempre métodos de análise, são uma visão simbólica e semissimbólica do mundo de seus falan-

tes. Semissimbólicas porque elas representam na realidade do falante algo de material, o signo não é um substituto, é de fato a própria materialidade do mundo. Simbólica porque permitem a referência e é sempre materialidade analógica com outras realidades não referenciadas. Logo, como disse Condillac (1979 [1754], p. 107), “a análise não se faz e não se pode fazer a não ser com signos”, ou seja, sem o recurso dos métodos analíticos (as línguas) não haveria como analisar os pensamentos, não existindo a análise de pensamento não haveria raciocínio e, conseqüentemente, nem conhecimento.

O principal elemento do método de Condillac consiste em considerar a inexistência de princípios inatos, o que o faz diferente de suas fontes, Locke, Platão, Aristóteles e Descartes. Sobre tudo Locke combatia princípios inatos, mas supunha a existência de inteligência e capacidade de linguagem inatas. Condillac afastou toda e qualquer possibilidade de inatismo, tudo na existência do ser humano tem de origem na natureza, retirado dela. Logo, os seres humanos somente nascem com seu corpo orgânico e tudo o que for conhecimento é derivado da relação dos indivíduos com a natureza por meio de seus sentidos. As sensações que os sentidos tiram da natureza se transformam em memória e conhecimento, cada nova sensação é uma nova experiência que se soma ao conjunto da memória, ampliando o conhecimento.

O pensamento é o processo pelo qual o indivíduo administra a análise das sensações, sendo passível de análise e o modo de desenvolvimento do conhecimento, porque é integrado pelas faculdades do entendimento e das vontades. Pensar é estar em contato com todas as relações que o indivíduo tem com tudo que o cerca: emoções, atenção, paixão, julgamento, imaginação, reflexão, raciocínio, desejo, esperança, medo etc. Logo, o ser humano, quando pensa, coloca em jogo sua individualidade como ser, e tudo que ele é, psíquica e fisicamente, se coloca em presença num mesmo instante, a cada instante de pensamento, sendo seu pensamento, como qualquer uma de suas práticas sociais, marcado por sua individualidade físico-inata e social-adquirida.

A língua realiza a manifestação do pensamento, é um sistema que provém ao pensamento recursos para executar suas tarefas. O pensamento poderia funcionar sem a língua, mas a facilidade que ela oferece, faz dele um usuário cativo de seus recursos. O pensamento funciona por meio de uma estrutura, requer a sistematização para bem existir, a língua como sistema e estrutura oferece ao pensamento tudo o que ele precisa, por isso tornar-se viciado e corrompido por ela. Como manifestação da linguagem e do pensamento, a língua também é puro sentimento, como também afirmou Humboldt. Ela sempre é um novo começo e uma continuação do que já existe, o processo de atualização do passado em presente nas línguas se faz pela analogia. O pensamento que esteja anteriormente materializado em signo age como estruturador da nova sensação. O novo sentimento encontra explicação em sentimentos memorizados e conhecidos. Logo, língua e pensamento são um único elemento pleno dos sentimentos do indivíduo. Essa fórmula de descrever a língua, muito romântica, nasceu no Iluminismo e se espalhou.

3. Para Herder o ser humano inventou a língua ao praticar a reflexão

Johann Gottfried von Herder nasceu em Mohrungen, Prússia Oriental, 25 de agosto de 1744 e morreu em Weimar, 18 de dezembro de 1803. Foi aluno de Immanuel Kant e seguidor de Johann Georg Hamann. Suas principais obras são: *Fragments sobre uma nova literatura alemã*, *Ensaio sobre a origem da linguagem / Abhandlung über den Ursprung der Sprache*, *Von deutscher Art und Kunst*, *Einige fliegende Blätter*, *Outra filosofia da história para a educação da humanidade*, *Idéias para uma filosofia da história da humanidade*, *Christliche Schriften*, *Metakritik zur Kritik Reiner Vernunft e Kalligone*. Neste texto discute-se a obra *Abhandlung über den Ursprung der Sprache / Ensaio sobre a origem da linguagem* de 1770.

O homem é um animal que possui língua. Essa afirmação de Herder (1770, p. 03), em 1770, fez parte de uma intensa discussão durante o Iluminismo, se a língua era de origem divina ou não, se o ser humano era uma criação divina ou não. Fez parte também do período de nascimento das teorias evolucionistas que repercutem nas pós-modernas explicações de que o ser humano surgira das várias fases de transformação de um animal, cujo mais antigo seria um primata africano. Essa foi uma grande polêmica da história que ainda divide opiniões no Brasil, sobretudo, no interior de algumas filosofias religiosas.

Como animal, todas as sensações intensas do corpo, sobretudo, as dolorosas, e todas as paixões fortes da alma são manifestadas em gritos e lamentos. Quando com dor, diz Herder (1770), tanto os animais quanto os heróis se queixarão e gemerão. Esse ato, independentemente do social, mesmo em uma ilha sozinho, será um desabafo.

Étienne Bonnot de Condillac, a quem Herder critica negativamente, diz que o ser humano está dependente da língua como um vício, por isso não é capaz de usar outras formas de comunicação. Herder aponta para a comunicação entre os outros animais e para a comunicação por meios de sinais diversos que atingem a sensibilidade dos seres, aqueles com constituição psicológica amigável. Sinais que, no caso de certos animais, não estão visíveis. Tais sinais e sons constituem a língua. Língua sensitiva que constitui uma lei imediata. Segundo Herder, alguns afirmam que os seres humanos compartilham com os outros animais essa sensibilidade.

É possível que a língua artificial dos seres humanos tenha desligado essa natureza. Também é possível que o modo de vida social tenha refreado a sensibilidade humana para as paixões. Porém, em certos momentos, em que o homem é tomado de uma violenta sensação, a paixão ressoa de forma imediata na língua materna, fazendo um retorno ao mais próximo do estado natural do animal. Essa língua natural, com a qual cada espécie se comunica entre os membros, que faz a possibilidade da

existência dos grupos, os seres humanos possuem uma também. Que o som seja de dor ou prazer, que seja um suave sim de um beijo ou uma lágrima de amor, essas diferenças não são especificadas pela língua humana. A língua humana, que se especifica em discurso, pretende representar conceitos. Essa representação, uma vez construída, falará por si mesma. Segundo Herder, a natureza juntou os extremos das sensações e nessa língua dos seres humanos mostra esses pontos de convergência.

Herder se opõe veementemente à ideia da língua originária doada por Deus. Ele diz na página 4 (1770): “um dos defensores da origem divina da linguagem descobre a admirável ordem de Deus no fato de que os sons de todas as línguas conhecidas podem ser reduzidos a umas vinte letras”. Esse fato, segundo Herder, é falso e muito errado, porque nenhuma língua viva pode ser reduzida a letras. Ele continua: a articulação dos órgãos linguísticos é tão variada, cada som é pronunciado de forma tão distinta, que não se poderiam registrar tantas letras. Herder não conhecia, e nem poderia conhecer, a fonologia. Ela é posterior a 1770. Entretanto, registra o fato de as línguas terem um conjunto de traços articulatorios diferenciados. O alfabeto fonético atual se baseia em sínteses articulatorias, apagando detalhes muito específicos. Quando se faz o registro profundo desses traços numa transcrição fonética, somente é legível para quem tem muita experiência no assunto. A partir do racionalismo de Immanuel Kant não se defendeu mais a origem divina da língua no meio acadêmico ou científico. Entretanto, no meio filosófico religioso ainda há quem defenda. Herder aponta para os gregos, quem começara a fazer a conversão das formas vocálicas em letras.

Os gritos que emitem os animais expressam as paixões e se convertem em elementos da emoção. Herder vê nessas vozes naturais um modo vivificante da poesia e da música na antiguidade. Ao chegar numa explicação disso, seria possível explicar de forma mais filosófica o efeito que produzia a música da Grécia nos povos primitivos. Nos tempos dos seres humanos, segundo Herder, a razão estava substituindo a sensação e as

línguas artificiais da sociedade às vozes naturais. Diz Herder (1770, p. 6): "se queremos chamar linguagem a esses imediatos sons da natureza, sua origem me parece, desde já, o mais natural. Não só não é sobre-humana, como evidentemente animal: a lei natural de uma máquina sensível".

A língua humana consiste, de acordo com Herder, em uma inteligência capaz de empregar o som com um propósito. As crianças emitem sons de sensações, como os animais, mas os sons emitidos pelos animais, somente sensações, são muito diferentes ou inteiramente distintos da língua que as crianças aprendem com os adultos. Os seres humanos não têm as habilidades que são chamadas de *inatas*, como tem os animais, aquilo que é chamado de instinto. Herder afirma a carência de explicações contundentes em relação a este fato, da ausência dos instintos nos seres humanos, bem como da verdadeira causa da ausência dos instintos. Deve-se ter atenção ao fato de que todos os animais possuem um grupo ao qual pertence desde o nascimento. Essa condição de todos os animais e também dos seres humanos deve explicar muita coisa desses fatores. Deve-se ainda ter em mente o princípio da sensibilidade, da habilidade e dos instintos naturais dos animais, porque intensificam sua força na proporção inversa ao tamanho e na variedade de seu grupo de ação.

Herder continua dizendo que "o homem não possuía uma esfera tão uniforme e estreita, uma esfera na qual só se espera uma atitude: há entorno a ele um mundo de ocupações e determinações" (1770, p. 8). Desse modo seus sentidos se tornaram neutros, porque não estão aplicados a uma só atitude. Os seres humanos possuem os sentidos para tudo, por isso são mais fracos, a depender de cada um. Desse modo, as faculdades anímicas estão estendidas para o mundo inteiro e suas representações não estão dirigidas a uma só atitude. Ele não tem habilidades extraordinárias (*arteiras*) e linguagem de animal.

Os seres humanos não falam por instintos. Somente os gritos do corpo sensível dos bebês são semelhantes ao animal. Isso se compara ao animal, fora isso, seria mudo. Humboldt separou o

indivíduo que sente, ou seja, tem sensações, do homem-individual que expressa ideias. Herder descreve o bebê como o ser mais despreparado para sobreviver: pelado, fraco e carente, pusilânime e desarmado e privado de toda e qualquer orientação vital. Sua sensibilidade é reduzida, aptidões indeterminadas e latentes, tão abandonado e desamparado e, diferente dos outros animais, nem mesmo possui uma forma de linguagem apropriada para se manifestar e pedir ajuda. Herder assinala que, para ser o governante da natureza, necessariamente deveria possuir outras faculdades no lugar de instintos. Herder escreveu no início da segunda seção:

Ao pensar em tais características individuais da espécie humana, equilíbrio entre as características, o que poderia ser uma dificuldade: a ausência de instintos de sobrevivência, poderia se descobrir o centro compensador. Esse equilíbrio seria uma prova da verdadeira característica da humanidade e como os seres humanos superam os outros animais, para mais ou para menos, na qualidade do uso dessas características. Então, estaria nessas características o fundamento genético que fez necessária a criação de uma língua, específica para a espécie, como é característico nos outros animais os instintos de sobrevivência. Os seres humanos têm uma língua como característica da espécie, de tal forma que dizer homem é igual a dizer sujeito-falante.

Para caracterizar a língua dos seres humanos, Herder diz que não se baseou nas características sociais, mas no modo geral dos animais. Enquanto os outros animais possuem sentidos intensos e voltados para uma só perspectiva, os seres humanos possuem sentidos reduzidos em relação a eles, entretanto, desfruta de uma intensa liberdade, justamente porque são sentidos mais gerais, voltados para o mundo. Desse modo, os seres humanos não nascem com a capacidade de fazer favos ou teias, mas têm liberdade de atuar em muitas coisas e aprender sempre mais. Segundo Herder, “nenhum pensamento é obra imediata da natureza, mas graças a ele o homem pode fazer uma obra individual” (1770, p. 32).

Herder elenca os nomes que se dava para essa faculdade dos seres humanos: entendimento, razão, consciência, reflexão

etc. Entendimento, reflexão, consciência e razão aparecem em John Locke, Étienne Bonnot de Condillac, Jean Jacques Rousseau (1712-1778), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Edward Search (s.d.), entre outros.

Não se trata de faculdades isoladas nem de um processo de evolução da linguagem dos animais. Trata-se da organização geral de todas as faculdades dos seres humanos, do controle das faculdades sensíveis, cognitivas e volitivas. Trata-se, segundo Herder, da singular capacidade positiva do pensar, ajustada a organização corporal, que se costuma nomear de razão e, nos animais, capacidade *arteira*. Nos seres humanos é a liberdade e nos animais o instinto. A diferença não se trata de nível de perfeição, mas de diversificação de orientação e desenvolvimento de todas as faculdades.

Os atos individuais da inteligência dos seres humanos são classificados pela língua em ingênuos, espertos, fantasiosos, racionais etc. No entanto, nenhum desses atos, segundo Herder, se coloca somente numa dessas classificações. Herder quer dizer que qualquer ato individual de discurso é uma representação máxima daquilo que o indivíduo é ou sabe. Tais classificações são somente abstrações sensíveis das ideias do indivíduo que as produziu. "Em todas as partes atua a alma inteira sem divisões" (1770, p. 34). Um ser humano nunca atuaria como animal ou sem razão e jamais seria de fato racional. No primeiro caso não seria homem e no segundo não seria humano.

O nome que Herder dá à faculdade humana de produzir pensamentos e usá-los é reflexão. Ele disse que é para não confundir com os diversos nomes: sensibilidade e instinto, imaginação e razão, comuns na literatura contemporânea e antecedente a ele. Essa é uma condição, se o ser humano não possui instinto, tem de possuir outra faculdade, considerando a faculdade da liberdade de inteligência, tem de ser uma criatura dotada de reflexão.

A ideia de Herder é que o ser humano também nasce igual aos seres de sua espécie, como os outros animais, os quais já nascem iguais aos seres de sua espécie. Assim sendo, pensa como um ser humano desde o primeiro instante, ou seja, possui reflexão. Todas

as suas faculdades estão voltadas para essa direção básica, até o último instante de sua vida. Herder diz: “a razão se manifesta já em sua sensibilidade de forma tão efetiva, que o onipotente criador dessa alma viu em seu primeiro momento, o texto completo das ações de sua vida” (1770, p. 36, tradução livre).

O ser humano, a partir da condição de reflexão, que lhe é própria, inventou a língua ao colocar em prática, de forma livre, logo na primeira vez a condição de reflexão. De fato, pergunta Herder, o que seria a reflexão e o que seria a língua? Fique definitivamente estabelecido que reflexão e língua são uma única fórmula. O ser humano possui a característica da reflexão, que é essencial para sobrevivência da espécie. Em conjunto com a reflexão, que em português brasileiro usa-se muito mais o termo pensamento, ao ser humano pertence também a invenção da língua. Herder escreveu, como está na citação acima, que “inventar a língua é para ele, então, tão natural como ser homem” / “*Erfindung der Sprache ist ihm also so natürlich, als er ein Mensch ist!*” (1770, p. 40, grifos meus).

A ideia que está na citação, aparece também em Wilhelm von Humboldt (1836). “O homem é avassalado por uma enorme quantidade de sensações. Elas invadem a cognição. Pela reflexão, o pensamento consegue isolar aquela sensação que interessa. As faculdades da alma atuam tão livremente no ser humano que, conscientemente, o pensamento detém a atenção sobre a sensação que interessa. Como o ser humano inventou a língua? Pode-se dizer que foi num ato de reflexão. *Eureka!* O primeiro acontecimento do conhecimento refletido foi uma palavra da inteligência” (1770, p. 41). A inteligência, a reflexão, o conhecimento e a palavra aconteceram simultaneamente, segundo Herder.

As misturas de sensações se confundem, porque sempre há outros sentimentos que oprimem. Normalmente, os sentidos captam muitas sensações simultaneamente, como foi dito acima. Entre elas uma precisa ser destacada. Para Herder, é preciso um conjunto de conhecimentos para que uma sensação possa virar reconhecimento. Para reconhecer as diferenças

entre duas coisas, a inteligência é obrigada a comparar com uma terceira. Logo, tem sempre um conjunto de três coisas em comparação. Em suas palavras (1770, p. 40, tradução livre): “a alma está permanentemente obrigada a conhecer a diferença entre duas coisas por meio de uma terceira”.

Herder explica como se forma o conhecimento na memória. Ele descreve a situação de se ouvir o balido de uma ovelha. Um signo foi captado, nessa ocasião o pensamento se recordou claramente de uma ideia. Essa ideia foi associada a uma palavra. Em Herder, as palavras são representações de ideias. Então, as línguas humanas são inteiramente uma coleção de palavras.

A língua foi inventada. Herder faz perceber que isso aconteceu naturalmente, porque ela é parte da natureza do ser humano, faz esses animais serem seres humanos. Não é articulação na boca, porque mesmo os que não falam desde o nascimento, como são seres humanos e têm memória, possuem a língua no pensamento. Herder concorda com Platão, no *Teeteto*, porque ele diz que a língua não é a voz das sensações, porque não foi um ser que respira que a inventou, mas um ser capaz de reflexão. Herder diz que a língua é um acordo do espírito consigo mesmo. Um acordo tão necessário quanto o de um ser humano se reconhecer como ser humano. Humboldt (1836) esclareceu que somente é possível saber o que se disse quando se ouve o que foi dito, assim é que se reconhece a si mesmo.

A mínima aplicação da razão é impossível sem a língua, disse Herder. Criticando seus antecessores que afirmavam, segundo ele, que a língua depende da razão, logo era necessária uma razão para inventá-la, por isso teria sido ela doada por Deus aos seres humanos. O que Herder considera é que, se não é possível, como de fato não é, a língua sem razão, elas só existem juntas, então, aconteceram ao mesmo tempo. Ambas são necessárias para que um ser humano seja um ser humano. Ele disse (1770, p. 46): *ratio et oratio!*

Herder adiciona um argumento definitivo para relacionar a língua ao ser humano. Ele diz que em muitas línguas os con-

ceitos de palavra e razão, de conceito e finalidade, de linguagem e causa têm os mesmos signos. Nome e conhecimento em línguas orientais é a mesma coisa, um mesmo ato, por isso nessas línguas esses nomes são considerados redundâncias. Em grego, explica Herder, o significado de *logos* abarca a ambos. Para os gregos, a língua é um órgão do entendimento, um sentido do pensamento, do modo como o olho era para os antigos a faculdade da alma sensível.

A razão pertence ao indivíduo. Ninguém consegue usá-la por outro. Também a memória cada indivíduo tem a sua. Logo, ninguém ensina nada a ninguém. Segundo Herder, os pais não ensinam língua a seus filhos, esses aprendem utilizando a reflexão, a razão e a memória que possuem. Observam e aplicam a si mesmos, encontrando as diferenças entre os signos na própria memória.

A língua afasta os seres humanos da natureza e constrói dentro deles um espírito pleno de artificialidade, que produz uma casca opressora e aprisionadora para o ser grotesco que deu origem ao ser humano social, que é pleno de sublimações. A existência dos seres humanos no meio social produziu um conjunto de artificialidades, todas elas elaboradas com a finalidade de opor os valores intelectuais aos valores animais. O ser humano é um animal que deseja socialmente não ser mais um animal. Como dissera Platão no *Fedão*, o filósofo prefere viver entre os pensamentos puros, porque isso o aproxima daquilo que é imortal. No período após Herder, início do século XIX, foram escritas inúmeras obras em diversos gêneros, mostrando no ser humano as contradições entre o grotesco e o sublime, nos estudos de Gramática Comparada, Humboldt propôs que na sociedade os seres humanos são uma mistura dos instintos com as sublimações.

CAPÍTULO 2. SOBRE A LÍNGUA, O INDIVÍDUO E O DISCURSO

1. Em Humboldt, o indivíduo pela língua torna-se também cidadão

Humboldt (1836, p. 29) criou o conceito de homem-individual (*einzelne Mensch*): "O homem-individual está sempre relacionado com sua nação, com o tronco cultural a que esta pertence e ao conjunto da espécie humana. A vida dele, de qualquer ponto de vista, está sempre vinculada à sociedade". Visto dos dois pontos de vista possíveis: interno e externo ao ser humano, que nessa questão se fundem, o homem e o indivíduo, obviamente, formam uma configuração. O ser humano tem uma vida frágil neste planeta, em função dessa condição necessita dos outros para sobreviver. Os indivíduos se juntam e têm na língua o meio para tornar essas uniões possíveis. O homem-individual é o ser que dentro de uma sociedade, formado por ela através de suas regras e leis, transmitidas a ele pela língua, participa dessa sociedade com sua criatividade e independência. Ele é homem submisso à sociedade e indivíduo livre e independente que atualiza essa sociedade a todo instante.

A forma da língua não afasta de si nada que seja fático ou individual, afirmou Humboldt (1836). Na verdade, tudo só precisa de uma fundamentação histórica, porque a língua é histórica. Segundo Humboldt (1836), tão maravilhosa é na língua a individualidade dentro do que é universal, que se poderia afirmar que a espécie humana fala uma só língua e que cada ser humano individualmente possui a sua própria. O que se entende na afirmação de Humboldt, é que na instância profunda as línguas são todas iguais, constituídas da massa intelectual, ou seja, o pensamento, e da massa sonora, ou seja, a articulação produzida pelos indivíduos, e que na instância superficial todas são diferentes, inclusive

em cada um dos indivíduos, em função da massa intelectual, isto é, a cultura, e da massa sonora, isto é, fonemas e alofones e palavras, que caracterizam nação, sociedades locais e indivíduos.

É preciso dizer aqui, mesmo que seja óbvio, que o ser humano nasce como todos os outros animais, dentro de um grupo familiar e vai permanecer vinculado a este grupo. Para os outros animais, a existência não está concretamente controlada pela memória, porque assimilam poucas informações, logo, suas existências atravessam um período e pouca transformação de comportamento ocorre, porque nenhuma transformação intelectual ocorre. O ser humano, segundo Humboldt (2009), só existe na relação com os outros, enlaçado pelo presente, passado e futuro.

O verdadeiro fim de todos os seres humanos é alcançar a maior formação que lhe for possível. Para isso, o que todos precisam é de liberdade e de condições variadas em que possam testar suas habilidades. Numa situação em que haja uniformidade de possibilidades, até mesmo os seres humanos mais livres e independentes ficam restritos em sua formação. Segundo Humboldt (2009), a riqueza de possibilidades é uma consequência das possibilidades de liberdade. Entretanto, certos traços opressivos, ao invés de limitar os seres humanos, transformam as coisas a sua maneira de ser, dando uma característica identitária.

O ser humano deve se concentrar em uma coisa de cada vez. Ele está condenado a isso, pois quando se aplica ao mesmo tempo a várias situações, dispersa energia e se dispersa. Cabe ao ser humano concentrar as forças dispersas e exercidas isoladamente a cada período. Conforme citação a seguir, as forças são juntadas no tempo, do passado, do presente e do futuro, e na sociedade, na relação com os outros. O ser humano somente alcança a característica de todo gênero humano através de todos os períodos de sua vida. É na convivência entre todos os seres humanos que se alcança a riqueza que brota de cada um.

Amor ou amizade, o nome pouco importa. A união entre os sexos é uma das relações mais importantes entre pessoas, porque ajudam a formar o caráter de uma sociedade. Não menos

importante, geralmente muito proveitosa para o desenvolvimento do intelecto e da economia, é a união entre as pessoas do mesmo sexo. Segundo Humboldt (2009 [1792]), o aproveitamento dessas relações para a formação do ser humano depende sempre de como se conserva a independência dos participantes da união e a intimidade da relação, ou seja, quanto mais íntimas e mais independentes forem as pessoas na relação, mais a relação será proveitosa para ambos.

A força da intimidade e da liberdade preservadas e as diferenças equilibradas entre as pessoas da relação manteriam o interesse e a produtividade da relação. Tais forças se associam pela originalidade. Humboldt (2009 [1792]) escreveu que é na individualidade da força e da formação que reside a grandeza de caráter. Nenhum indivíduo que deseje atuar sobre os seres humanos deve perder de vista a manutenção da individualidade e da formação. Essas peculiaridades são frutos da liberdade de agir e da variedade de situações em que atua.

Humboldt (2009 [1792]) afirma que há uma relação de causa e efeito na atuação do ser humano. Quanto mais ele for a causa, ou seja, suas reflexões forem as causas, e quanto menos se limitar a perceber as sensações exteriores, maiores serão os efeitos de suas atitudes. Humboldt também afirma que cada indivíduo aprecia a natureza, a riqueza e a beleza da maneira como em seu interior elas tocam seus sentimentos.

Como está na citação abaixo, quando se examina com precisão essas ideias, aplicando-as mais de perto ao homem-individual, pode-se ver que tudo se reduz a forma e substância. Humboldt usou em várias obras essa mesma definição: "Der Form steht freilich ein Stoff gegenüber; um aber den Stoff der Sprachform zu finden, muſs man über die Gränzen der Sprache hinausgehen" (Humboldt, 1836, p. 45). Esta frase citada aparece em sua mais famosa obra *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Na linguística em geral, a tradução nas línguas latinas para essa terminologia de Humboldt, *Form* e *Stoff*, é forma e substância.

Nas traduções recentes dos livros de Humboldt para a língua castelhana da Espanha os nomes que aparecem são *forma* e *matéria*. As sensações podem ser avaliadas na obra de Humboldt a partir de três textos, que são complementários historiograficamente e que aparecem em suas obras como fontes. O primeiro, fonte para quase tudo na cultura ocidental, é o *Teeteto* de Platão (século IV a. C.) e os outros são o *Tratado das sensações* e a *Lógica* de Etienne Bonot de Condillac (1754). Humboldt (2009 [1792], p. 16) afirmou que “as sensações são a substância menos dotada de forma e as ideias a forma pura, revestida de uma capa tênue”. A forma nasce das combinações da substância. Quanto maior for a abundância e a variedade de substância, mais superior será a forma.

Assim, tanto as sensações, que são o modo como os seres vivos percebem a natureza a sua volta, como as ideias, que somente os seres humanos concebem, são substâncias. Delas surgem as formas. O fato é que somente das substâncias se pode formar algo. Das sensações se pode formar algo para os indivíduos, como se encontra explicado no *Diálogo: Teeteto* e no *Tratado das sensações*, e das ideias se pode formar algo para os homens, como se encontra explicado no *Diálogo: Crátilo* (século IV a. C.) de Platão e no *Tratado das sensações*. Forma e substância foram temas dos maiores estudiosos da filosofia da linguagem: Aristóteles (séculos IV e III a. C.), John Locke [1632-1704] (1690), Condillac (1754), Humboldt (1792; 1818; 1836), Ferdinand de Saussure (1916) etc.

A grandiosidade dos seres humanos está na fusão dessas duas naturezas: forma e substância. Humboldt tratou do fato de o ser humano ser e permanecer importante de acordo com sua formação. Assim, a forma é aquela que o ser humano, dono de seu destino, adquiriu, uma vez que ele pode controlar sua formação e sempre está no controle de sua formação, porque sempre escolhe o que aprender. O homem e a mulher são o resultado da formação individual ao longo do tempo de vida, e não há interrupção no aprendizado. A conceituação importante é que não existe forma sem substância, porque da substância surge a forma.

Constatação fácil é que os seres humanos tomam o mundo como forma. O que não tem forma não existe, logo, visto pelo avesso, tudo que existe é em um formato. A forma é a representação da ideia em um nome. O nome é a materialização acidental da ideia constituída pelas sensações. As sensações, como disse Humboldt, são as formas mais imperfeitas e as ideias à formas mais perfeitas, entre elas estaria a língua, com sua substância fônica, para dar realidade a essas formas substanciais. Uma vez realizadas em forma da língua, a forma da ideia e a forma das sensações podem se propagar.

Toda forma nasce de uma base. As árvores nascem de uma semente e os animais de um ovo. O ser humano, ser formado, deve também nascer de uma forma substancial. O ser formado deve ser parte da sociedade, só pode ser formado dentro de uma sociedade. A liberdade não pertence a ele, mas à base substancial da qual ele foi formado. A manutenção da liberdade é para o ser que pode ser livre. O termo que Humboldt usa com muita frequência para fazer referência ao ser que mantém sua independência é *indivíduo*. Em suas obras, no original em alemão, os nomes são: *Einzelne*, *Individuell* e *Person*. O termo *homem* é a tradução frequente para *Mensch*; *homens* conceito muito vinculado à ideia de espécie. *Einzelne Mensch* traduz-se em homem-individual em português, poderia ser *ser-humano-individual* ou *pessoas-individuais*. De todo modo, as traduções geram perdas no sentido, uma vez que o termo *Mensch* do alemão não exclui as mulheres. Esse debate sobre a tradução desse termo visa a deixar claro que não existe nos textos de Humboldt inferiorização do papel das mulheres.

O que se depreende é que o *homem* é o indivíduo pleno do *espírito nacional*, em alemão *Geistes der Völker*, o termo mais usado em português brasileiro é *cultura*. “A língua é, por assim dizer, a manifestação externa do espírito do povo (cultura). A língua dele é seu espírito (cultura), e seu espírito (cultura) é sua língua: nunca os pensaremos suficientemente idênticos” (Humboldt, 1836, p. 37, tradução livre).

Os seres humanos, segundo Humboldt (2009 [1792]), foram feitos físico e moralmente para estarem unidos. Tudo faz com que os seres humanos se atraiam e, quando juntos, em situações honradas, a força das ações deles demonstraria e engendraria o máximo de energia. No desenvolvimento histórico da humanidade, tanto o conjunto, como em cada homem-individual, desapareceu aquilo que era mais bruto e floresceu o que era mais refinado. O refinamento guarda também uma força, que é sempre a fórmula do refinamento.

Não existe ser humano que viva sozinho. Humboldt (1836) localiza o ser humano em relação a uma totalidade sempre, a de sua nação em primeiro lugar, ao grupo de nações a que sua nação pertence e ao conjunto da espécie humana. Por esse ângulo, de qualquer modo que se observe, o ser humano está sempre vinculado à sociedade. É a língua que favorece o entendimento, no sentido de tornar possíveis empreitadas comuns. A língua torna possível, somente ela, todo e qualquer desenvolvimento dos seres humanos. Humboldt argumenta que até mesmo o desenvolvimento espiritual, que geralmente se esconde no íntimo da alma, só é possível pela língua. Do mesmo modo que se alguém quiser ser entendido terá que fazer uso da língua. O som articulado escapa da boca cheio de sentimentos e vai buscar ressonância no ouvido e nos sentimentos de outros. Com isso, pela língua, o ser humano descobre perto de si outros com as mesmas necessidades e pode procurar por suas aspirações e por anseios contidos em suas sensações.

Nas palavras de Humboldt (2009 [1792]), a individualidade é uma condição da alma, mas com existência como parte da espécie. O homem-individual só existe na sociedade, como parte do grupo ao qual deseja e se obriga a filiar. Desse modo, a individualidade no ser humano é um estado de espírito, porque no sujeito somente existe de fato a filiação ao conjunto. A consciência sempre será individual, não seria possível de outro modo, mas a individualidade, sempre discreta, é traço remanescente desde tempos antigos nos seres humanos dotados de inteligência e de superioridade.

Os indivíduos, todas as espécies, se espalham por sobre a terra do mesmo modo como fazem as plantas. Essa vida é interrompida pela morte, mas os efeitos dela permanecem por séculos inalterados. O que mais permanece é a ação do ser humano, realizada pela língua, na relação com os outros indivíduos do conjunto. O indivíduo morre, mas o homem-individual permanece por séculos nos efeitos de seus atos. Onde o homem-individual aparece e atua humanamente, liga-se à sociedade, cria instituições e leis. Quando os homens-individuais de uma sociedade produziram algo imperfeito, outros homens-individuais, em novos tempos, implantam outros costumes para corrigir o passado e alcançar melhor sorte para todos. Humboldt (1836) afirma que a civilização moral nunca deixará de florescer em uma sociedade.

A produção da língua constitui uma necessidade interna à humanidade, não é algo necessitado somente externamente para o sustento da convivência nas comunidades, mas forma parte da natureza dos seres humanos. A língua é indispensável para o desenvolvimento das capacidades mentais dos seres humanos e para alcançar uma concepção de mundo. Uma concepção de mundo, o homem-individual somente pode chegar a ter à medida que eleva seu pensamento na direção do esclarecimento, o que é fruto de pensar em conjunto através da língua.

A língua é o ponto médio em que se reúnem as mais diversas individualidades em virtude de comunicar aspirações internas e percepções externas. A língua é o que está mais próximo do caráter do indivíduo. As lutas mais vigorosas, as mais profundas e silenciosas emoções, as vidas mais frutíferas, tudo e todos encontram nela tudo o que precisam. Para propagação de sentimentos, a língua faz as formas necessárias nascerem. Toda a formação do homem-individual acontece pela língua, nela está o conhecimento. Porém, explica Humboldt (1836), os efeitos da formação do caráter são mais difíceis de demonstrar que o progresso intelectual, porque depende em sua maior parte das relações entre as gerações.

Humboldt (1836) disse que a ação do indivíduo é sempre pontual, em aparência e na realidade, ele se move na mesma direção do conjunto. Essa circunstância de mão dupla condicionada por ele e a ele condicionante, coloca-o em dependência indissolúvel com o tempo do passado e do futuro. Aprofundando essa ideia, o direcionamento do indivíduo nunca deixa de ser divergente do conjunto de sua espécie, dessa maneira, a trama da história universal, no que toca à formação do ser humano, está composta dessas duas orientações entrecruzadas e entrelaçadas. O homem-individual é, portanto, o indivíduo que, como parte de um conjunto de seres de sua espécie, foi formado linguisticamente em uma sociedade como cidadão. Resumindo: indivíduo, língua, cidadão formam um conjunto em um ser humano dentro de uma sociedade.

A ação individual do ser humano é mais contundente, quando ele, como homem-individual, considera a si e a todos seus irmãos de espécie como destinados ao desenvolvimento intelectual e moral individualmente, inclusive para além da própria vida. Desse modo, os laços que unem duas almas adquirem uma significação distinta e muito elevada. Nessas condições, analisando o que Humboldt disse, a individualidade é pura independência e sabedoria, porque faz do cidadão que acredita nela um criador de novos horizontes e um incentivador de seus compatriotas.

De acordo com Humboldt (1836), a intuição da totalidade e a busca por essa totalidade são acompanhadas pelo desejo da individualidade. Elas se fazem mais intensas conforme ficam mais sofisticadas, porque o indivíduo carrega consigo o conjunto da humanidade, sempre numa única direção de aperfeiçoamento. De fato, segundo Humboldt (1836), o ser humano tem a forma individual de consciência. A ligação do indivíduo com o conjunto é da ordem da inspiração. O conjunto que o sustenta é a nação, ele sempre vai caminhar na mesma direção moral e intelectual da nação, porque essa, guardadas as proporções, Humboldt (1836) afirma, tem a mesma constituição individual, ou seja, ela é um indivíduo como qualquer cidadão.

Indivíduo e sociedade formam uma união simbiótica. Qualquer criação do homem-individual, em qualquer tempo de sua história, só teria êxito se encontrar suporte na forma cultural da sociedade. Do mesmo modo, o êxito do homem-individual é uma contribuição inestimável para o conjunto da sociedade, que se aproveitará desse evento para se desenvolver. Não se pode esquecer, por nenhum segundo, que Humboldt associa a nação à língua, não haveria cultura nacional ou espírito nacional (*Geistes der Völker*) sem o suporte da língua nacional. Também, quando Humboldt fala sobre individualidade, está argumentando a respeito dos direitos à cidadania, à independência e à liberdade de formação, então, trata-se do homem-individual, semelhante ao *homem-sujeito* de Aristóteles, pertencente e participante da sociedade.

Dado que as línguas estão associadas da forma mais estreita com a natureza do ser humano, os homens-individuais nascem da atividade gerada por elas. Desse modo, se pode dizer que os povos, em suas características intelectuais, são obras de suas línguas. Humboldt (1836) estende essa discussão, semelhantemente a Herder, dizendo que as línguas e a natureza humana surgem simultaneamente e em recíproca conformidade das profundezas da alma. Para ele, não há como provar esses eventos porque não se tem conhecimento do modo de criação das línguas. Humboldt disse isso em 1836, mas parece que a tecnologia do século XXI ainda não oferece tal solução. Para além de Humboldt, do ponto de vista histórico, uma língua continua a outra, sequencialmente, até um infinito desconhecido, que já levou a humanidade a conjecturas variadas e que sempre batem no surgimento da espécie humana na superfície do planeta.

A ligação que une o indivíduo ao conjunto da nação coloca-se no ponto central de tudo isso, é de onde essa força dessa ligação determina todo pensamento, sentido e vontade. Tudo na linguagem está associado com tudo que essa força contém, tanto da totalidade como da individualidade. Essa relação não é passiva de nenhuma parte. A língua não pode ser ensinada a uma criança, no máximo, pode-se despertá-la na alma. No

máximo, pode-se oferecer uma ajuda, da qual ela pode se desenvolver sozinha. Mesmo sendo uma obra coletiva, as línguas continuam sendo uma criação dos indivíduos, uma vez que somente neles existe a compreensão dos demais.

Deve-se imaginar a língua como algo superior aos seres humanos, isso impede a comparação com qualquer outra obra da humanidade ou produto de sua inteligência. Não seria assim, se essa realidade não fosse visível somente em produções humanas isoladas e específicas; se se pudesse ver sua essência, se poderia ver a trama da individualidade humana, já que a língua vai mais além da divisão dos indivíduos. Deve-se procurar um ponto de vista superior, de que a estrutura das línguas humanas são distintas na espécie humana afora, porque são a peculiaridade cultural das nações. Os discursos, nessas nações, apresentam essa peculiaridade estrutural e são eles a forma manifesta e real da língua.

Humboldt (1836, p.113) descreve o indivíduo da única maneira que ele pode ser compreendido, que é na manifestação da língua através da gramática realizada em discurso, ou seja, como homem-individual. Ele discute longamente a significação e a utilização dos pronomes. De um modo geral sua conceituação, como ele mesmo diz, é aplicável a todas as línguas. Algumas línguas têm recursos variados para realizar a função pronominal. Nesse texto, interessa demonstrar como Humboldt elaborou a relação do homem-individual com o discurso. Essa noção do *eu* que é manifestado no discurso perante um *tu*, que também é uma versão do *eu*, porque se coloca como *eu* quando assume a palavra, viria a ser chamada de **enunciação** em outros comparatistas e nos linguistas.

Essa conceituação começa em Aristóteles, e Émile Benveniste reproduziu na discussão sobre a **enunciação**. A pessoa que fala faz abstração de toda realidade concreta. Ela se coloca, quando diz *eu*, inserida nas relações externas a si de espaço e nas internas a si das sensações. A partir daí, as palavras que indicam as pessoas do discurso-texto, os pronomes, são circundadas por formas adverbiais: preposições, conjunções e interjeições. O que ocorre

é que essas palavras associadas indicam relações de tempo e de espaço. O tempo nas preposições são extensões de suas significações. Humboldt (1836, p.113) argumenta que é “bem possível que os pronomes simples tenham sua origem numa relação de espaço ou de sensação de espaço”. Essa distinção dos pronomes está baseada tão somente no acontecimento de uma sensação real numa individualidade. O *eu* se coloca no mundo num espaço e tempo através das sensações que recebe do mundo exterior a si.

Quando se diz *eu*, sujeito de uma oração, o indivíduo se coloca para o mundo da única maneira que lhe é possível, ou seja, pela língua. Eu, sujeito de uma oração, corresponde ao estado individual de reflexão e de liberdade. A língua só existe no indivíduo, em sua memória, mas ela o obriga a exprimir-se por meio de suas regras, assim, pela língua, não existe um indivíduo, mas sim homem-individual ou sujeito-falante que fala e homem-individual ou sujeito-falante que ouve. O homem-individual, ao pronunciar *eu* para um *tu*, torna-se social por meio da língua. Ele não existe para o *tu* como indivíduo, mas como sujeito-falante de suas expressões. Dessa forma, a língua cria o cidadão-sujeito (homem-individual) na sociedade, exatamente como ela é. Humboldt disse que a língua da nação ensina um modo de pensar ao povo; que cada língua é um modo de ver o mundo; que os cidadãos de uma nação se reconheceriam pela língua no meio de uma multidão de estrangeiros.

2. Entre Humboldt e Saussure: Schleicher e Whitney

2.1. Em Schleicher, o estilo é individual e intencional

August Schleicher nasceu Meiningen, na Turíngia, 19 de fevereiro de 1821 e morreu em Jena, 6 de dezembro de 1868, antes de completar 48 anos. Sua obra é vasta e foi produzida durante alguns anos. Ele é amplamente reconhecido como um seguidor de Humboldt, são muitas as referências aos conceitos dele em todos os seus livros. Por outro lado, Saussure dedica

um comentário importante ao sistema das vogais do indo-europeu de Schleicher no *Mémoire*, para discordar principalmente. Também no *Curso de Linguística Geral*, na introdução, Saussure fez referência à contribuição de August Schleicher no tocante à Gramática Comparada. O livro *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen Kurzer* é a referência principal que Saussure faz à obra de Schleicher.

No texto *Die Sprachen Europas in systematischer uebersicht* (1850)/ *Les langues de l'Europe moderne* (1852), Schleicher diz que o pensamento necessita da língua como o espírito necessita do corpo. Apresenta uma divisão clara baseada na ideia clássica de corpo e espírito e aplica essa divisão à cognição humana: a língua como o lado físico-material do pensamento.

Schleicher desenvolve nesse livro o que ele chamou de essência e classificações das línguas. Adota a noção evidentemente humboldtiana de tipologia linguística e de palavra. Na palavra estão contidas as duas essências da língua: as significações da natureza e a forma das relações que ajustam umas às outras. Diz que as línguas podem ser decompostas em noção e relações. A essência de uma língua se baseia na maneira como ela exprime acusticamente as significações e as relações. Em outro ponto da obra diz que as significações são expressas pelas raízes e as relações pelas terminações.

Schleicher desenvolve essa discussão para três dos tipos linguísticos apontados por Humboldt: o flexional, o aglutinante e o isolante. Argumenta que em nenhum momento numa língua, uma palavra poderá ser empregada sem a incidência da forma de relação. Como havia dito Humboldt, explica as flexões verdadeiras como o estágio final de desenvolvimento das formas gramaticais. As formas sempre começam como raízes de sentido independente, que passam a integrar processos de aglutinação, quando seu significado já não é tão evidente, e tornam-se flexões quando o único sentido que apresentam é o de modificar e ajustar a significação de uma raiz.

No capítulo sobre as línguas aglutinantes explica as línguas chamadas por Humboldt de incorporantes ou incorporadoras (Einverleibungssystem der Sprachen [Humboldt, 1836, p. 132]), modernamente chamadas de polissintéticas, são as línguas indígenas das Américas, e ele exemplifica com o mexicano, o mesmo exemplo de Humboldt (1836). A classificação das línguas da Europa está baseada nessa tipologia apresentada por Humboldt e sua discussão sobre o indo-europeu também segue essa classificação tipológica.

As três formas gerais: monossilabismo, aglutinação e flexão, somente se diferem entre elas por distinções formais. Diferente de Humboldt, que disse que todas as línguas são perfeitas, porque são a expressão do pensamento de uma nação, Schleicher estabelece uma distinção, aquelas que são superiores, que se constituem de significação e relação, e aquelas inferiores, que são as monossilábicas. O que ele tenta mostrar é que nessas línguas não se tem a expressão das formas de relação diretamente nas palavras. Essa explicação está em Humboldt, mas Schleicher usa termos que estabelece uma hierarquia de qualidade entre as línguas, que destoa da forma quase poética da escrita de Humboldt.

Em Schleicher, o estilo é individual também. O estilo individual não tem intervenção imediata sobre a forma e a fonética de uma língua. Ele trata o indivíduo como uma subdivisão da língua, a menor. Estabelece uma hierarquia semelhante a de Humboldt para a organização fonética: espécies, famílias, idiomas, dialetos e falares. Os falares, última divisão da língua, são o resultado de convenção não premeditada entre várias pessoas. O estilo individual a que faz referência são as marcas intencionais do idioleto, deve ser pertinente aos indivíduos que refletem sobre sua produção discursiva e se encontra sob a influência direta do homem-individual.

Referente à citação acima, o texto original em alemão está escrito apenas *Einzelnen*. O tradutor provavelmente conhecia a obra de Humboldt e aplicou à tradução o termo de Humboldt

Einzelnen-Mensch, cuja tradução é homem-individual em português brasileiro, em francês *l'homme individuel*.

Essa divisão aparece também no livro *Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft* (1873), em que há uma comparação entre a divisão biológica das espécies e dos reinos naturais com a língua. Diz (Schleicher, 1873, p. 32) as espécies é o que chamamos de família de língua, as raças de uma espécie são os dialetos de uma língua, os subdialetos (falares) correspondem às variedades das espécies e a fala característica de uma pessoa corresponde ao indivíduo.

A contribuição de Schleicher no tocante à linguística geral é muito significativa sobretudo nos estudos morfossintáticos. Parte obviamente da divisão que Humboldt faz entre substância e forma. A partir dessa divisão, Schleicher discute como a significação e as relações se manifestam. As significações se manifestam a partir de uma leitura da natureza, são as raízes das palavras, na explicação de Humboldt, a ideia materializada, e as relações se manifestam nas formas. Todas as línguas apresentam o nível das relações, nas monossilábicas e isolantes por meio de recursos suprasegmentais ou por meio de raízes linguísticas que as indicam, como tempo, modo etc., e nas flexionais e nas aglutinantes por meio de partículas fonológicas específicas, as desinências.

Schleicher concebe o ser humano na perspectiva da língua. Ao mesmo tempo que ele é livre como ser independente que se movimenta, sua identidade só existe pela língua. Um homem-individual é livre porque pensa. Mas, somente pensa pela língua que adquiriu na comunidade em que foi educado, portanto, pensa como um cidadão/sujeito (homem-individual) daquele espírito nacional.

2.2. William Dwight Whitney conceituou língua e linguagem e homem e indivíduo

William Dwight Whitney nasceu nos Estados Unidos em Nothampton, estado de Massachussetts, a 9 de fevereiro de 1827, e morreu em Haven, estado de Connecticut, a 7 de junho

de 1894. A obra de Whitney está fortemente vinculada à obra de Humboldt. No artigo "Steinthal on the origin of language", que foi publicado em 1871 no volume *Whitney on language*¹, escreveu que Hajjim (Hermann ou Heymann) Steinthal foi o discípulo, o intérprete e o continuador de Wilhelm von Humboldt. Segundo Whitney (1971 [1871], p. 134), Steinthal foi o homem na Alemanha e talvez no mundo inteiro que compreendeu a obra de Humboldt.

Na versão para a língua francesa de sua obra *The life and growth of language: an outline of linguistic Science*, que ficou nomeada como *La vie du langage*, Whitney distinguiu a comunicação humana em *linguagem*, *língua* e *fala*. Especificamente, a distinção em *langage* e *langue* fez porque procurava uma definição para o objeto de estudo para a ciência da linguagem, ou seja, a linguística. Os capítulos 1 e 2 dessa obra têm os nomes que revelam essa intenção: o primeiro "The problems of the Science of language" que em francês ficou "Les problèmes de la science et du langage" e o segundo "How each individual acquires his language: life of language" e em francês "Comment chaque homme acquiert sa langue: vie du langage".

Fez modificações nos títulos, mostrando no primeiro sua concepção quanto a implicação da ciência e da linguagem, ou seja, objeto e metodologia são uma extensão um do outro. Mostra no texto incertezas quanto ao objeto de estudo da linguística, bem como quanto à forma geral da comunicação humana, aos poucos encontraria no texto em francês a divisão linguagem e língua. No segundo capítulo ocorre a efetivação dessa distinção e conseqüentemente entre indivíduo e *homem*². Em inglês o título tem as palavras *individual* e *his language*, em francês é *homme* e *sa langue*. As edições partem do texto produzido até abril de 1875, data que aparece no prefácio. Nesse texto aponta

1. Whitney, William Dwight. *Whitney on language: Selected Writings*. USA: Colonial Press, 1971.

2. Whitney não usou outro termo para esse conceito. É muito semelhante aos conceitos de homem-indivíduo em Humboldt e Schleicher e de sujeito-falante em Saussure e de sujeito em Benveniste.

como início desse pensamento o livro que publicara em Nova Iorque e em Londres em 1867 *Language and the study of language/Langage et Etude du langage*.

Em Whitney, o indivíduo aprende a língua. No primeiro parágrafo desse capítulo diz que de uma maneira resumida a linguagem pode ser definida como a expressão do pensamento. Acrescenta que tudo o que tem uma forma que se presta a dar forma ao pensamento é linguagem. Assim, "a linguagem propriamente dita é um conjunto de signos pelos quais o homem exprime conscientemente e intencionalmente seu pensamento ao homem: é uma expressão destinada à transmissão do pensamento" (1899, p. 1).

Todos os seres humanos falam. Para Whitney, a linguagem é natural ao ser humano e um privilégio. Concorda que os animais inferiores têm meios de expressão suficientes para as necessidades em grupo, mas é infinitamente inferior à humana, nem pode ser chamada apropriadamente de linguagem. A linguagem propriamente dita, a dos seres humanos, é uma de suas faculdades principais. Entretanto, mesmo sendo a língua dos seres humanos única entre o reino animal, ela contém inúmeras variações. É uma enorme quantidade de línguas e de conjuntos de signos audíveis, sem considerar características individuais dos falantes, e a incompreensão entre os seres humanos é comum.

As línguas são muito variadas tanto nas palavras quanto nas gramáticas, a diversidade inclusive marca a diversidade de capacidade intelectual entre os usuários dessas línguas. A variação nas línguas não segue padrões, nem de raça nem de continente nem de famílias de línguas. As línguas simplesmente variam. Então a linguagem é uma característica da natureza humana, uma de suas faculdades principais e a língua é um conjunto de signos audíveis, em grande número entre os seres humanos, vinculadas aos povos que as falam. Em Whitney, claramente, a linguagem é uma capacidade intelectual do ser humano e a língua a forma de comunicação de cada povo.

O ser humano depois que aprendeu a falar pode enriquecer a língua que lhe foi transmitida pelas gerações anteriores. A criança

se apropria daquilo que aos poucos os falantes mais experientes vão lhe ensinando: palavras, signos e símbolos. Dentro de poucos anos, torna-se capaz de produzir tudo o que as gerações anteriores lhe passaram e que sua inteligência assimilou. Esse conhecimento ela vai aumentar e vai transmitir às gerações subsequentes.

Whitney (1899, p. 21) escreveu que a faculdade de definir um assunto, de discuti-lo, de julgar suas relações por comparações, é dada somente pela linguagem. Ela é que serve aos seres humanos para corrigir antigas noções e adquirir outras. Até mesmo as estruturas particulares das flexões e das composições de palavras são variáveis em cada língua, pois cada uma das linguagens exprime e subentende o que lhe convém. Cada linguagem tem seu quadro de distinções estabelecidas, suas fórmulas e seus moldes nos quais são lançadas as ideias do ser humano e que compõe sua língua materna (*mother-tongue*).

Nesse caso, como Whitney queria estabelecer uma clara distinção entre a linguagem e a língua, e o inglês regularmente só tem a palavra *language*, ou seja, não estabelece uma distinção formal entre esses conceitos, ele usa a composição *mother-tongue*. Na versão para o francês, usou os termos que todas as línguas derivadas do latim têm *linguagem* e *língua*. A linguagem e a língua ficaram claramente conceituadas em seu texto: a linguagem como sendo o “aparelho da razão” que todos os seres humanos têm e a língua como sendo o conjunto das regras, aparelhos auxiliares, através das quais os seres humanos manifestam seus pensamentos.

Whitney afirma que é evidente que o ser humano aprende sua linguagem própria e só chega a falar pela memória. Calcula um número relativamente pequeno de palavras para a conversa das pessoas mais instruídas e um número ainda menor para as menos instruídas. Factualmente, todo crescimento de vocabulário do indivíduo acontece por operações exteriores, ou seja, lendo ou estudando. Tudo isso é uma continuação da aquisição do primeiro número de palavras na língua materna, em condições ligeiramente diferentes. Desse modo, pela memorização, acon-

tece todo aprendizado das línguas, daquela materna do indivíduo e das línguas estrangeiras dos *homens* (sujeitos/cidadãos).

Whitney disse: "Il n'est pas impossible, à première vue, que le langage, considéré comme une institution d'invention humaine, soit sujet au changement" (1880, p. 28). A linguagem é uma instituição humana, transmitida pela tradição, e como as outras instituições humanas é modificada no curso dessa transmissão. A transmissão é imperfeita e inexata. Ninguém pode impedir que uma instituição transmitida boca a boca se modifique. Ao aprender a língua materna dos adultos que a cerca, a criança adquire a forma usual. A educação pode tornar a criação mais atenta, assim ela pode recompor traços originais da língua, mas, do contrário, a forma vai ser mantida modificada.

Com o passar do tempo, a criança sai da condição de submissa à língua que aprende com os outros. No início sua competência só lhe permite adquirir aquilo que a circunda. Mas a certa idade, sua competência alcança a condição em que sua inteligência é igual à soma das ideias contidas em sua língua. A partir desse momento, esse cidadão se esforça para ampliar os moldes que aprisionam suas ideias. Então o espírito modifica, amplia os moldes e os adapta a suas necessidades próprias. Isso se aplica a toda conjuntura social. Um matemático quando estuda, a certo ponto, por exemplo, alcança noções que são superiores às que já conhecia. Nesse ponto, é preciso criar palavras para expressar o novo formato dos moldes de seu pensamento. Em qualquer exercício de pensamento que um ser humano faça isso vai acontecer, com toda linguagem técnica existente e com qualquer linguagem em uso.

Whitney discute a participação do indivíduo e da sociedade no que chama de obra da linguagem. Diz que a parte da sociedade na linguagem é dada pelo fato simples de ser percebida, pois uma língua não pode ser obra de um indivíduo, mas é evidentemente de uma coletividade. A língua existe antes de tudo como meio de comunicação entre os cidadãos. Para toda a massa de seres humanos ela existe somente para isso. Uma forma individual que nenhum outro indivíduo compreende, não pode

ter o nome de língua. As mudanças que ele fizer morrerão com ele, se a comunidade não os assimilar. Na verdade, essa barreira é inútil, já que o indivíduo vive no império do social, essa necessidade fará com que sempre se adapte às condições de relação com os outros membros da sociedade.

Por outro lado, a sociedade é constituída por indivíduos, somente o indivíduo pode agir. É essa a maneira como ela se mantém em consonância com as necessidades e atualidades. Desse modo, uma atitude individual pode aos poucos se tornar um hábito de toda a sociedade, o fato é que o indivíduo não transforma a sociedade, é ela que se transforma quando seleciona de entre as ações individuais, quais estão de acordo com sua forma de existência. Whitney nomeia esse participante da sociedade como *homem*, numa terminologia muito semelhante a que Humboldt usava: homem-individual. O *homem* é o ser humano individual adulto, ou seja, cidadão que assimilou suas regras, e é, então, capaz de influenciar nessa sociedade. A memória pertence ao indivíduo. O *homem* aprende sua linguagem na sociedade, assim ele tem sua língua.

Whitney distinguiu claramente a linguagem como capacidade humana³ e a língua como instituição social. Certamente chegou a esse resultado em suas aulas de alfabetização. Essa distinção provavelmente está baseada nos conceitos de Humboldt de língua interna e língua externa. Frequentemente diz que o *homem* desenvolve sua língua e que o indivíduo tem a faculdade de linguagem. O fato é que Whitney fez a conceituação do termo linguagem como capacidade humana e a língua como instituição social. Essa distinção está claramente no texto que Whitney escreveu em francês, depois de tê-lo escrito em inglês. A importância de Whitney para o desenvolvimento da ciência da linguagem é imenarrável. Ele foi a fonte principal dos estudiosos da antropologia estadunidense: Sapir e Bloomfield, que iniciaram os es-

3. O conceito de *linguagem* como capacidade do ser humano foi primeiramente elaborado por John Locke.

tudos por lá. Também foi uma fonte primordial para Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Whitney transformou os conceitos da Gramática Comparada em conceitos renovados e muito mais simples que fomentaram o nascimento das principais teorias de linguística geral modernas do início do século XX.

2.3. O conceito de indivíduo na linguística estadunidense

2.3.1. Em Edward Sapir, na sociedade o indivíduo adquire a fala

Edward Sapir nasceu em Lauenburg, na Pomerânia, Alemanha, atualmente Leborg, Polônia, em 26 de janeiro de 1884 e morreu em New Haven, Connecticut, em 4 de fevereiro de 1939. Foi para os Estados Unidos com 5 anos de idade. Era falante nativo de alemão e aprendeu inglês quando criança.

Para Sapir, o ser humano fala somente porque vive em sociedade. Inicia seu texto no livro *Language* (1921) comparando as atividades dos seres humanos *andar* e *falar*. Aos seres humanos falar parece tão familiar quanto andar. Argumenta que andar é uma ação vinculada aos instintos, é orgânica, enquanto falar é vinculado à sociedade. Sapir diz que se um indivíduo humano for abandonado sozinho quando nascer, se ele sobreviver, certamente vai andar, mas não falará. O que fica evidenciado é que o falar é aprendido, relacionado à cultura, oposto ao andar que é relacionado à natureza. "Speech is so familiar a feature of daily life that we rarely pause to define it. The process of acquiring speech is, in sober fact, an utterly different sort of thing from the process of learning to walk" (Sapir, 1921, p.2).

Supostamente, por essa comparação inicial chega-se a uma classificação nessa obra de Sapir no tocante ao que é próprio da natureza do indivíduo, portanto, *inato*, e o que é adquirido da cultura na sociedade em que se encontra. O que é orgânico está

separado do que é cultural. De um lado está a natureza, como andar e respirar, seus exemplos, de outro a cultura da sociedade, como falar. Dá para depreender também que o que é da cultura é aprendido pelo indivíduo, que nasce com a condição de aprender.

O que fica evidente em seu texto é que a língua é uma criação dos seres humanos em sociedade, uma necessidade dos relacionamentos. O indivíduo está predestinado a falar, mas isso ocorre pela necessidade. Em Sapir, todos os sistemas dos seres humanos acontecem ou são desenvolvidos pela necessidade que eles teriam deles. Logo, algumas funções do corpo, como o andar, se desenvolvem rapidamente, porque são biológicas, mas a fala depende do ambiente social. "It is of course true that in a certain sense the individual is predestined to talk, but that is due entirely to the circumstance that he is born not merely in nature, but in the lap of a society that is certain, to lead him to its traditions" (Sapir, 1921, p. 2).

Sapir demonstra as diferenças entre as atividades humanas do andar e do falar. Andar varia de indivíduo para indivíduo, ao passo que falar varia de sociedade em sociedade. A fala varia entre os grupos sociais porque é de natureza histórica e herança dos grupos. Todas as formas da língua são criações da mente humana. Nada cresce diretamente da natureza. Em Sapir, a língua é um fato na mente dos indivíduos, mas é de caráter estritamente social. Como está dito na citação abaixo, ela é puramente humana e um método não instintivo de comunicar ideias, emoções e desejos por meio de um sistema voluntário de produção simbólica. "Language is a purely human and non-instinctive method of communicating ideas, emotions, and desires by means of a system of voluntarily produced symbols" (Sapir, 1921, p. 7).

O fato é que em Sapir o indivíduo só existe como fórmula da natureza, como todas as outras criações dela. Sua existência identitária e sua individualidade como ser humano é integralmente dependente do aprendizado da língua da sociedade. Isso acontece quando ele, criado no interior de uma sociedade e através do contato com os membros mais velhos, aprende a falar. A língua

não é uma atividade instintiva e sim cultural. Quando trata da língua e da fala como produto do pensamento e como acontecimento na relação natureza e cultura, a língua como a instrumentalizadora do pensamento, Sapir se aproxima de Humboldt. A língua é um aprendizado contínuo, associado à cultura de uma nação (sociedade). O indivíduo nasce como algo da natureza, como explicara Platão, e na sociedade é transformado em ser humano, quando observa e reproduz a língua e o que ela ensina a ele. O conceito de língua e indivíduo de Sapir reflete os conceitos antropológicos de língua e indivíduo de Humboldt.

2.3.2. Em Leonard Bloomfield, individualidade e subjetividade são concomitantes

Leonard Bloomfield nasceu em Chicago em 1887 e morreu em New Haven, Connecticut, Estados Unidos. O trabalho de Bloomfield sempre esteve fortemente vinculado ao trabalho de Franz Boas e de Edward Sapir e tem como fonte citada as obras de Wilhelm von Humboldt. Seu trabalho mais importante, *Language*, publicado primeiramente em Londres e depois, em 1933, em Nova Iorque, é considerado como um texto fundador de linguística estrutural.

Bloomfield escreveu em inglês, é claro, sua língua nativa. Divide a comunicação humana em *speech-community* e *language*. Fica evidente em suas obras *An introduction of study of language* (1913) e *Language* (1933) a diferença entre *language* e *speech-community*. *Language*, em português *língua*, é a forma de comunicação de uma comunidade linguística interpretada das regularidades no *speech*, e *speech*, em português *fala*, é o que um ser humano individual dessa comunidade realiza a cada ato de materialização cultural do pensamento em uma comunidade.

A fala é realizada por fonemas, morfemas e orações, contextualizadas na cultura geral da sociedade entre os indivíduos falantes. Assim, na fala está a estruturação geral da cultura, ao mesmo tempo, ela é uma manifestação individual que alimen-

ta a cultura. Os conceitos de *Speech-community* e *language* de Bloomfield são excelentes exemplificações do conceito do termo *energeia* desenvolvido por Humboldt da filosofia de Aristóteles. O que existe na comunidade é a fala de cada participante. Do conjunto de todas as manifestações se retira a formulação reiterada e repetida, mas que nenhum indivíduo falante tem consciência. "A speech-community is a group of people who interact by means of speech; the speech-community, therefore, is the most important kind of social group" (Bloomfield, 1933, p. 42).

A fala não é biologicamente herdada. A criança aprende-a particularmente e inteiramente vinculada ao ambiente. Bloomfield argumenta que uma criança adotada ou imigrante aprende a fala da comunidade igualmente àquela que ali nasceu. Uma vez tendo aprendido a falar, fala sem demonstrar traços de outra fala. Evidentemente Bloomfield não está incluindo crianças que sejam bilíngues. Diferenças hereditárias, sejam elas quais forem, lábios, dentes, laringe, origem étnica etc., não afetam a produção da fala ou qualquer outra ação que faz construí-la. Assim, a comunidade de fala é um grupo social constituído de indivíduos, que só existem pelo reconhecimento em si da pertinência da comunidade, em grande parte, esse reconhecimento acontece pela própria fala, logo, o indivíduo é constituído como ser humano na fala.

Em Bloomfield a capacidade da criança se revela na interação com os outros membros mais experientes da comunidade. A fala que a criança aprende, conforme se torna mais capacitada, será a sua materna. Portanto, a individualidade e a subjetividade acontecem por meio da fala. Em Bloomfield, a individualidade é do animal, que sempre é capaz de sentir emoções e expressá-las. Entretanto, entre os animais em geral e o ser humano a diferença é que os outros animais usam fórmulas gestuais combinadas com sons vocais em número reduzido e, no ser humano, a expressão das emoções é ilimitada por meio de expressão vocal.

Evidentemente, tornar-se membro de comunidade de fala significa adquirir a cultura dessa comunidade. Em Bloomfield, o processo de aquisição da fala acontece pela aquisição do modo

de comunicação linguística dessa comunidade, que é chamada de língua. Antes dessa aquisição, que acontece pela reprodução dos sons ouvidos, não existe na criança uma identidade, individualidade, ou subjetividade, somente depois de adquiri-la isso começa a existir. "Every child that is born into a group acquires these habits of speech and response in the first years of his life. This is doubtless the greatest intellectual feat any one of us is ever required to perform" (Bloomfield, 1933, p. 29).

"Todos que aprenderam uma língua, o fizeram pela interação". Isso está dito no texto: *An Introduction to the study of language* (1913, p. 17). A língua é desenvolvida na troca de mensagens, é assim que os indivíduos desenvolvem em si a língua. A língua individual não é uma criação, mas consiste nos hábitos adotados dos outros membros da comunidade nas relações de comunicação. O resultado disso é que o indivíduo é incapaz de reproduzir a fala de maneira diferente da forma que a comunidade como um todo usa, ou seja, ele deve falar como os outros falam, ou não será compreendido. Desse modo não pode haver mudança na fala da qual o indivíduo seja consciente, as mudanças são graduais nos hábitos da comunidade.

O indivíduo, portanto, recebe seus hábitos da comunidade, os motivos individuais não entram em jogo, mas apenas as causas que afetam a comunidade como um todo. O indivíduo, desde a infância, pratica sua fala até os detalhes dela estarem automatizados e inconscientes. Raramente tem conhecimento das características específicas, como as fonéticas e as gramaticais que estão envolvidas. A individualidade somente existe manifestada na fala, por meio dos hábitos recebidos da comunidade, logo, somente o que é comum a todos pode ser percebido na fala. Por outro lado, a individualidade é reconhecida pelas características físicas corpóreas dos seres humanos, mas a identidade é integralmente uma representação subjetivada, constituída pelo indivíduo linguístico, da comunidade da qual ele é uma célula semelhante às outras.

CAPÍTULO 3. SOBRE A LÍNGUA, O SUJEITO E O TEXTO

1. Em Ferdinand de Saussure, o indivíduo produz texto como sujeito-falante.

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, Suíça, a 26 de novembro de 1857 e morreu em Morges, a 22 de fevereiro de 1913. No *Curso de Linguística Geral* (2006 [1916], p. 12), na introdução, está escrito que os neogramáticos tinham explicado que a língua é um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Saussure assumiu didaticamente a divisão da fórmula linguística humana em três nomes *linguagem, língua e fala*: “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (2006, p. 16). O que se depreende dessa assertiva e de outras de Saussure é que a fórmula linguística dos seres humanos tem um lado social, a língua, como forma de intermediação entre os indivíduos e um lado individual que é a fala. Mas Saussure está dizendo que os lados acontecem juntos no processo de comunicação humano, que ele chamou de discurso em outras assertivas. Logo, no discurso se juntam a língua e a fala e isso é a linguagem. Não só para Saussure, mas para Humboldt, como já havia sido para Aristóteles, a língua humana somente existe como discurso-texto. A língua-discurso está para o indivíduo, do mesmo modo que o discurso-texto está para o sujeito.

Saussure certamente adotou de Whitney (1875) essa terminologia para separar o que é coletivo e permanente, nomeado de *língua*, do que é individual e acidental, nomeado de *fala (parole)*. Factualmente isso permite analisar o que é conhecimento, registrado na memória cultural na sociedade no formato de textos, em relação ao que é criatividade, ou seja, como os produtores desses textos moldam e praticam esse conhecimento. O conhecimento ou a língua, Saussure afirma que suas memorizações são feitas passivamente pelos indivíduos. O indivíduo é responsável

pelo uso que faz da língua, em todos os sentidos. Ele tem um controle relativo importante em relação a sua fala. Como é a fala que deposita na memória a língua, Saussure não disse, mas se pode deduzir, o aprendizado é de responsabilidade do indivíduo.

Saussure, apesar de ter demonstrado que o pensamento funciona no formato de texto, em nenhum momento analisa o texto, em suas discussões sobre a fórmula de criação do sentido por meio dos textos, sempre mostra essa fórmula na perspectiva do indivíduo, mesmo que, evidentemente, compreendia que a individualidade como identidade somente existe pelo exercício discursivo do sujeito-falante. Em Saussure [1916], a identidade e individualidade são sempre linguísticas. A língua, que é um princípio de classificação, é o que permite o exercício da faculdade de linguagem. Ele disse que para bem compreender esses papéis, deve-se passar do ato individual, que é o embrião da linguagem, e abordar o fato social, que é a língua.

Nenhuma noção de indivíduo é possível sem uma clara noção de língua. A distinção entre língua e linguagem é pouco palpável, por isso, mesmo que haja muita polêmica sobre essa distinção ou semelhança, o que é factual é a língua, porque ela pode ser descrita como sistema, como diatopia, como diacronia e como sincronia. Da mesma forma, resulta complexo discutir indivíduo e sujeito-falante, a partir da obra de Saussure, evidentemente ambos são relativos à língua para um ser humano. Saussure deixou clara a relação individualidade e sociedade, na terminologia fala e língua. No *Curso de Linguística Geral* existem milhares de fórmulas para dizer sobre a língua:

Ao adotar a língua, dentro da conceituação de que ela é uma instituição social, a primeira de todas, Saussure concentrou a análise da perspectiva da comunicação humana a partir da coletividade. Em sendo coletiva, essa perspectiva inspira a observá-la pela classificação que exerce nos participantes da coletividade. Logo, o participante não poderia ser um indivíduo, porque esse é, pela conceituação anterior, pleno de liberdade, mas deveria ser o sujeito-falante. Saussure separou a língua como objeto de

estudo da linguística e separou também o indivíduo do sujeito. O sujeito-falante é uma parte da coletividade e, como os outros sujeitos-falantes, realiza em seu discurso passivamente o sistema da língua, oprimidos por sua estrutura.

Ao discutir a cadeia de significações, Saussure diz que a articulação pode significar a divisão da cadeia falada em sílabas, como a subdivisão da cadeia das significações. Diz que (2006, p. 18) “por essa segunda definição, é a faculdade de constituir uma língua que é natural ao homem”. Nesse *constituir* fica a imagem de que a língua não é ensinada ao indivíduo, mas que ele, naturalmente, por estar preparado para isso, constrói uma língua para si. Discutindo a teoria de Broca, diz que (2006, p. 18) “tudo leva a crer que exista uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência”.

A fala é um ato individual em que acontece a realização psicofísica e a combinação pelo sujeito-falante em seu discurso do código da língua para expressão do pensamento. Quem realiza a língua, pode fazer somente depois que a internalizou. Quem internaliza é o indivíduo, quem usa é o sujeito-falante. Assim, é preciso ter claro os argumentos de Saussure: a língua está depositada na mente dos indivíduos, mas a *parole* que é individual, é realizada como discurso por um sujeito-falante, ou seja, o indivíduo ao usar a língua faz como sujeito-falante. Abre-se uma diferença entre os termos indivíduo e sujeito, o primeiro é o que possui a língua na memória e o segundo é a manifestação psicológica em discurso. É importante observar que no termo *parole* (fala ou palavra) não está contido o significado de discurso: *Rede* (em alemão) *correspond à peu près à “parole”, mais y ajoute le sens spécial de “discours”* (Saussure, 1995, p. 31).

Saussure diz que é a faculdade de associação e de coordenação que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema. Para compreender essa faculdade, é preciso sair do ato individual e abordar o fato social. Diz que todos os indivíduos assim unidos pela linguagem reproduzem aproximadamente os mesmos signos unidos aos mesmos con-

ceitos. Saussure aponta para a complexidade do processo. Não é a parte física do circuito da fala que gera a cristalização, porque, mesmo compreendendo os sons, não conhecendo o sistema, fica-se alheio ao fato social. A parte psíquica do discurso, o indivíduo, como sujeito, é o responsável e pode controlar, porque é exclusivamente dele.

Diz que é pelas faculdades receptiva e coordenativa também que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos. A língua se constitui da totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos. Saussure fala que é como um tesouro depositado nos indivíduos pela prática da fala, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro. Para ele, de modo completo, a língua só existe na massa. Acrescenta que a língua é registrada passivamente pelo indivíduo, não supõe premeditação nem reflexão.

Uma série de questões surge aqui em relação aos antecessores abordados nesse texto. Herder, Locke e Schleicher apontam para a faculdade da *reflexão*. É difícil saber se se trata da mesma coisa, porque Saussure não explica o que entende por reflexão, mas é de se supor que seja a mesma coisa, porque a reflexão intervém para a atividade de classificação. Para Locke, é a reflexão que distingue os seres humanos dos outros animais, porque os cinco sentidos todos os animais têm. Também para Herder funciona desse modo, a reflexão é a competência que o indivíduo humano tem de incluir à língua os signos com os quais entra em contato, portanto, é pela reflexão que o indivíduo aprende. Isso está dito de maneira semelhante em Schleicher. Humboldt diz que o indivíduo pode escolher o que aprender. Quanto à premeditação não dá para saber de qual teoria anterior Saussure está retomando, porém, no caso da teoria de Humboldt, ela não está na organização do sistema, mas na parte do sistema da qual o indivíduo quer fazer parte. Saussure diz que "é um mau método partir dos termos para definir as coisas" (2006, p. 22). Enfim!

O fato é que as teorias não se invalidam, ao contrário, se complementam. Humboldt está falando do aprendizado contí-

nuo, para sua teoria todo aprendizado se resume a adquirir a língua, para ser exato, o discurso sobre aquele tema. Assim, se um homem-individual decide aprender um determinado conhecimento, vai adquirir a língua ou a versão da língua que armazena aquele conhecimento. Humboldt leu e usou as teorias de Herder, de Condillac, de Locke, de Aristóteles e de Platão. Platão, no *Crátilo*, separa as palavras em convencionadas para quem as usa e sugestionadas para o fazedor de nomes. Saussure disse que o indivíduo registra passivamente a língua que está pronta no social. Numa síntese se poderia dizer que, se algum indivíduo decidir aprender algo, encontrará nomes prontos, feitos por um *fazedor*, e certamente os aprenderá passivamente, porém somente poderia incluí-los em seu discurso pelo exercício da reflexão.

Saussure está discutindo a língua, que é a representação da sociedade. De acordo com Saussure, a fala e o discurso, sempre em forma de texto, são de responsabilidade do indivíduo e sujeito-falante. Saussure, entretanto, não discutiu o aprendizado da língua, disse que ela é classificável entre os fatos humanos, que ela é o principal sistema de signos e que ela é necessária para que a fala seja inteligível. Disse que o ser humano nasce com a capacidade de constituir uma língua, está evidente que isso acontece na relação com o meio social, porém Saussure não se aprofundou no processo de aquisição.

Para definir essa sistematização de Saussure, deve-se partir do fato de a língua fazer a unidade da linguagem e é necessária para a fala. Está depositada na mente dos indivíduos de uma sociedade. Os atos de fala são individuais e os indivíduos são responsáveis por eles. O que se depreende é que o indivíduo só se identifica por meio de sua fala, que é regida pelas regras sociais da língua. Assim, o indivíduo é independente somente na parte psicofísica e totalmente dependente do fato social, que o constitui como sujeito-falante e o qual permite reconhecer seu discurso como parte de si mesmo. Factualmente, como parte da massa social, o indivíduo só é identificado como sujeito-falante em uma língua e sociedade.

2. Em Antoine Meillet, o sistema da língua é individual

Paul Jules Antoine Meillet nasceu na França, em Moulins, em 11 de novembro de 1866, e morreu em 21 de setembro de 1936, em Châteaumeillant. Meillet foi aluno de Ferdinand de Saussure em Paris e sua obra *Introduction a l'étude comparative des langues indo-européennes* foi dedicada ao mestre: "A mon maître M. Ferdinand de Saussure a l'occasion des vingt-cinq ans écoulés depuis la publication du *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*" (1878-1903). Ele deve ser identificado como gramático comparatista. Isso é facilmente comprovável pelos títulos de seus livros, muito mais ainda pelo conteúdo deles. É preciso dizer que Meillet ficou infeliz com o conteúdo do *Curso de Linguística Geral*, disse em cartas que Charles Bally não teria sido fiel às ideias de Ferdinand de Saussure, logo, as ideias que Meillet expressa, às vezes semelhantes às do *Curso de Linguística Geral*, não estão relacionadas ao Saussure professor em Genebra, mas ao professor em Paris.

Meillet aborda a língua pela perspectiva do indivíduo. Na obra *Introduction a l'étude comparative des langues indo-européennes* há uma forte relação terminológica com a obra de Wilhelm von Humboldt. "Do ponto de vista do indivíduo, como ele diz, a língua é um sistema complexo de associações inconscientes de movimentos e de sensações, por meio da qual ele pode falar e compreender as palavras emitidas pelos outros" (Meillet, 1908, p. 05).

De acordo com Meillet, o sistema é próprio de cada ser humano e não pode ser encontrado repetido em nenhum outro de maneira idêntica. Semelhante a Saussure, diz que há um valor presente na sociedade da qual faz parte o indivíduo, que o torna sensivelmente parecido com os outros e que faz com que ele seja compreendido pelos outros. Meillet deixa claro que a língua só existe na mente dos indivíduos, mas as mesmas associações se impõem a todos os membros de um grupo com mais rigor que qualquer outra instituição social. Após as publicações de Humboldt, todos os pensadores da linguagem apontam a língua

como uma instituição social. No contexto da língua, nenhum dos membros pode fazer desvio em suas regras e nem aceita que outros membros o façam. Logo, imanente aos indivíduos, segundo Meillet, a língua se impõe a todos, por isso ela é não só uma realidade psicológica, mas também psíquica e social.

O fato é que para Meillet o sistema da língua é individual, existe particularmente em cada ser humano, diferente de todos os outros. Na sociedade em que se encontra o indivíduo existe um valor, conhecido por todos, que faz a compreensão das falas entre todos. Segundo ele, a língua somente existe no pensamento, na sociedade o que existe é a fala; em suas palavras: “centro nervoso, motor e sensível, de cada indivíduo” (1908, p. 5).

O sistema da língua não é transmitido de indivíduo a indivíduo. No máximo, o que um adulto ensina a uma criança é o sistema sonoro da língua. Cada criança deve constituir ela mesma o sistema da língua, cada vez que um novo indivíduo aprende a língua de uma sociedade, introduz novidades. Como Meillet disse (1908, p. 6, grifos meus): “ce système d’associations ne se transmet pas directement d’individu à individu; comme on l’a dit, le langage n’est pas une oeuvre, un *ergon*, c’est une activité, une *energeia*” (...).

A língua para Meillet, citando Humboldt, é energia, ou seja, discurso ou fala, nunca uma coisa ou uma coisa fixa, como numa descrição gramatical. Humboldt diz, com essa ideia, que se deve estudar o movimento da comunicação no discurso e não as estruturas endurecidas das fórmulas descritas. Isso seria amplamente repetido na Gramática Comparada e a linguística tomou isso como fórmula obrigatória na Neogramática, sobretudo, após as aulas de Ferdinand de Saussure. Segundo Meillet, após aprender a falar, cada criança deverá constituir sua própria língua. Ela não receberá de seus ensinadores mais do que uma repetição de articulação e deverá constituir por si mesma as associações entre os sons e as sensações. Não receberá qualquer estrutura, deverá por meio de tentativas criar modelos semelhantes àqueles que os outros membros da sociedade utilizam.

Evidentemente Meillet estava lendo Humboldt nesses conceitos. A língua é individual em todos os sentidos para ele, como é para Humboldt. O indivíduo não aprende ou assimila a língua, mas desenvolve pela reprodução ou repetição a fórmula da comunicação do grupo em sua memória. A criança é responsável pelo desenvolvimento e fará por um sistema metodológico seu a partir da interação com os membros mais experientes do que ela do grupo. Também para Meillet, fica evidente que o desenvolvimento linguístico nunca é interrompido e continua sob a escolha individual. Também fica evidenciado, como na obra de Humboldt, que é a estrutura social transmitida pelo desenvolvimento da língua que transforma o indivíduo em membro do grupo, porque ele jamais poderá não aceitar as regras da fala e da sociedade, sua individualidade só existe pela subjetivização da sociedade.

Na obra *Linguistique historique et linguistique générale*, publicada em 1921, Meillet explicou que a linguagem é eminentemente um fato social, fato social como havia explicado Émile Durkheim. Aponta para uma questão importante nesse trabalho, que as línguas não existem fora dos sujeitos que a falam. De fato, a linguagem é individual, sempre aponta para essa característica, e a língua está no sujeito falante. Essa ideia, desenvolvida em sua obra, ficaria claramente amadurecida e demonstrada na obra de um de seus alunos mais famosos: Émile Benveniste.

A língua não tem uma existência autônoma, não é de forma alguma um ser corpóreo. Ele diz (1921, p. 16) que essa é uma constatação evidente, mas que não pode ser realizada, comparável à maioria das proposições evidentes. Se a realidade de uma língua, disse, não é nada substancial, ela claramente não existe substancialmente, tampouco sua realidade é sempre linguística e social. A realidade é linguística, pois uma língua constitui um sistema complexo de meios de expressão, em que tudo está em equilíbrio e pronto. Uma inovação individual muito dificilmente poderia acontecer, seria como um capricho e uma invenção pouco adaptada ao sistema. Para ser individual, no sistema da língua, a expressão teria de romper com as regras gerais, isso dificilmente seria assimilado

pelo sistema. Meillet deixa claro, ele também, que a individualidade se caracteriza como identidade do sujeito que fala na sociedade.

A circunstância é bastante óbvia, o sujeito se encontra sob a imposição de ser entendido, por isso se mantém na mais justa identidade possível no uso da fala. Se ele fugir dessa identidade, cairá imediatamente na *quarentena social*, sofrendo sanções imediatas e até cruéis. Nas sociedades civilizadas modernas, são excluídos de todos os principais empregos por testes todos os cidadãos que não sabem se submeter às regras da sociedade, adotadas pela comunidade muitas vezes de maneira arbitrária. Através da limitação de modificar a forma de língua a que todos os sujeitos falantes estão submetidos, ela se coloca como uma lei absoluta que rege a vida social dos cidadãos.

De acordo com Meillet, somente as mudanças na estrutura social podem modificar as condições de existência da forma língua. Argumenta que os fatos históricos por si mesmos não determinam diretamente as mudanças linguísticas. Logo, para ele, a linguística, como ciência, deveria determinar a qual estrutura social corresponde uma estrutura linguística dada e como as mudanças na estrutura social são traduzidas em mudanças na estrutura linguística.

Assim sendo, pode-se dizer na proposição de Meillet que toda mudança na sociedade também acontecerá na forma língua. O fato é que antes de ocorrer na sociedade, a forma da língua conterà a mudança, porque, como havia explicado Humboldt, o pensamento é fato antes do fato social. O pensamento e a linguagem são fórmulas concomitantes, no cérebro do indivíduo e nas ações dos sujeitos, por isso Humboldt nomeou o ser falante de homem-individual. A linguagem e a sociedade estão absolutamente emparelhadas, organizadas pela forma da língua, porque a língua é uma instituição que goza de grande autonomia. Em Meillet e seus seguidores a linguagem é a instituição humana, a forma da língua é a manifestação no interior da sociedade, elas somente se distinguem didaticamente. Ao aprender a instituição da linguagem, o indivíduo se manifesta como sujeito pela fala na sociedade.

3. Em Hjelmslev, o indivíduo torna-se sujeito falante, como em Saussure.

Louis Trolle Hjelmslev nasceu em Copenhague em 3 de outubro de 1899 e morreu em 30 de maio de 1965. O livro mais conhecido de Louis Troler Hjelmslev é *Prolegômenos para a teoria da linguagem*, mas, neste texto, será o objeto de estudo sua primeira obra, escrita em 1928, *Principes de grammaire général*. Nesse livro, a partir da leitura de muitos autores, desde a época clássica, Hjelmslev traça o perfil evolutivo da gramática e da contribuição dos estudiosos para a evolução dos estudos gramaticais. A gramática de uma língua, segundo Hjelmslev (1928, p. 40) reportando-se a Albert Sechehaye (1870-1946), é um sistema construído *a priori*, mais ou menos perfeito, sabendo como funciona mais ou menos o organismo psicológico do ser humano. Por ela é possível se dar conta suficientemente da maneira como o sujeito falante se utiliza dela.

O objetivo aqui neste trabalho é de mostrar a relação entre indivíduo e sujeito, por isso não se fará uma revisão nos conceitos sobre a gramática apresentados por Hjelmslev, apesar de o grande interesse que o tema gera. O levantamento que se faz, portanto, mostrará a concepção de indivíduo e de sujeito falante nessa obra de Hjelmslev, na qual a distinção entre esses conceitos implica claramente em entender a existência humana como sendo marcada pela língua falada. Hjelmslev diz que, quando se fala de sistema concreto, fala-se em norma. É a norma que constitui a língua como exterior ao indivíduo e, diferentemente da fala, é a norma somente que pode ser observada por um método objetivo. "C'est ce système qu'on appelle la norme. Une norme se constitue dans n'importe quelle communauté linguistique, dans n'importe quel groupe de sujets parlants a un moment donné, en un milieu donné" (Hjelmslev, 1928, p. 238).

Na citação do parágrafo anterior, Hjelmslev está discutindo variação nos grupos e nos indivíduos. Durante a vida de um indivíduo, ele passará por várias gerações. Hjelmslev fala em duas ou três, nelas estariam mudanças concretas. Também

existem variações que são individuais, mesmo que pequenas. Dessa forma, cada indivíduo constitui um sistema concreto completo. Do mesmo modo, cada grupo constitui um sistema concreto completo, formado pelas particularidades de todos os indivíduos. Isso é a norma, que se constitui em todas as comunidades linguísticas, em qualquer grupo de sujeitos falantes, não importa o momento nem o lugar.

Muitos dos conceitos, Hjelmslev adotou de Ferdinand de Saussure. A língua existe para o sujeito falante numa coletividade. Diz que a linguagem se concebe como uma organização, e que ela é de caráter essencial. Os dados empíricos levam a crer que todas as línguas são dominadas por uma forma, que se exprime numa série de categorias, constituindo um sistema. A linguagem é um estado, segundo Hjelmslev, pode-se chamar isso de a concepção gramatical. Como a linguagem é da essência do indivíduo, ela é um estado gramatical no indivíduo.

Na imensa e profunda revisão conceitual sobre a gramática que Hjelmslev faz nessa obra, coloca Wilhelm von Humboldt como o pensador central para a modernidade. Ao falar de linguística sincrônica na página 56, lembra a colocação de sincrônico como sinônimo de estático. Diz que se deve evitar o termo estático, porque ele está cheio de significações que muito facilmente causam mal-entendidos. Hjelmslev lembra que o termo fora usado por muitos autores como Gabelentz, Sechehaye e Dauzat e cita Wilhelm von Humboldt, quem disse que na língua nada é estático, tudo é dinâmico. Trata-se da expressão de Humboldt mais citada, que a língua é *energeia* (dinâmica/discurso) e não *ergon* (estática/descrição). Humboldt, como Hjelmslev, fazia referência ao fato de a forma da língua estar no discurso-texto cotidiano e não na descrição gramatical dos livros. "Il serait une confirmation de plus de cette thèse de W. von Humboldt qui reste une vérité incontestable: Les notions grammaticales résident bien plutôt dans l'esprit de celui qui parle, que dans ce qu'on peut appeler le matériel du langage" (Hjelmslev, 1928, p. 87 apud Tombetti, 1922, vol. I, p. 223).

No livro *Sobre a origem das formas gramaticais*, que Humboldt publicou em 1818, estabeleceu como a identidade tipológica de uma língua está concretizada nas formas das palavras, que são fixas, nas formas do enunciado, que são flexíveis, e na forma do discurso, que é dinâmica. Humboldt na obra *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana* de 1836 chamou esses conceitos de técnica das línguas. Discutiu as técnicas fonéticas, das palavras e gramaticais. Em outro ponto dessa mesma obra estabeleceu as formas tipológicas ideadas que se misturam nas línguas: flexão, isolamento, aglutinação e polissíntese. Flexão e isolamento são os extremos do modo de formar língua na espécie humana. A aglutinação é um estágio intermediário em direção a flexão, e a polissíntese é um processo que faz uso de todos os outros e que atua na construção da oração.

A discussão sobre forma e substância que Hjelmslev traz à tona para discutir a forma da gramática é inteiramente baseada em Humboldt. Diz que Humboldt vira bem a necessidade de fazer a separação entre *Form* e *Stoff*. Diz ainda que essa concepção de Humboldt para *Forma* parecia ser idêntica àquela adotada por M. Albert Sechehaye. Diz que por outro lado *Stoff* (substância ou matéria) não é idêntica no aspecto fônico. Esse termo designa, em Humboldt, antes de tudo, o conjunto de materiais que o sujeito falante tem a disposição, não somente os fonemas, mas também os conceitos puros. Aponta outra diferença importante entre os diversos autores: *Stoff* concentra uma parte, que segundo Hjelmslev, não é da ordem linguística, mas da ordem psicológica. Humboldt chamou essa parte de identidade da palavra, na modernidade o conceito que resume essa ideia é o de contexto.

Hjelmslev diz que o conceito de sistema concreto é, fundamentalmente, idêntico ao que Humboldt chamava de *forma interior* das línguas (*innere Sprachform*). Diz que o que mais tarde foi chamado de sistema de uma língua e que ele chamara de sistema concreto, é a forma interior, que também foi chamada de *o espírito da língua*; nas palavras de Humboldt *Sprachgeist*. "En effet, il ne serait pas impossible de l'adopter. Ce terme est,

depuis les temps de von Humboldt, l'expression consacrée pour designer les systemes concrets" (Hjelmslev, 1928, p. 218).

O termo forma interior, segundo Hjelmslev, pode induzir a crer que se trate apenas do sistema associativo, nunca do sistema sintagmático. Em Humboldt, continua Hjelmslev, o conceito de forma interior trata, sobretudo, de um sistema sintagmático. É preciso entender ali tanto um sistema sintagmático como um sistema associativo, em específico ao associativo. Forma interior nunca poderia significar linguagem interior. Hjelmslev sustenta a necessidade de abandonar esse termo dentro da linguística, porque tantos autores usaram o termo para significar tantas coisas que ele ficou inválido. Opta pelo termo *sistema concreto*, que lhe parece oferecer grande vantagem de não significar nada além do estritamente necessário e verdadeiro. Nesse ponto do texto de Hjelmslev, aparece uma importante fusão da obra de Wilhelm von Humboldt e Ferdinand de Saussure, deixando claro que a noção de *sistema concreto* que aparece em Saussure tem o mesmo sentido da noção de *forma interior* em Humboldt.

A definição de linguagem de Hjelmslev está próxima da definição de *Sprache* de Humboldt. A linguagem como atividade de comunicação entre indivíduos. Desse modo, há um retorno às ideias de Herder, indivíduos de uma mesma espécie possuem linguagem para estabelecer comunicação entre si. Do mesmo modo são os seres humanos que possuem uma linguagem própria para se comunicarem. Sem ter como objetivo dar definições para a terminologia, mas objetivava dar uma representação da gramática, disse: "On peut définir le langage comme une activité dont le but est de communiquer le contenu de conscience d'un individu a l'autre" (Hjelmslev, 1928, p. 23).

A linguagem tem por existência a expressão do pensamento ordinário. Assim, a expressão na linguagem é um reflexo do exercício de pensamento corriqueiro e natural, aquele presente no subconsciente e pleno do subconsciente do indivíduo. Ao contrário do que se pode querer, argumenta Hjelmslev, a linguagem não é feita do pensamento artificial e consciente. Por

meio desses argumentos, estabelece qual a natureza da gramática de uma língua. A gramática é um estado de língua, nunca poderia ser a língua de fato. Somente numa medida muito restrita o sujeito falante é capaz de flexionar as leis da língua sob a lógica normativa, afirma. Os elementos ilógicos sempre estarão presentes na língua, faz parte de sua natureza, qualquer tentativa de extirpá-las se chocará com a natureza da língua e da gramática, porque na linguagem tudo é subconsciente.

Conforme acima argumentado, quanto à língua Hjelmslev diz que é um sistema psicológico que repousa sobre uma mentalidade ingênua. A gramática é sempre um estado de língua que não se pode compreender cientificamente quando se perde de vista por um instante esse fato. O sujeito falante quer compreender sua língua de sua maneira. Ele cria associações e categorias todas as vezes que pode, de um jeito ou de outro. Hjelmslev aciona Saussure: para o sujeito falante a sucessão dos fatos da língua no tempo é inexistente. A língua para ele é um estado. Para estudar essa língua, deve-se suprimir o passado, porque essa forma é a única que permite entrar na consciência dos sujeitos falantes, a intervenção da história pode distorcer o julgamento.

Hjelmslev juntou os conceitos de Humboldt e de Saussure. Usando a mesma terminologia de Saussure, fez os ajustes necessários para que se pudesse entender como Saussure aproveitara os conceitos de Humboldt no *Curso de Linguística Geral*. Ele esclarece completamente os conceitos saussurianos de indivíduo e de sujeito falante, demonstrando que o sujeito falante existe no discurso-texto e o indivíduo assimila a língua pela memória.

4. Em Émile Benveniste, a sociedade e o indivíduo só são possíveis pela língua

Émile Benveniste nasceu em Alepo, na Síria, em 27 de março de 1902 e morreu em Paris, 3 de outubro de 1976. Benveniste (1966) concebe a realidade como sendo unicamente linguística.

Tudo é língua. Ele diz (1966, p. 27) “de fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (...) “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo”. Deve-se pensar que antes de adquirir a língua existia um ser animal, que era jovem demais para ter consciência. Se a consciência é produzida pela linguagem, o mundo que os indivíduos conhecem é aquele que aprenderam ao adquirir a língua materna, permanecendo conformados a ela.

Benveniste diz que língua e sociedade não se separam, bem como não se separam indivíduo e sociedade. Além disso, diz que não existe relação direta entre o ser humano e a natureza, nem entre os seres humanos. Toda e qualquer relação sempre é estabelecida pela língua. Por essa seleção de trechos e conceitos de seus textos pode-se entender o que ele diz pela frase: “não é a língua que se dilui na sociedade, mas é a sociedade que começa a se reconhecer na língua” (1966, p. 47).

Quando discute as teorias de Sigmund Freud, Benveniste separa claramente a individualidade da subjetividade. Pensando especificamente no discurso, identifica o sujeito, aquele que fala e que representa a si mesmo pelo discurso. Como ele diz, a palavra é o universo da subjetividade. O discurso é sempre para o outro, como apelo, como expressão da subjetividade. A linguagem não é outra coisa que o espaço da autorrepresentação, para todos os fins, é onde o ser humano se faz cidadão e também se faz racional. Na linguagem, o indivíduo que fala se torna o sujeito que se expressa. Nas palavras de Benveniste (1966, 84), “a língua é uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal”.

Na língua manifestada em texto não existe mais o indivíduo, mas o sujeito criado como pessoa que fala ou que escuta. Tal como explicara Humboldt (1990 [1836], p. 137), Benveniste (1966, p. 250) diz que *eu* é a pessoa que produz o discurso, *tu* é a pessoa que participa do discurso. *Ele* não é pessoa, porque pode ser todos os assuntos de que se fala, é uma não pessoa.

Logo, tanto para Humboldt quanto para Benveniste, existem duas pessoas no discurso: *eu* e *tu*.

A noção da individualidade manifestada pela língua e da existência do sujeito na sociedade como criador e como parte dela, concebidas por Benveniste, o levaria ao conceito de enunciação. O indivíduo é um sujeito que se projetou no discurso como uma pessoa verbal, em um lugar linguístico, marcado por locativos lexicais ou frasais, e num tempo que se desloca do presente agora para outros tempos verbais fora do agora. Logo, o processo de enunciação consiste em construir pelas estratégias da língua um ambiente dêitico que mostra quem está falando, de onde está falando e quando está falando.

No artigo "O aparelho formal da enunciação", começa a discussão pelo "emprego das formas". Aponta que as descrições linguísticas sempre dão um lugar importante para esse assunto. Diz: "o que se entende por isso é um conjunto de regras fixando as condições *sintáticas* nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis" (Benveniste, 1989, p. 81, grifos meus). Benveniste não cita as fontes iniciais para o conceito de enunciação, discute o aparelho formal da enunciação como um assunto corriqueiro dos estudos linguísticos, essa é sua estratégia metodológica.

Afirma que as estruturas linguísticas não se deixam reduzir a um pequeno número de modelos. A dificuldade é que a enunciação é um fenômeno que se confunde com a própria língua. A enunciação é um ato individual de utilização da língua. Ele separa na forma do texto o enunciado expresso e a locução. Diz que "a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação" (1989, p. 82). O ato é individual, ou seja, subjetivo, porque do modo como expõem, a enunciação se compõe do enunciador, do enunciado e do enunciatário. A organização é complexa e sempre subjetiva, em qualquer ato de entendimento, em todos os usos e manifestações textuais,

os participantes do “circuito da fala” devem ser enunciador e enunciatário em um enunciado.

De fato, enunciador, enunciatário e enunciado devem ser reduzidos à enunciação, já que um ser humano somente fala quando ouve e somente escreve quando sabe ler. Assim sendo, o enunciado só existe na interpretação feita por uma enunciação. Diante de um enunciado linguístico, falado ou escrito, todos têm somente suas experiências memorizadas como suporte, todos estão sozinhos como enunciação do texto. “O mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (Benveniste, 1989, p. 83). Assim sendo, as noções de enunciador, enunciatário e enunciado são meramente didáticas, concretamente somente a enunciação pode ser concebida, todas as vezes que alguém interpreta um objeto construído pela língua.

O produtor de um texto é sempre o parâmetro para a organização da enunciação, mesmo que isso seja somente um hábito cultural ou de propriedade intelectual. O texto pertence ao produtor do discurso, no sentido de ser ele o criador do objeto de significação, mesmo sendo ela compreendida somente pelo leitor. Pouco importa se um produtor tenha de fato construído as significações ou não, que os diferentes leitores transformem em enunciação, elas serão atribuídas ao produtor do enunciado, de sua autoria, por toda a eternidade do discurso. Assim, a enunciação é livre para produzir o locutor. Num ato individual de leitura, o leitor vivifica o enunciado e projeta a enunciação. Depois disso, a enunciação se torna a formadora do enunciado e todas as significações lidas no texto são a ela atribuídas, eternamente. Deve ficar claro, que não existe uma enunciação, mas a cada leitura outra enunciação, independentemente de quem seja o leitor.

Benveniste disse que “o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala” (1989, p. 84). O indivíduo o faz por meio dos recursos da língua que seja sua, por meio dos pronomes pessoais e demonstrativos projeta-se como

indivíduo, centro da enunciação. Os tempos verbais localizam o sujeito da enunciação em relação ao agora. O ser humano somente existe pela inserção do discurso no mundo. Benveniste sintetiza essa ideia na frase: “o ‘eu’, o ‘aquele’, o ‘amanhã’ da descrição gramatical não são senão os ‘nomes’ metalinguísticos de *eu*, *aquele*, *amanhã* produzidos na enunciação” (1989, p. 86). O que caracteriza a enunciação, segundo Benveniste, é a relação no discurso com o parceiro leitor, o ser que faz par com o locutor na produção do texto.

Fez uma distinção nas condições de emprego das formas do ponto de vista morfológico e gramatical. Diz que, em seu modo de ver, as formas e a língua não têm condições de emprego idênticas. Identifica ou separa as formas como estratégia morfológica ou rígida, enquanto a língua funciona com regras flexíveis, vinculadas à competência do enunciador. As gramáticas normativas das várias línguas, de um modo geral, falam em formação de palavras e em produção de texto, as regras para o sistema formal das palavras são rígidas, mas nos níveis textuais as regras são de relações gerais entre os elementos, assim favorecendo a atuação enunciativa.

Émile Benveniste foi um comparatista moderno, que teve a oportunidade de ler Wilhelm von Humboldt e Ferdinand de Saussure, como Antoine Meillet, seu mestre, lia. Em seus textos não estão referências a nenhuma obra que tivera lido; nem mesmo a Antoine Meillet, seu orientador na Sorbonne, existem referências precisas. Seus artigos, juntados nos dois volumes conhecidos com *Problemas de linguística geral* I e II, são, cada um, discussões sintéticas e precisas sobre um determinado tema. Do modo como ele os apresenta metodologicamente não há razão para citar fontes. Evidentemente, Benveniste tinha Humboldt como fonte de seus conceitos, e a relação entre seus conceitos de indivíduo e sujeito é muito próxima aos conceitos de indivíduo e homem-individual de Humboldt, bem como dos conceitos de indivíduo e sujeito-falante de Saussure e Antoine Meillet.

REFERÊNCIAS GERAIS

ARISTÓTELES. **Categorias**. Rio de Janeiro: Regia, 1814. Tradução Silvestre Pinheiro Ferreira.

ARISTÓTELES. **Sobre a interpretação**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2010.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTINE, Mikhail (V. n. volochinov). **Le marxisme et la philosophie du langage**. Tradução Marina Yaguello. Paris: Minuit, 1977.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1976.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BLOOMFIELD, Leonard. **An introduction to the study of language**. Nova Iorque: Henry Holt, 1914.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Londres: Copton, 1933.

BOAS, Franz. Mind of the primitive man. **The journal of American Folklore**. v. 14, n. 52, 1901.

CONDILLAC, Étienne Bônnot. **Traité des sensations; Traité des animaux**. France: Fayard, 1984.

CONDILLAC, Étienne Bonnot de. **Textos escolhidos** (Tratado dos sistemas; Tratado das sensações; Lógica). São Paulo: Abril Cultural, 1986. Coleção Os Pensadores

HERDER, Johann Gottfried. **Abhandlung über den Ursprung der Sprache**. Berlin: Königl. Akademie der Wissenschaften, 1770.

HJELMSLEV, Louis. **Principes de grammaire générale**. Copenhagen: Hovedkommissionar, 1968 [1928].

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, [1939] 1975.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts**. Berlin: Königlichen Akademie, 1836.

LEIBNIZ, Gottfried W. **Princípios da Natureza e da Graça fundados na Razão**. Lisboa: LusoSofia press, 1714.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Edouard Champion, 1921.

PLATÃO. **Diálogos: Teeteto – Crátilo**. Tradução Carlos Alberto Nunes, Belém: UFPA, 1973.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Abril, 1979. Coleção Os Pensadores

PLATÃO. **Fedão**. Disponível em: <<https://bit.ly/2wMD55O>>. Acesso em: 15 out. 2019.

SAPIR, Edward. **Language: an introduction to the study of speech**. New York: Harcourt, Brace, 1921.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHLEICHER, Friedrich. **Les langues de l'Europe moderne**. Paris: Garnier, 1852.

SCHLEICHER, Friedrich. **Compendium of the comparative grammar of the indo-european, Sanskrit, greek and latin language**. Londres: Thübner, 1877.

STEINTHAL, Hermann. **Abriss der Sprachwissenschaft**. Berlin: Harrwitz und Gossmann, 1871.

WHITNEY, William D. **La vie du langage**. Paris: Germer, 1875.

WHITNEY, William D. **The life and growth of language**. Nova Iorque: Appleton, 1897.

Caro Leitor,
Esperamos que esta obra tenha
correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões:
sac@editorialpaco.com.br

☎ 11 98590-3878

Publique sua obra pela Paco Editorial

EDIÇÃO DE QUALIDADE, DIVULGAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NACIONAL



Teses e Dissertações

Todas as teses e dissertações
representam contribuições
significativas para a área
de seu trabalho.



Grupos de estudo

Resultados de estudos e
discussões de grupos de
pesquisa de nível
de livros acadêmicos.



Capítulo de livro

Uma oportunidade para autores
de nível que possam
participar com a publicação
de trabalhos.



Teachers e Profissionais

Uma porta de acesso
à atuação de profissionais
de sua área de atuação.

Envie seu conteúdo para avaliação:

livros@pacseditorial.com.br

11 4521-4315

☎ 11 98594-0872

www.editorialpaco.com.br/publique-na-paco/

Todo mês novas chamadas são abertas:

www.editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/

Conheça outros títulos em
www.pacolivros.com.br

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Sales Block, 658
Ed. Altos do Arhangélio – 2º Andar, Sala 21
Arhangélio - Jundiaí/SP - 13208-100

Título	Indivíduo – Língua – Sujeito
Autor	Sebastião Elias Milani
Coordenação Editorial	Simone Silva
Assistência Editorial	Andressa Marques Giovanna Ferreira Tais Rodrigues
Capa	Matheus de Alexandro
Projeto Gráfico	Larissa Codogno
Preparação e Revisão	Talita Franco
Formato	14x21cm
Número de Páginas	112
Tipografia	Life BT
Papel	Alta Alvura Alcalino 75g/m ²
1ª Edição	Julho de 2020

Sebastião Elias Milani, professor doutor, pesquisa e ensina linguística na Universidade Federal de Goiás. Pelo desenvolvimento regular da carreira foi promovido em 2019 a professor titular. Já publicou outros quatro livros cuja temática também é a história e filosofia da linguagem. Seus temas de interesse nos estudos da linguagem estão vinculados ao modo como os textos escritos durante a história, quando alinhados em sequência, facilitam a compreensão de todas as filosofias e teorias. Seu novo projeto, com a participação de seus alunos, é estudar a formação da língua portuguesa brasileira falada no estado de Goiás.

O animal, ao nascer, começa a ter contato com o mundo social, afinal quase todos os animais nascem num núcleo familiar. O ser humano é um animal cuja capacidade psíquica o transforma em cidadão. Sua capacidade de memória, diferentemente dos outros animais, faz com que armazene muita informação rapidamente, com isso passa a agir e reagir segundo as informações memorizadas, a partir do primeiro instante na vida social. A informação é sempre da língua, nela está contida toda a cultura nacional. A língua transforma o indivíduo-animal em cidadão e em sujeito de sua estrutura metodológica. Ao falar, o indivíduo, cidadão da sociedade, dirá eu, tornando-se o sujeito sintático da língua. Assim, como sujeito, permanecerá por toda sua existência. Tudo que existe como parte da vida social vincula-se, numa forma paradigmática, com o que existe na natureza, desse modo o indivíduo representa, por sua natureza físico-corpórea, a espécie biológica. O indivíduo-humano não se separa de sua língua, e todo o conteúdo de sua memória é aprendido ao entrar em contato com textos que o reproduzem para ele. A língua afasta o indivíduo-humano de sua natureza animal e faz dele um sujeito da sociedade.

ISBN 978-65-87782-15-7



9 786587 782157



/PacoEditorial



@PacoEditorial



@Paco_Editorial

